

Perspectivas para a agropecuária

Volume 6 – Safra 2018/2019

BRASÍLIA, 2018

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Blairo Maggi

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor-executivo de Operações e Abastecimento

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

Diretor-executivo de Gestão de Pessoas

Marcus Luis Hartmann

Diretor-executivo Administrativo, Financeiro de Fiscalização

Waldenor Cezário Mariot

Diretora-executiva de Política Agrícola e Informações

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Gestão da Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerente de Fibras e Alimentos Básicos

Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior

Gerente de Produtos Agropecuários

Thomé Luiz Freire Guth

Gerente de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro

Gerente de Inteligência, Análise Econômica e Projetos Especiais

Fernando Gomes da Motta

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 6 – Safra 2018/2019



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: < <http://www.conab.gov.br>>
Impresso no Brasil
ISSN: 2318-3241

Responsáveis Técnicos: Wellington Silva Teixeira e Stelito Assis dos Reis Neto
Colaboradores: Fernando Gomes da Motta, João Figueiredo Ruas, Leonardo Amazonas, Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior, Thomé Luiz Freire Guth, Wander Fernandes de Sousa.
Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin
Diagramação: Guilherme Rodrigues
Normalização: Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843.

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

338.5
C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.
Perspectivas para a agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.1
– Brasília : Conab, 2013-
v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

ISSN: 2318-3241

Anual

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio externo. I. Título.

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento
Superintendência de Gestão de Oferta
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6240
<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

Apresentação	07
Algodão	
1. Introdução	08
2. Panorama internacional	09
3. Panorama nacional	11
4. Perspectiva para a próxima safra	13
5. Considerações finais	16
Arroz em casca natural	
1. Introdução	17
2. Panorama internacional	18
3. Panorama nacional	23
4. Perspectiva para a próxima safra	27
5. Considerações finais	29
Carnes	
1. Introdução	30
2. Mercado internacional	31
3. Mercado interno	35
4. Mercado externo	38
5. Perspectivas para 2019	40
Feijão	
1. Introdução	43
2. Panorama internacional	44
2. Panorama nacional	45
3. Perspectivas para 2018/2019	49
4. Considerações finais	52
Lácteos	
1. Introdução	55
2. Mercado internacional	55
3. Mercado nacional	60
Milho	
1. Introdução	68
2. Panorama internacional	69
3. Panorama nacional	73
4. Perspectivas para a próxima safra	76
5. Considerações finais	82
Soja	
1. Introdução	84
2. Mercado internacional	85
3. Mercado nacional	94

APRESENTAÇÃO



Há 12 anos a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) vem realizando trabalho de suma importância para o setor agropecuário brasileiro, com a elaboração e análise das Perspectivas para a agropecuária.

Seu objetivo maior é o de colaborar com a tomada de decisão do produtor rural em sua estratégia de produção, visando garantir uma maior rentabilidade. São apresentados neste trabalho fatores como aspectos macroeconômicos, geopolíticos, gargalos na infraestrutura, questões conjunturais e custos de produção. Nesse contexto, é bom ressaltar que o intuito da Conab não é dizer ao produtor rural o que e quanto plantar, e sim quais as culturas que têm a perspectiva de apresentar maior rentabilidade, dados os aspectos de oferta e demanda, bem como a liquidez de cada uma para que se conscientize dos desafios possíveis para a próxima safra.

No trabalho de perspectiva deste exercício destacam-se alguns pontos que serão fundamentais para a estratégia dos processos de produção e de comercialização dos produtos em análise. Tais pontos são: as relações comerciais e tarifárias entre Estados Unidos e os outros países, como China, México e membros da União Europeia; o tabelamento de fretes e seus impactos no escoamento da safra; e o cenário político brasileiro, visto que a safra 2018/19 se realizará em um novo governo, o que tende a impactar, sobretudo, na questão cambial.

Finalmente, pode-se afirmar que o trabalho da Conab na elaboração dessas perspectivas é um excelente conjunto de informações que pode nortear o produtor rural a diminuir riscos, buscando uma melhor rentabilidade com sua atividade produtiva.

Thomé Luiz Freire Guth

Gerente de Produtos Agropecuários - Gerpa

ALGODÃO

BRUNO PEREIRA NOGUEIRA



Foto: Martha Helena Macedo.

1. Introdução

A fibra de algodão é a principal matéria-prima da indústria têxtil brasileira e mundial, mesmo diante da crescente concorrência com as fibras sintéticas. Seu subproduto, o caroço, representa importante fonte energética, podendo ser utilizado de forma in natura para alimentação animal, ou esmagado, permitindo a elaboração de subprodutos importantes, tais como a torta para ração animal e o óleo, utilizado pela indústria de gênero alimentício, de combustíveis, entre outros.

O algodão é um produto de extrema importância socioeconômica para o país. Além de ser a mais significativa fonte natural de fibras, toda a cadeia que envolve o produto e seus derivados é uma importante fonte de renda e empregos. Assumindo uma posição de destaque entre os principais produtores de algodão, o Brasil possui grande vantagem competitiva e estratégica, devido à sua posição geográfica. Segundo o ranking ordenado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o país assume a 4ª posição entre os maiores produtores, atrás da Índia, da China e dos Estados Unidos da América. Já entre os maiores consumidores de pluma, ocupa a 7ª colocação.

O presente trabalho tem como escopo analisar os números do mercado nacional e internacional de algodão, com o intuito de antever a sua situação no que tange ao ano-safra 2018/19. Será feita uma análise dos mercados nacional e internacional, separadamente, para depois finalizar com a análise de perspectiva baseada em projeções das questões macroeconômicas que afetam o mercado desta fibra.

2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda mundial

De acordo com o Usda, em seu relatório de julho, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,931 milhões de toneladas. Já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,15 milhões de toneladas. Este resultado significaria uma queda de 2,89% na produção. As primeiras estimativas eram de que a produção novamente crescería e ficaria acima do consumo. Porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos por EUA e China, hoje o mercado trabalha com um *deficit* para a próxima safra.

Ainda de acordo com o Usda, para a safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo, o que deverá fazer os estoques de passagem crescerem em 0,72%. Já para a safra 2018, como já foi dito, o cenário deve se inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 5,69% maior que a produção.

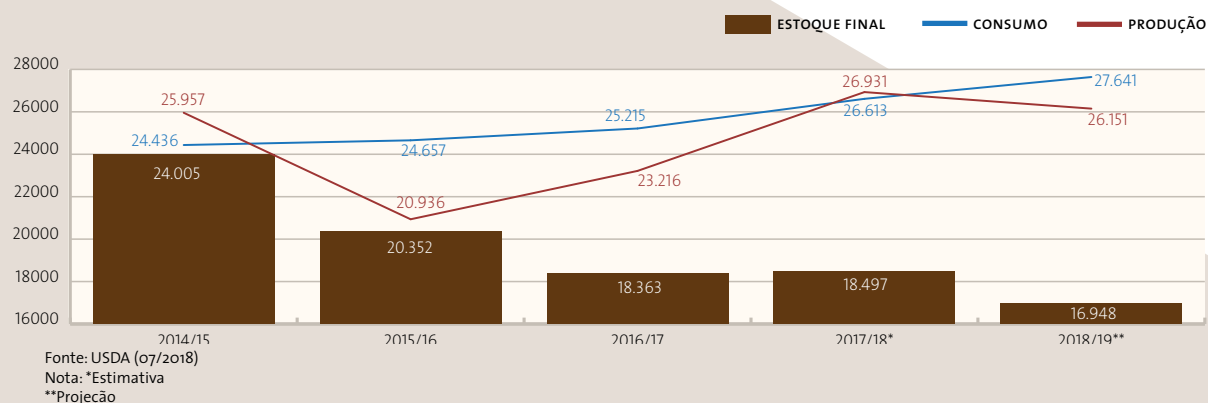
Tabela 1.
Balanço de oferta e demanda - em milhões de toneladas de algodão em pluma

SAFRA	EVENTOS	MUNDO
2016/17	1. ESTOQUES	132,79
	2. PRODUÇÃO	486,71
	3. IMPORTAÇÃO	41,32
	4. SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	660,82
	5. CONSUMO	482,74
	6. EXPORTAÇÃO	47,21
	7. DEMANDA TOTAL (5+6)	529,95
	8. ESTOQUE FINAL (4-7)	136,77
	9. RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	28,33
2017/18	1. ESTOQUES	136,77
	2. PRODUÇÃO	488,60
	3. IMPORTAÇÃO	48,18
	4. SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	673,55
	5. CONSUMO	481,51
	6. EXPORTAÇÃO	48,32
	7. DEMANDA TOTAL (5+6)	529,83
	8. ESTOQUE FINAL (4-7)	143,86
	9. RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	29,88
2018/19 (PREVISÃO)	1. ESTOQUES	143,86
	2. PRODUÇÃO	487,80
	3. IMPORTAÇÃO	46,44
	4. SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	678,10
	5. CONSUMO	487,91
	6. EXPORTAÇÃO	49,21
	7. DEMANDA TOTAL (5+6)	537,12
	8. ESTOQUE FINAL (4-7)	143,75
	9. RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	29,46

Fonte: USDA (07/2018)

Detalhes do último relatório mundial de oferta e demanda do Usda podem ser vistos na Tabela 1. Já no Gráfico 1, pode-se visualizar o comportamento das principais variáveis do mercado mundial do algodão nos últimos cinco períodos. Da safra 2014/15 para cá, houve uma grande queda da proporção dos estoques. Isso ocorreu diante da reversão da política de estoques públicos da China, que adquiriu grande quantidade de pluma com a estratégia de proteger sua indústria. De lá pra cá, essa política agressiva foi mitigada e, atualmente, a China já se desfez de muito produto por meio de leilões públicos, e, com isso, a relação estoque-consumo vem diminuindo, impactando positivamente nos preços.

Gráfico 1.
Disponibilidade de pluma no mercado mundial

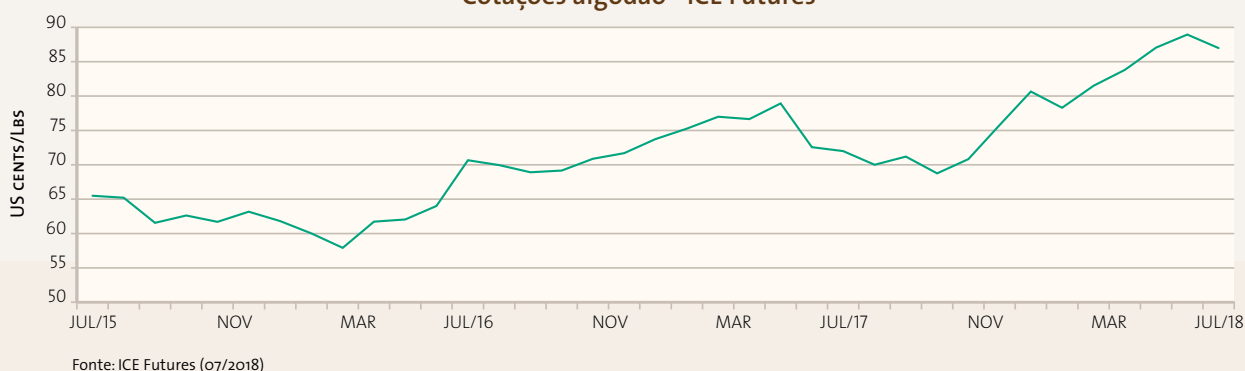


2.2. Preços internacionais

Como na maioria das commodities, o quadro de oferta e demanda mundial é fundamental para análise da trajetória dos preços, sendo a disponibilidade do produto fator primordial para tal diagnóstico. Como pode ser visto no Gráfico 1, no geral, consumo e produção vêm numa trajetória ascendente. Porém, a demanda pela pluma apresenta uma trajetória mais constante, o que deve proporcionar, de acordo com as perspectivas iniciais de mercado para a safra mundial 2018/19, o terceiro *deficit* nos últimos quatro períodos.

Diante deste cenário de suprimento global apresentado, o Gráfico 2 mostra a evolução dos preços nos últimos anos, no mercado futuro do algodão na Bolsa de Nova Iorque. Mesmo com um cenário de leve *superavit*, pouco mais de 1%, os preços se mantiveram firmes neste ano, principalmente devido à boa demanda pelo algodão norte-americano e pela queda dos estoques chineses, o que fez com que o país asiático retomasse as importações.

Gráfico 2.
Cotações algodão - ICE Futures



2.3. Projeções para a próxima safra

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de julho, citado acima, o *deficit* projetado hoje para a próxima safra é de 1,49 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se quedas de 1% na produção da Índia, 3,62% na da China e 2,68% na dos Estados Unidos. Já quanto aos principais consumidores, projetam-se aumentos de 3,65% no consumo chinês, 4,14% no indiano e 0,95% no do Paquistão.

Diante de um cenário global de *deficit*, o produtor brasileiro pôde diminuir suas preocupações diante da boa safra que está sendo colhida. E, também, poderá continuar otimista para ainda aumentar a área para a safra 2018/19.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

Segundo o 11º levantamento de safra da Conab, divulgado no dia 9 de agosto, a produção brasileira de algodão estimada para a safra 2017/18 é de 1.979,4 mil t de pluma. Esse volume é 29,4% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil t. O aumento estimado para a produtividade é de 3,3% e de 25,2% para a área. As informações referentes à pluma estão na Tabela 3. Muitos produtores reduziram a área de cultivo de milho para ampliar a área cultivada com algodão em razão de melhores expectativas de mercado.

Destaque para o aumento de 23,9% na área em Mato Grosso e 31,5% na Bahia. Estes dois estados produzem juntos quase 90% da pluma brasileira. Esse aumento de área expressivo em todo o Brasil foi reflexo de um ambiente promissor para o plantio e comercialização dos produtos. Em relação ao plantio, depois de alguns períodos de seca, a normalidade climática favoreceu a produtividade. Já quanto à comercialização, o cenário global de preços mais altos influenciou positivamente os preços internos. Este cenário deve se repetir na safra 2018/19.

Tabela 2.
Suprimento de algodão em pluma – Brasil (em mil t)

DISCRIMINAÇÃO	2016	2017	2018*
Oferta	1.665,2	1.764,3	2.224,9
Estoque Inicial	349,0	201,2	245,2
Produção	1.289,2	1.529,5	1.964,7
- Centro/Sul	996,9	1.129,3	1.429,5
- Norte/Nordeste	292,3	400,2	535,2
Importações	27,0	33,6	15,0
Demanda	1.464,0	1.519,1	1.730,0
Consumo Interno	660,0	685,0	720,0
Importações	27,0	33,6	15,0
Exportações	804,0	834,1	1.010,0
Estoque Final	201,2	245,2	494,9
Meses de Uso	1,6	1,9	3,4

Fonte: Conab / Secex /SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac (agosto/2018)
Nota: (*) estimativa

Tabela 3.
Algodão em pluma - em milhões de toneladas

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	(D)	(D/C)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	263,0	259,2	(1,4)	4.129	4.045	(2,0)	1.085,8	1.048,3	(3,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.219	8,9	120,0	136,5	13,8
NORDESTE	229,2	265,9	16,0	1.908	1.975	3,5	437,3	525,2	20,1
MA	141,6	173,9	22,8	1.807	1.923	6,4	255,9	334,3	30,6
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
CE	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
RN	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
PB	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
BA	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.653	(0,5)	732,3	655,6	(10,5)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.852	(4,1)	109,3	104,8	(4,1)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.611	6,2	54,7	53,0	(3,1)
MG	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
NORTE/NORDESTE	492,2	525,1	6,7	3.095	2.997	(3,2)	1.523,1	1.573,5	3,3
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,6	(3,2)	7.258	7.250	(0,1)	10.804,7	10.451,7	(3,3)
BRASIL	1.980,9	1.966,7	(0,7)	6.223	6.114	(1,7)	12.327,8	12.025,2	(2,5)

Fonte: Conab

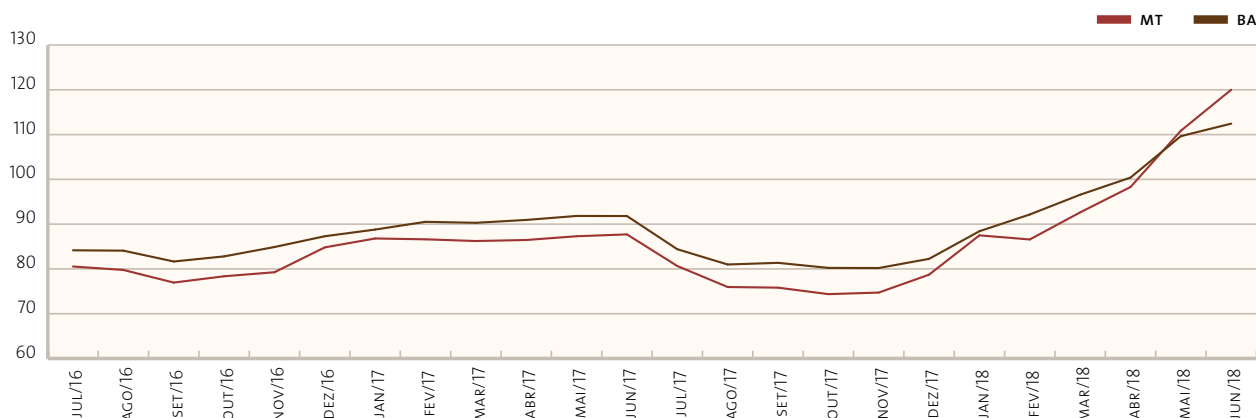
Nota: Estimativa em agosto/2018

3.2. Preços nacionais

A média dos preços no atacado, indicador do algodão Cepea/Esalq, com pagamento em oito dias, apresentou forte alta de junho de 2017 a junho de 2018. Foi uma valorização de 37,8%, com a média de junho deste ano fechando em R\$ 124,22 por arroba. Já em relação aos preços recebidos pelo produtor, entre julho de 2016 e junho de 2017, a valorização foi de 34% na média mensal na Bahia e 49% no Mato Grosso. A trajetória dos preços ao produtor pode ser visualizada no Gráfico 3.

Os preços chegaram a patamares tão elevados tanto no atacado, quanto ao produtor, diante do tripé baixa disponibilidade de pluma no mercado no final da entressafra, pois a quase totalidade já havia sido comercializada; real desvalorizado; e preços internacionais em alta. Como a grande maioria da pluma produzida já havia sido vendida, o produtor não comercializou seu produto nesse preço de pico, mas, mesmo assim, ele conseguiu fazer negócios a bons preços no período anterior.

Gráfico 3.
Preços ao produtor – R\$/@



Fonte: Conab

Entre julho e 2017 a junho deste ano, o Brasil exportou a expressiva marca de 920 mil t. Nesse mesmo período, a média mensal da cotação do dólar passou de R\$ 3,20 para R\$ 3,77, ou seja, desvalorização do real de quase 20%. Como pouco mais de 50% da safra nacional foi exportada, o produtor passou por um bom momento. Os principais destinos de exportação são os países asiáticos, especialmente Indonésia, Turquia, Malásia, Vietnã e Coreia do Sul.

4. Perspectivas para a próxima safra

4.1. Análise do suprimento

São diversas as variáveis para que se possa construir e prever um cenário para o mercado de algodão global e, principalmente, o nacional na próxima safra. Para se chegar a este objetivo, é imprescindível observar as expectativas quanto ao comércio internacional. O Brasil possui uma importante posição entre os exportadores de pluma e, com o cenário otimista para a próxima safra, deverá alcançar a segunda posição entre os maiores exportadores mundiais, abaixo apenas dos EUA.

De acordo com estimativa da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea), o Brasil deverá exportar cerca de 1,2 milhão de toneladas de pluma de algodão no calendário que vai de julho deste ano até julho de 2019. Ao se confirmar esse número, seria um novo recorde. O período de exportação deverá ser alongado e, diante da quantidade, será um desafio de logística para o setor.

Outro fator que deverá impactar positivamente no cenário para o produtor e fazer com que ele aumente a disposição de plantar algodão na safra 2018/19 é a atual guerra comercial entre EUA e China. A China vem aumentando a sua cota de importação, pois seus estoques estão menores e, como cerca de 500 mil t advêm dos EUA, a tendência é que o país asiático busque outros fornecedores após as sobretaxas impostas ao produto norte-americano, o que poderá favorecer o Brasil.

O fator negativo para a cadeia de algodão é que a recuperação econômica brasileira está sendo mais lenta que o esperado. O Banco Central revisou para baixo o crescimento em

2018, para 1,5%, devido às condições mundiais mais difíceis e à greve dos caminhoneiros. Para 2019, a instituição prevê um crescimento de 2,5%. Além disso, no meio desse período, o país passará por eleições, o que atualmente confere um cenário incerto.

Como já foi dito anteriormente, o otimismo em relação ao próximo plantio de algodão poderia ser frustrado diante de uma grande safra e de um mercado consumidor interno ainda em lenta recuperação. Porém, com a expectativa de um cenário internacional altista e do real desvalorizado (as projeções para 2018 e 2019 do Banco Central são de dólar acima dos R\$3,50), o produtor poderá esperar por preços remuneradores para o próximo ano comercial do algodão.

4.2. Estimativa de preços futuros

Os preços nacionais possuem um altíssimo índice de correlação positiva com os contratos futuros negociados na Bolsa de Nova Iorque. Como já foi dito, a manutenção de preços elevados num ano em que está sendo colhida uma grande safra no Brasil deve-se à combinação de preços internacionais em alta e desvalorização do real. Em 2018, a alta verificada na Ice Futures foi de 14,1%, e no câmbio o dólar valorizou 15,4% em relação ao real. Atualmente, os ganhos nos preços internacionais têm como suporte fundamental a queda acentuada dos estoques mundiais, a incerteza em relação à produção dos EUA e a retomada da demanda global.

Com mais uma redução dos estoques mundiais, a relação estoque/consumo, que chegou a atingir 98% na safra 2014/15, poderá cair para perto dos 60%. Este número não chega a ser preocupante, já que o mercado do algodão costumou trabalhar com estoques próximos dos 50% do consumo. Contudo, pode-se constatar que, nos últimos quatro anos, o mundo demandou quase todo o excedente formado pela China na época de sua política de altos estoques de pluma.

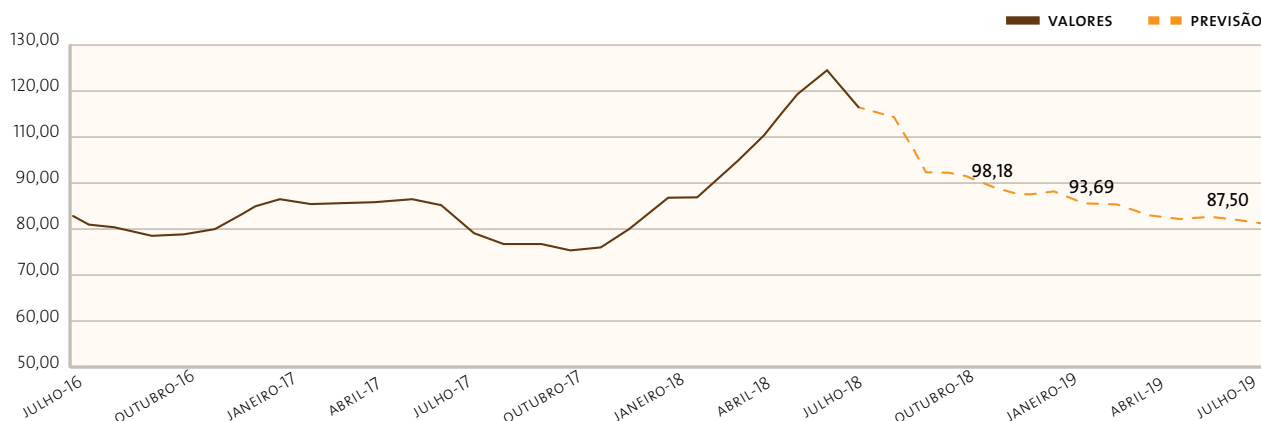
Diante do apresentado acima, pode-se afirmar que esse contexto é ótimo para o setor produtivo brasileiro. Apesar da quase totalidade da safra 2017/18 que está sendo colhida já ter sido negociada, o cenário apresentado tem estimulado a intenção de plantio para a safra 2018/19. Safra esta que, segundo informações, já teve cerca de 50% do projetado total negociado.

Baseado no histórico de preços, realizou-se uma previsão usando econometria de séries temporais, considerando a sazonalidade dos preços, que pode ser vista no Gráfico 4. Porém, como acabou de ser dito, grande parte da pluma brasileira a ser plantada na safra 2018/19, cerca de 50%, já foi negociada antecipadamente, a preços que giram entre R\$ 86,00 e R\$ 92,00/@.

Quanto ao restante não negociado da safra 2018/19, ao se analisar os preços futuros da Bolsa de Nova Iorque, os fundamentos de mercado e o cenário brasileiro, tem-se, no Gráfico 4, uma possível trajetória nos preços no atacado até julho de 2019. Deste modo, a expectativa média para o preço da pluma no atacado de outubro de 2018 a julho de 2019 é de R\$ 97,00/@.

Decompondo o valor no atacado até o produtor no interior de Mato Grosso, uma perspectiva média para a próxima safra 2018/19 seria o preço da arroba da pluma em torno dos R\$ 90,00.

Gráfico 4.
Preços Nacionais no Atacado, em R\$/15kg, e Previsão



Fonte: Cepea

4.3. Análise de rentabilidade

A Tabela 4 mostra uma avaliação da rentabilidade estimada para a safra 218/19 de algodão, utilizando como base para a receita o preço médio projetado neste trabalho para janeiro de 2019, que é de R\$ 90,00/@. A produtividade utilizada foi 100@/ha, que é um valor conservador dentro de um cenário climático dentro dos padrões de normalidade.

Tabela 4.
Rentabilidade Rondonópolis - MT

ITENS	UNID.	2016/17	2017/18	2018/19*
1 - Produtividade/ha	@	107	107	100
2 - Preços Rondonópolis - MT	R\$ / @	81,10	94,12	90,00
3 - Receita - produção (1*2)	R\$ / HA	8.650,67	10.108,49	9.000,00
4 - Receita - caroço	R\$ / HA	1.174,15	1.182,23	1.100,77
5 - Receita Bruta (3+4)	R\$ / HA	9.824,82	11.290,72	10.100,77
6 - Custo Variável Médio	R\$ / HA	5.881,16	6.225,97	5.959,00
7 - Margem Bruta (5-6)	R\$ / HA	3.943,66	5.064,75	4.141,77
8 - Rentabilidade (5/6)	%	67,1%	81,3%	69,5%

Fonte: Conab

Notas: Julho 2016, Julho 2017 e *Previsão para Julho 2018
Custo Produção: Maio 2016, Maio 2017, Março 2018

Com a valorização do câmbio durante a safra 2017/18, o custo havia subido na época do plantio. Para o próximo período, observa-se um custo variável menor, porém, leva-se em conta um cenário conservador de produtividade, já que, segundo dados da gerência de custos da Conab, o custo variável de março de 2018 comparado com março do ano anterior, por arroba, subiu de R\$ 57,97 para R\$ 59,59, aumento de 2,79%. A rentabilidade apresentada já não está tão distante da safra passada e, diante do bom cenário para o produtor apresentado acima e no caso da normalidade climática prevalecer, há grandes chances de superá-la, tanto pela melhora do preço, quanto pela elevação da produtividade.

5. Considerações finais

Após uma avaliação da oferta e da demanda mundial, aliada às especificidades do mercado brasileiro, as projeções para a safra 2018/19, apesar de apontarem para uma queda nos preços, são de um cenário que estimula o aumento da área a ser plantada e, consequentemente, da produção.

Apesar de a recuperação econômica brasileira estar bem mais lenta do que esperado, o mercado consumidor mundial deverá absorver o aumento esperado na produção nacional. Já há um consenso em todo o mercado que tanto na safra atual, quanto na safra 2018/19, o Brasil vai exportar mais de 1 milhão de toneladas de pluma. Esse escoamento da produção para fora do país deverá conter uma baixa expressiva dos preços e, consequentemente, manter a remuneração dos produtores em patamares satisfatórios.

ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR

Foto: www.pixabay.com.br (ivre para uso comercial).

1. Introdução

A cadeia orizícola desempenha importante papel na ótica cultural, social e econômica brasileira. O arroz é tradicionalmente um dos produtos alimentícios mais consumidos no país, sendo o seu consumo anual estimado em torno de 12 milhões de toneladas. Ademais, a cadeia produtiva do arroz apresenta destaque na criação de trabalho e renda para a economia interna, com um parque industrial nacional de beneficiamento altamente desenvolvido. Apesar desses pontos fortes do setor, a estrutura de financiamento, as questões tributárias e os problemas logísticos têm dificultado o pleno desenvolvimento da cadeia.

No primeiro semestre de 2018, o cenário do mercado de arroz interno e externo encontraram-se em situações opostas. No mercado mundial, apesar da boa produção mundial, o aumento da demanda internacional refletiu em viés de alta nos preços. No Brasil, mesmo com uma produção dentro da média histórica, a expectativa de incremento no estoque de passagem nacional resultou em significativa desvalorização nos preços locais. Ressalta-se, todavia, que em meio a recente desvalorização da moeda nacional e forte ampliação nos saldos da balança comercial do grão, as cotações valorizaram-se a partir de junho e espera-se que o viés de alta continue ao longo de todo o período de entressafra. Ademais, sobre os estoques de passagens, os significativos *superavit* na balança comercial, a partir de novembro de 2017, refletiram em não concretização da expectativa do mercado de elevado estoque de passagem. A perspectiva de preços, para o período de colheita da safra 2018/19, é de R\$42,00/sc no Rio Grande do Sul.

A produção de arroz compete intensamente com a da soja, principalmente no centro-oeste brasileiro. Nas últimas safras, a consistente demanda internacional e os preços atrativos

da soja atuaram como variáveis inibidoras na expansão da orizicultura. Diferentemente do mercado de soja, o arroz possui mais de 90% de sua demanda concentrada dentro do próprio país, sendo o mercado internacional de menor relevância na formação dos preços internos, se comparado com a soja e o milho, importantes commodities comercializadas pelo Brasil. Porém, apesar de ter menor importância, o fluxo comercial internacional tem sido, nos últimos anos, fundamental no equilíbrio da oferta e demanda brasileira de arroz.

Como exemplo, pode-se citar a safra 2015/16, que registrou uma forte redução produtiva no estado do Rio Grande do Sul em razão de problemas climáticos. A safra em questão contabilizou um montante de 1,4 milhão de toneladas de arroz (base casca), abaixo da média do setor. Em face a este cenário e ao real valorizado ao longo de 2016, as importações apresentaram um crescimento anual de 135,91%, contabilizando 1,2 milhão de toneladas de arroz (base casca), produto principalmente advindo dos parceiros mercosulinos. Na contramão, as exportações retraíram em 34,39% e registraram um volume de 893,7 mil t.

Nas últimas safras, todavia, houve um esforço maior por parte da cadeia produtiva na promoção do arroz brasileiro no âmbito internacional, fato que garantiu para o produtor mais um canal de comercialização do produto colhido. Somado a isso, o produtor gaúcho diversificou a produção e, conseqüentemente, a geração de renda ao destinar antigas áreas de arroz para o plantio da soja. Ou seja, no Sul, diferentemente de outras regiões do Brasil, a introdução da soja nas áreas altas destinadas ao arroz foi fator benéfico para o fortalecimento do setor.

O desenvolvimento tecnológico adaptativo das sementes de soja para a Região Sul foi fundamental nesse processo. Em resumo, o produtor gaúcho, com a diversificação na formação de seu fluxo de caixa, garantiu um maior poder de negociação com o mercado atacadista e varejista.

2. Panorama internacional

No mercado internacional, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), a produção mundial de arroz base beneficiado ficará em 487,8 milhões de toneladas na safra 2018/19, retração de aproximadamente 800 mil t em relação à safra 2017/18. Esse resultado é reflexo, principalmente, da expectativa de retração na produção chinesa em função de uma redução de área, apesar da retomada da produção norte-americana.

Mais especificamente nos EUA, o incremento de produção foi resultado principalmente de uma expansão de área, apesar de ser identificado também um ameno aumento da produtividade. O consumo mundial está estimado em 487,9 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 6,4 milhões de toneladas (1,33%). É importante destacar que é a primeira vez nos últimos anos que o consumo mundial será superior a produção mundial.

Na safra 2017/18, que está sendo comercializada atualmente, apesar do cenário de aumento da oferta e dos estoques de passagem mundiais, espera-se que o fluxo no mercado internacional continue elevado, fato que colabora com a manutenção da demanda do produto de importantes países produtores, como a Tailândia e a Índia. A China (principal país produtor, consumidor e importador) mantém a tendência dos últimos anos de aumento dos estoques de passagem, por meio, majoritariamente, da aquisição de produto de outros países, vide Tabela 1. É projetado que este comportamento chinês se mantenha na safra 2018/19. Sobre o comércio

internacional para safra 2018/19, a previsão é de elevação das exportações em 1,84% ou de 890 mil t.

Na Tailândia, segundo maior exportador mundial na safra 2017/18, observa-se uma continuidade da recuperação da produção em meio a um bom cenário climático para a cultura. Nota-se, nesse país, um incremento da demanda externa advinda de países do sudeste asiático e da África. Todavia, recentemente, a recuperação da produção de Bangladesh, que foi importante importador de arroz nas últimas safras, compromete uma maior expansão das exportações tailandesas e reflete, juntamente com o contínuo enfraquecimento da moeda local (Baht), um viés de baixa nos valores comercializados. Outro fator de destaque na Tailândia é o baixo estoque de passagem, especialmente quando se compara com as últimas safras.

No Vietnã, identifica-se um estoque de passagem reduzido, e a expectativa para a safra 2018/19 é que os níveis permaneçam baixos. Essa conjuntura tem refletido nas cotações internas vietnamitas, apesar do momento atual ser de colheita da safra de verão-outono local.

Acerca dos preços internacionais, após a desvalorização das cotações, com a introdução da política tailandesa de formação de estoques públicos em 2013, os preços voltaram a reagir apenas no ano de 2016, com a alteração da política do país e com a quebra da safra do sudeste asiático (resultado do fenômeno El Niño). Ao longo de 2018, identificou-se uma tendência de alta nas cotações dos principais exportadores de arroz, em face da menor oferta dos EUA e, principalmente, da maior demanda advinda de países que sofreram intempéries climáticas (Bangladesh e Sri Lanka) e que buscam no mercado internacional a reposição de suas ofertas nacionais.

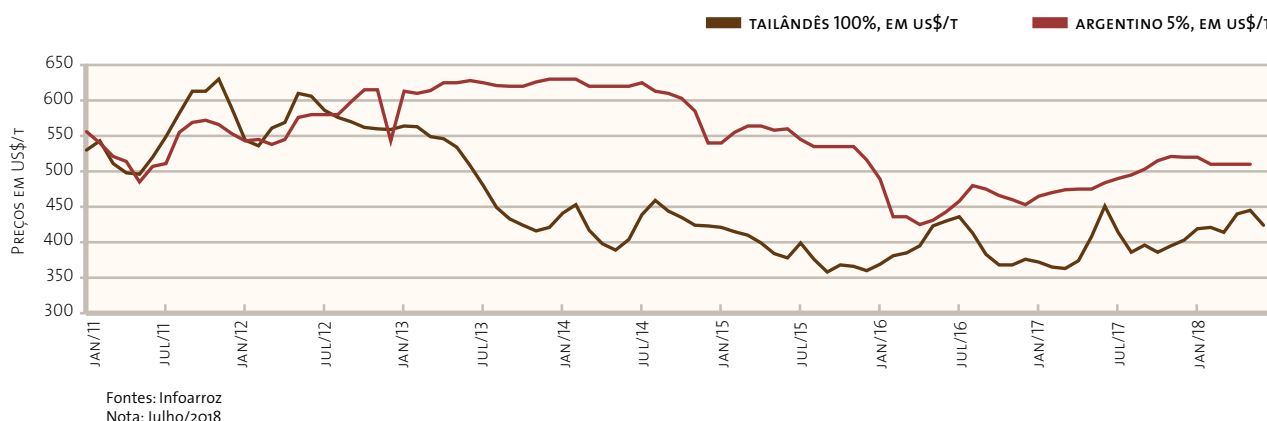
Ademais, a Indonésia (que passa por dificuldade de abastecimento interno) e a África também apresentaram uma maior demanda no primeiro semestre do ano. Atualmente, a Tailândia comercializa por volta de US\$424 a tonelada de arroz 100%, e a tendência atual, em curto prazo, é de ameno arrefecimento nos preços em razão do enfraquecimento da demanda de importantes importadores, como Bangladesh, e desvalorização das moedas locais indiana e tailandesa.

Tabela 1.
Balanço de oferta e demanda dos principais *players* mundiais - em milhões de toneladas de arroz beneficiado

SAFRA	EVENTOS	PRODUTORES		EXPORTADORES			IMPORTADOR		MUNDO	BRASIL
		CHINA	ÍNDIA	TAILÂNDIA	VIETNÃ	EUA	FILIPINAS	NIGÉRIA		
2015/16	1-ESTOQUE INICIAL	69,00	17,80	11,27	1,26	1,55	2,41	1,77	127,89	0,64
	2-PRODUÇÃO	145,77	104,41	15,80	27,58	6,13	11,00	3,53	472,94	7,21
	3-IMPORTAÇÃO	4,80	0,00	0,30	0,30	0,77	1,60	2,10	38,33	0,90
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	219,57	122,21	27,37	29,14	8,45	15,01	6,00	639,16	8,75
	5-CONSUMO	140,80	93,57	9,10	22,50	3,58	12,90	5,20	468,11	7,90
	6-EXPORTAÇÃO	0,27	10,24	9,87	5,09	3,40	0,00	0,00	40,34	0,55
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	141,07	103,81	18,97	27,59	6,98	12,90	5,20	508,45	8,45
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	78,50	18,40	8,40	1,56	1,48	2,11	1,40	132,72	0,31
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	55,75	19,66	92,31	6,93	41,34	16,36	26,92	28,35	3,92
2016/17	1-ESTOQUE INICIAL	78,50	18,40	8,40	1,56	1,48	2,11	1,53	132,79	0,31
	2-PRODUÇÃO	144,95	109,70	19,20	27,40	7,12	11,69	3,78	486,71	8,38
	3-IMPORTAÇÃO	5,30	0,00	0,25	0,50	0,75	1,10	2,50	41,32	0,64
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	228,75	128,10	27,85	29,46	9,35	14,90	7,81	660,82	9,33
	5-CONSUMO	141,45	95,78	12,00	22,00	4,17	12,90	6,55	482,74	8,00
	6-EXPORTAÇÃO	0,81	11,77	11,62	6,49	3,70	0,00	0,00	47,21	0,83
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	142,26	107,55	23,62	28,49	7,87	12,90	6,55	529,95	8,83
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	86,50	20,55	4,24	0,97	1,46	2,00	1,26	136,77	0,50
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	61,15	21,46	35,33	4,41	35,01	15,50	19,24	28,33	6,25
2017/18 (ESTIMATIVA)	1-ESTOQUE INICIAL	86,50	20,55	4,24	0,97	1,46	2,00	1,26	136,77	0,50
	2-PRODUÇÃO	145,99	110,00	20,37	28,94	5,66	12,30	3,78	488,60	8,08
	3-IMPORTAÇÃO	5,50	0,00	0,25	0,40	0,86	1,40	2,60	48,18	0,70
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	237,99	130,55	24,86	30,31	7,98	15,70	7,64	673,55	9,28
	5-CONSUMO	142,70	97,35	11,17	22,10	4,10	13,20	6,70	481,51	8,05
	6-EXPORTAÇÃO	1,30	12,80	10,50	7,00	2,86	0,00	0,00	48,32	0,75
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	144,00	110,15	21,67	29,10	6,96	13,20	6,70	529,83	8,80
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	93,99	20,40	3,19	1,21	1,03	2,50	0,94	143,86	0,45
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	65,87	20,96	28,56	5,48	25,12	18,94	14,03	29,88	5,59
2018/19 (PREVISÃO)	1-ESTOQUE INICIAL	93,99	20,40	3,19	1,21	1,03	2,50	0,94	143,86	0,45
	2-PRODUÇÃO	142,20	109,00	21,20	29,07	6,76	12,35	3,78	487,80	8,02
	3-IMPORTAÇÃO	5,50	0,00	0,25	0,40	0,86	1,10	3,00	46,44	0,70
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	241,69	129,40	24,64	30,68	8,65	15,95	7,72	678,10	9,17
	5-CONSUMO	144,00	98,00	10,20	22,40	4,06	13,40	6,90	487,91	8,10
	6-EXPORTAÇÃO	1,70	12,50	11,00	7,00	3,24	0,00	0,00	49,21	0,70
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	145,70	110,50	21,20	29,40	7,30	13,40	6,90	537,12	8,80
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	95,99	18,90	3,44	1,28	1,34	2,55	0,82	143,75	0,37
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	66,66	19,29	33,73	5,71	33,00	19,03	11,88	29,46	4,57

Fonte: USDA - Julho/2018

Gráfico 1.
Comparativos de preços do arroz beneficiado



No Mercado Comum do Sul (Mercosul), com base nos dados divulgados pelo Serviço Agrícola Estrangeiro (FAS/Usda) e expostos na Tabela 2, os países integrantes deverão produzir, na safra 2016/17, o total de 15,4 milhões de toneladas de arroz em casca (retração de 0,62% em relação à safra anterior), sendo o Brasil responsável por 76,75% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,3 milhão de toneladas. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira, se apresentam como importantes mercados exportadores, suprimindo, quando necessário, os *deficit* brasileiros entre a oferta e a demanda interna.

Mais recentemente, ao longo da análise dos períodos comerciais, a partir de 2014/15, o Paraguai – com uma produção estimada de 1 milhão de tonelada para a próxima safra – apresenta-se como o principal exportador para o mercado brasileiro. Esse produto paraguaio é basicamente direcionado para suprir a demanda por arroz das indústrias de beneficiamento localizadas na Região Sudeste, sobretudo São Paulo e Minas Gerais. Estas transações comerciais elevaram-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da Região Sul, da retração da produção da Região Centro-Oeste nos últimos dez anos e do preço paraguaio competitivo.

Com a oferta restrita e a elevação dos preços internos brasileiros ao longo da comercialização da safra 2015/16, observou-se um crescimento dos volumes adquiridos da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, com exportações de 197,2 mil t, de 372,5 mil t e de 581,2 mil t, respectivamente. Com a ampliação do fluxo de comercialização, os preços argentinos e uruguaios recuaram para o patamar em torno de US\$450/t de arroz polido beneficiado. Já o Paraguai demonstrou um comportamento contrário, elevando as cotações ao longo do ano de 2016 em relação a 2015, vide Gráfico 2. O preço paraguaio cotado em março de 2016 foi de US\$416,57/t.

Tabela 2.
Mercosul, oferta e demanda - em mil t

SAFRA	ATRIBUTOS	TERRITÓRIOS REGIONAIS				
		ARGENTINA	BRASIL	PARAGUAI	URUGUAI	MERCOSUL
2015/16	Produção	1.400,0	10.602,9	671,6	1.304,3	13.978,9
	Consumo	800,0	11.617,6	25,4	78,6	12.521,6
	Exportação	810,8	804,4	831,3	1.388,6	3.835,1
	Estoque Final	629,2	452,9	26,9	88,6	1.197,6
2016/17	Produção	1.327,7	12.327,9	749,3	1.410,0	15.814,9
	Consumo	769,2	11.764,7	25,4	78,6	12.637,9
	Exportação	603,1	873,5	746,3	1.501,4	3.724,3
	Estoque Final	667,7	698,5	7,5	62,9	1.436,5
2017/18	Produção	1.370,8	11.875,0	959,7	1.262,9	15.468,3
	Consumo	784,6	11.838,2	44,8	78,6	12.746,2
	Exportação	692,3	1.250,0	820,9	1.228,6	3.991,8
	Estoque Final	573,8	661,8	104,5	18,6	1.358,7
2018/19	Produção	1.300,0	11.800,0	1.006,0	1.267,1	15.373,1
	Consumo	769,2	11.911,8	59,7	85,7	12.826,4
	Exportação	615,4	1.029,4	970,1	1.142,9	3.757,8
	Estoque Final	501,5	550,0	83,6	57,1	1.192,3

Fonte: USDA PSD on-line, julho de 2018.

Esse comportamento do produto paraguaio ilustra a flexibilidade de preço desta cadeia produtiva, por possuir custos de produção menores que os identificados no Brasil. Ou seja, em 2015, ano no qual os preços internos encontraram-se desaquecidos, os agentes de mercado paraguaios reduziram a pedida pelo grão, porém, em 2016, com a possibilidade de alargamento das margens de lucro, mantendo a competitividade do produto, os exportadores elevaram os preços ofertados.

Este cenário é resultado da atual dependência do mercado paraguaio para a venda de seu produto para o mercado brasileiro, haja vista que o mercado interno paraguaio é reduzido (59,7 mil t) e não possui, ainda, clientes com o mesmo potencial de compra do Brasil. Todavia, a partir de novembro de 2017 até junho de 2018, com preços brasileiros menores e o real desvalorizado, o fluxo paraguaio reduziu-se, com produtores daquele país em busca de novos mercados para a comercialização dos seus produtos. No último mês de junho, o Paraguai vendeu a tonelada do arroz beneficiado para o Brasil a US\$326,47.

Acerca do consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 11,9 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional. Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1 milhão de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para nações africanas e latino-americanas. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC de junho de 18, os preços efetivos médios de exportação brasileira (US\$ 469,88/tonelada) apresentaram-se superiores aos preços efetivos de importação (US\$374,45/tonelada).

Na Argentina, na safra 2018/19, o estoque se reduzirá em relação à safra passada em

12,25%, passando para 501,5 mil t. No Uruguai, os estoques, apesar da significativa expansão percentual, continuam com volume baixo (57,1 mil t). Na ótica absoluta dos estoques argentino e uruguaio, ambos possuirão baixos números, porém, na ótica relativa (razão estoque/consumo), ambos possuirão números elevados.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

No Brasil, a safra 2015/16 foi também significativamente influenciada pelo fenômeno El Niño, sendo o Rio Grande do Sul (RS) o principal estado produtor, o mais afetado. O excesso de chuva danificou áreas e reduziu a produtividade média brasileira, o que refletiu na produção de 10,6 milhões de toneladas base casca no Brasil, volume 1,4 milhão abaixo do volume médio dos últimos 10 anos, de 12,0 milhões de toneladas.

Em face da oferta restrita interna, os preços internos valorizaram-se, e o volume importado, principalmente do Paraguai e Uruguai, cresceu, com valores comercializados abaixo do encontrado no mercado brasileiro. Somado a isso, o fortalecimento do real, a partir do segundo semestre de 2016, foi outro fator determinante na expansão das importações e retração das exportações brasileiras.

Na safra 2016/17, a produção foi dentro da normalidade e ficou em 12,3 milhões de toneladas, vide Gráfico 2 e Tabela 3. Em princípio, esta oferta não deveria ser fator de desestabilização de mercado, porém a concentração produtiva, a estrutura de financiamento dos produtores e o câmbio valorizado geraram, ao longo do período de comercialização, fortes desvalorizações nas cotações do grão ao produtor.

O real valorizado e os altos custos de produção nacional refletiram na perda de competitividade do arroz brasileiro e geraram um desequilíbrio na balança comercial do grão. Ressalta-se que, após a safra 2015/16 ser deficitária, o Brasil restaurou o equilíbrio no comércio internacional do produto. Para a safra 2016/17, a balança comercial fechou com um *superavit* de apenas 22,7 mil t. Esse resultado é consequência dos baixos preços de comercialização internos ao final da entressafra (vide Gráfico 3), o que viabilizou uma significativa expansão exportadora entre os meses de dezembro e fevereiro.

Como resultado da expansão da oferta e da retração das demandas internas e externas pelo arroz nacional, o estoque final apresentou um volume atipicamente elevado até o final de 2017. Porém, com a mudança na comercialização internacional ao final da safra 2016/17, o estoque final foi consolidado em 711,6 mil t para a safra 2016/17. Deste montante, quase a totalidade está em posse do setor privado. Logo, com a intensificação das exportações a partir de novembro de 2017, o volume de estoque de passagem apresentou significativa redução. Destaca-se, todavia, que os preços retraídos do primeiro semestre de 2018, muito em função das expectativas pessimistas criadas ao longo do ano de 2017, já apresentam uma retomada.

No mês de junho, notou-se o início de uma recuperação das cotações ao produtor, reflexo da conjuntura de oferta e demanda ajustada no segundo semestre. A projeção do quadro de suprimento para o estoque final da safra 2017/18 é de 586,8 mil t, o menor das últimas safras, vide Tabela 4. Segundo a estimativa de agosto do levantamento de safras da Conab, a

safr 2017/18 de arroz deverá ficar em torno de 12 milhões de toneladas, dentro da média histórica produtiva, o que corrobora o cenário de aperto em virtude dos significativos saldos na balança comercial do produto.

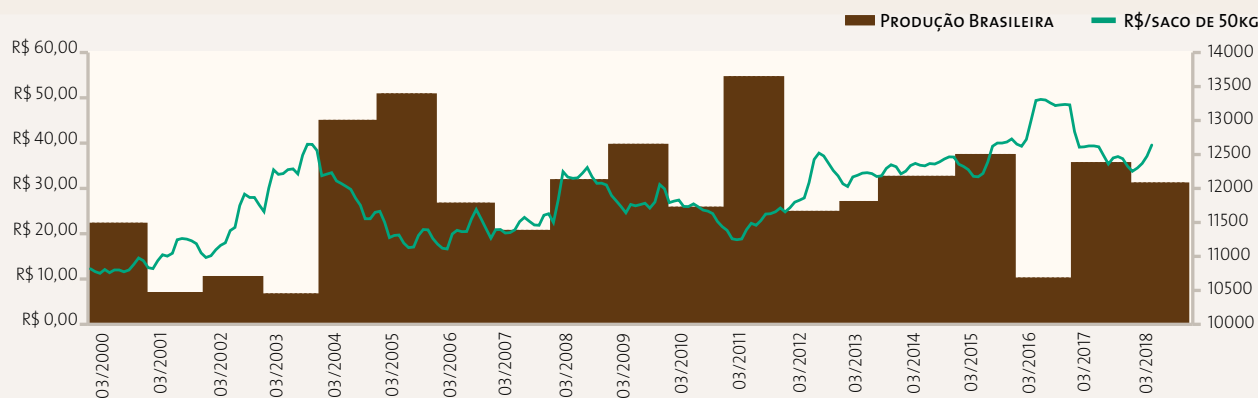
Nos primeiros meses de comercialização da nova safra, pelo fato dos estoques de passagens estarem em quase sua totalidade em poder do setor privado e dos acessíveis preços de comercialização do arroz beneficiado mercosulino, os valores comercializados no varejo e no atacado brasileiro seguiram um viés de desvalorização do mercado ao produtor. Esta conjuntura é distinta do comportamento histórico do setor, no qual o volume produzido internamente é o fator principal na formação dos preços, como ilustrado no Gráfico 2. Destaca-se, todavia, como já apontado, que hoje já se identifica uma recuperação das cotações. Com isso, muitos produtores têm segurado produto à espera de preços mais remuneradores no segundo semestre, o que de fato está se consolidando no mercado orizícola.

Sobre os dados de consumo, para a safra 2016/17, o número já consolidado é de incremento da demanda interna para 12 milhões de toneladas, após dois anos de consumo atípico em função da instabilidade econômica e política do país. Para a safra 2017/18, a Conab trabalha com a média de consumo das últimas dez safras, ou seja, projeta-se um consumo de 12 milhões de toneladas, estável em relação ao período anterior.

Ainda acerca da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Por meio de diversos trabalhos acadêmicos, é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Isto é, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois os agentes demandantes – ao disponibilizarem de mais renda – alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o atual e próximo período comercial, estima-se que o país terá uma taxa de crescimento moderada, de forma que o Boletim Focus do Banco Central do Brasil (Bacen) indica uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,5% para 2018, e de 2,5%, para 2019. Este resultado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, como já ilustrado acima.

Gráfico 2.
Evolução da quantidade colhida de arroz no Brasil e dos preços no RS



Fonte: Conab, julho de 2018

Tabela 3.
Comparativo de área, produtividade e produção - safras 2016/17 e 2017/18

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	(D)	(D/C)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	263,0	259,2	(1,4)	4.129	4.045	(2,0)	1.085,8	1.048,3	(3,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.219	8,9	120,0	136,5	13,8
PA	68,8	62,8	(8,7)	2.728	2.808	2,9	187,7	176,4	(6,0)
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.790	(6,3)	676,7	634,7	(6,2)
NORDESTE	229,2	265,9	16,0	1.908	1.975	3,5	437,3	525,2	20,1
MA	141,6	173,9	22,8	1.807	1.923	6,4	255,9	334,3	30,6
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.653	(0,5)	732,3	655,6	(10,5)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.852	(4,1)	109,3	104,8	(4,1)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.611	6,2	54,7	53,0	(3,1)
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.811	(0,7)	10.017,7	9.743,1	(2,7)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	492,2	525,1	6,7	3.095	2.997	(3,2)	1.523,1	1.573,5	3,3
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,6	(3,2)	7.258	7.250	(0,1)	10.804,7	10.451,7	(3,3)
BRASIL	1.980,9	1.966,7	(0,7)	6.223	6.114	(1,7)	12.327,8	12.025,2	(2,5)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em julho de 2018

Tabela 4.
Suprimento de arroz em casca - em mil t

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (*)	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (**)	711,6	12.025,2	1.050,0	13.786,8	12.000,0	1.200,0	586,8

Fonte: Conab

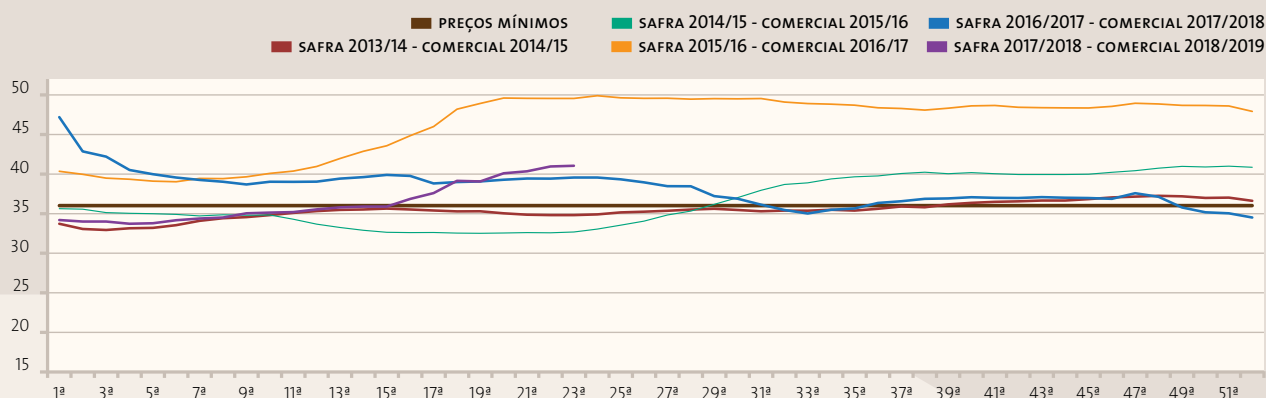
Legenda: (*) Estimativa em agosto de 2018

(**) Previsão

Sobre a balança comercial, para a safra 2017/18, a perspectiva é de *superavit* de 150 mil t do grão. No acumulado entre os quatro primeiros meses de comercialização da safra 2017/18, nota-se um significativo *superavit* de 323,1 mil t e há previsão de continuidade no *superavit* nos próximos meses. Entretanto, com a perspectiva de valorização do produto no segundo semestre, projeta-se uma reversão na atual tendência de *superavit*. Ademais, segundo o Boletim Focus do dia 27 de julho, a expectativa, para o final de 2018, é de câmbio a R\$ 3,55/US\$. Atualmente, o valor comercializado no RS é de R\$41,05 por saco de 50kg de arroz em casca ao produtor, como pode ser observado no Gráfico 3.

Apesar da recuperação nos preços ao produtor, atacado e varejo, as cotações seguem significativamente abaixo da média histórica inflacionada (preços reais). A média dos preços reais corrigidos pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desde março de 2000 até julho de 2018, ficou calculada em R\$46,71/sc, sendo a média de julho de R\$ 39,53/sc, vide Gráfico 4. Ademais, destaca-se que o histórico de sazonalidade do mercado orizícola aponta para preços mais elevados no segundo semestre, logo a tese de que os preços do arroz não se encontram gravosos no atual momento é reforçada.

Gráfico 3.
Arroz em casca tipo 1 - 58/10 - média estadual
Preços médios semanais nominais no Rs, em R\$/50g



Fonte: Siagro / Conab, acessado em 6/8/2018

Nota: primeira semana de março até a última semana de fevereiro

Gráfico 4.
Preços do arroz no RS inflacionados pelo IPCA



Fonte: Conab

Ao analisar a rentabilidade nas últimas safras (Tabela 5), identifica-se uma lucratividade historicamente superior à soja quando comparada com a do setor orizícola. Com os custos de produção atualizados e preços médios de comercialização do atual período comercial,

nota-se a confirmação da atratividade de rentabilidade da cultura da soja (37,27% de margem líquida) em detrimento da rentabilidade da cultura do arroz de sequeiro (-9,00% de margem líquida), com base no município de Sorriso/MT.

Para se igualar às rentabilidades de ambas as culturas, o preço de mercado do arroz no MT deveria estar cotado a R\$72,6/saco, ou seja, 73,77% superior à cotação atual, de R\$41,78/saco em MT. Logo, há, no Centro-Oeste brasileiro, um nítido estímulo à expansão das áreas de soja em detrimento das áreas de arroz.

Tabela 5.
Análise de rentabilidade entre produtos substitutos, em R\$ / hectare
(com base na produtividade efetiva com base nos levantamentos da Conab, em kg/ha e porcentagem)

PRODUTOS	ARROZ IRRIGADO - RS		ARROZ IRRIGADO - RS			SOJA EM GRÃOS - MT	
SAFRAS	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18	2016/17	2017/18
PREÇO (R\$/50 KG)	33,97	34,82	39,91	40,96	55,32	57,72	44,62
PRODUTIVIDADE DO PACOTE (KG/HA)	3.600	3.600	7.200	7.200	3.120	3.120	3.120
ANÁLISE FINANCEIRA:							
A - RECEITA BRUTA (I*II)	2.445,84	2.506,80	5.747,04	5.898,24	3.451,97	3.601,52	2.784,08
B - DESPESAS:							
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1.880,76	1.825,80	4.172,75	4.327,20	1.811,68	1.695,13	1.695,13
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	2.308,36	2.250,60	5.185,98	5.371,20	2.208,96	2.064,18	2.064,18
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	2.747,07	2.732,40	5.729,70	6.048,00	2.387,32	2.259,24	2.259,24
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	565,08	681,00	1.574,29	1.571,04	1.640,29	1.906,39	1.088,95
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	137,48	256,20	561,06	527,04	1.243,01	1.537,34	719,90
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	-301,23	-225,60	17,34	-149,76	1.064,65	1.342,28	524,84
INDICADORES:							
RECEITA SOBRE O CUSTEIO (A / B1)	1,30	1,37	1,38	1,36	1,91	2,12	1,64
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL (A / B2)	1,06	1,11	1,11	1,10	1,56	1,74	1,35
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL (A / B3)	0,89	0,92	1,00	0,98	1,45	1,59	1,23
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA (A / A)	23,10%	27,17%	27,39%	26,64%	47,52%	52,93%	39,11%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA (B / A)	5,62%	10,22%	9,76%	8,94%	36,01%	42,69%	25,86%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA (C / A)	-12,32%	-9,00%	0,30%	-2,54%	30,84%	37,27%	18,85%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

Obs: Preços médios de comercialização e custos dos municípios de Sorriso/MT e Cachoeira do Sul/RS

4. Perspectivas para a próxima safra

Com o intuito de projetar cenários para o decorrer da comercialização da atual safra e da próxima, foram elaborados seis exercícios econométricos. Com isso, realizaram-se modelos de regressão simples com as seguintes variáveis explicativas: produção brasileira, estoque inicial total, estoque inicial privado, estoque inicial público, oferta nacional (estoque inicial total+ produção) e oferta nacional privada (estoque inicial privado + produção). Destaca-se que toda série de preços do RS, da safra 1997/98 até a safra 2017/18, foi inflacionada, ou seja, todas as projeções estão com base nos preços reais atuais.

Após os resultados, constatou-se que o modelo, com a variável explicativa produção nacional, foi o que melhor explicou o comportamento dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 5%. É importante apontar que o modelo, com a variável explicativa oferta nacional, também apresentou boa aderência ao comportamento

dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 10%.

Na Tabela 6, seguem discriminados os dois modelos de regressão simples, que apresentaram os melhores resultados. Para a safra 2015/16, o modelo produção nacional estimou um preço médio de R\$50,70/50kg, e o preço de fato identificado ao longo do ano safra foi de R\$48,68/50kg, ou seja, muito próximo do estimado. Para a safra 2016/17, todavia, o resultado não se apresentou tão aderente, sendo que o modelo estimou um preço real de R\$43,90/50kg e o de fato constatado foi R\$38,76/50kg.

Para a safra 2017/18, com base na última estimativa de produção de 12.025,2 mil t do 11º Levantamento de Safras da Conab, o modelo produção nacional estima um preço médio de R\$46,10/50kg ao longo do período de comercialização. Para a mesma safra 2017/18, o modelo oferta nacional estima um preço médio de R\$50,20/50kg.

No atípico ano para o mercado orizícola de 2018, nos quais os preços estiveram cotados abaixo do preço mínimo oficial vigente de R\$36,01/50kg durante diversos meses, projetam-se, para a safra 2017/18, preço médio menor do que o indicado pelos modelos. Ao longo do trabalho foi ilustrado como os diversos fatores contribuem para a construção da atual conjuntura de mercado. Entretanto, espera-se um cenário de preços mais elevados na entressafra, com a expectativa de que os preços superem o patamar dos R\$46,10/50kg, porém o preço médio deverá ficar abaixo desse patamar.

Para a próxima safra 2018/19, a perspectiva é que o mercado de arroz volte à normalidade, e os preços voltem a melhor aderir ao modelo econométrico, com a variável explicativa produção nacional calculada. Ou seja, a projeção para a safra 2018/19 é de preços médios próximo dos R\$46,10/50kg, seguindo projeções econométricas. Adicionando o fator sazonalidade, as cotações esperadas para o início da safra 2018/19 é de R\$42,15/50kg. Essa projeção foi construída com base em uma produção dentro da normalidade, ou seja, próxima da média histórica produtiva. Ressalta-se, todavia, como já destacado ao longo do presente estudo, que uma produção de arroz muito acima da média produtiva de 12 milhões de toneladas pode refletir em forte viés de baixa nas cotações internas.

Tabela 6.
Resultado dos estudos de regressão para as variáveis explicativas produção nacional e oferta nacional

	AJUSTE DO MODELO			PRODUÇÃO EM MIL T	PREVISÃO DO PREÇO MÉDIO
	ESTIMATIVA	DESVIO PADRÃO	SIG.		
MODELO - SAFRA 2015/16				SAFRA 2015/16	EM 2016
PRODUÇÃO SAFRA 2015/16	-0,00395	0,00182	0,04397	10.603,0	50,7
MODELO - SAFRA 2016/17				2016/17	EM 2017
PRODUÇÃO SAFRA 2016/17	-0,00395	0,00182	0,04397	12.327,8	43,9
MODELO - SAFRA 2017/18				2017/18	EM 2018
PRODUÇÃO SAFRA 2017/18	-0,00395	0,00182	0,04397	12.025,2	46,1
MODELO - SAFRA 2018/19				2018/19	EM 2019
PRODUÇÃO SAFRA 2017/18	-0,00395	0,00182	0,04397	12.000,0	46,1
MODELO - SAFRA 2017/18				2017/18	EM 2018
OFERTA NACIONAL SAFRA 2017/18	-0,00317	0,00161	0,06493	12.736,8	50,2

5. Considerações finais

Dadas as informações apresentadas ao longo do trabalho, destaca-se que o setor do arroz no Brasil segue uma tendência de retração de área com manutenção da produção por meio do aumento da produtividade. Essa retração se dá primordialmente pela baixa rentabilidade do setor em comparação com outros setores agrícolas, com destaque para a soja na Região Centro-Oeste.

Já sobre o incremento na produtividade das áreas semeadas, este tem sido alcançado principalmente pelo trabalho de desenvolvimento de novas variedades com potencial produtivo mais elevado e com maior resistência a doenças. Dentre as novas sementes, destaca-se a IRGA 424 RI, que hoje é plantada na maior parte das lavouras gaúchas.

Ademais, é importante ressaltar a evolução do mercado orizícola brasileiro no competitivo mercado internacional, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela cadeia produtiva. O grão brasileiro tem sido direcionado principalmente para o mercado latino-americano e africano e, ao se considerar a alta qualidade do produto brasileiro, há potencial de expansão das exportações brasileiras. Entretanto, o alto custo de produção em razão da elevada carga tributária brasileira é o principal fator que diminui a competitividade do arroz brasileiro e dificulta uma maior ampliação de mercado.

Dada a relevância do setor orizícola no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícola e de abastecimento. É um dos produtos que o Governo Federal tem dado maior atenção, de modo que, quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o Poder Público tem sido bem presente. Todavia, no curto e médio prazo, não há indícios de necessidade de intervenção governamental.

CARNES

WANDER FERNANDES DE SOUSA



Foto: acervo Conab.

1. Introdução

O Brasil segue em destaque no cenário mundial como um dos mais importantes produtores e exportadores de proteína animal.

As melhores tecnologias disponíveis são utilizadas pela agroindústria brasileira, assegurando aos consumidores produtos de qualidade a preços competitivos, tendo o reconhecimento do mercado internacional relativamente à qualidade e sanidade do produto.

O mercado interno também tem grande expressividade no consumo de carnes, considerando que o consumo da carne de frango equivale a cerca de 70% da produção, e o da carne suína, a 85%.

Significativa parte da produção de milho e de farelo de soja, principais componentes da ração animal, faz da produção de carnes um importante elo na cadeia produtiva de grãos.

Contudo, alguns percalços atípicos ocorridos ultimamente, como a Operação Carne Fraca em 2017 e a greve dos caminhoneiros em 2018, têm influenciado o setor produtivo, comprometendo a normalidade de seu desempenho. No mercado internacional, tradicionais importadores de carnes, como Rússia, Arábia Saudita e China, têm apresentado restrições de natureza mercadológica e sanitária, reduzindo significativamente suas importações em 2018.

2. Mercado internacional

2.1. Oferta e demanda

2.1.1. Carne de frango

Os dados divulgados em abril de 2018 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) indicam que a produção mundial de carne de frango neste exercício deverá apresentar incremento de 1,9%, em relação ao ano de 2017, conforme se observa na Tabela 1.

Tabela 1.
Suprimento mundial de carne de frango (em mil t)

	2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
					2016/15	2017/16	2018/17
Produção	89.170	89.189	90.718	92.470	0,0%	1,7%	1,9%
Consumo	87.413	87.485	88.586	90.209	0,1%	1,3%	1,8%
Exportação	10.285	10.706	11.039	11.277	4,1%	3,1%	2,2%
Importação	8.638	8.986	8.968	9.010	4,0%	-0,2%	0,5%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

Os EUA são os maiores produtores e consumidores mundiais de carne de frango (Tabela 2). Em seguida vem o Brasil, União Europeia e China como principais produtores.

Problemas relacionados à sanidade são persistentes na China, fazendo com que esse país se mantenha como demandante de importações para seu abastecimento interno.

Tabela 2.
Produção mundial de carne de frango (em mil t)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	EUA	17.971	18.262	18.696	19.004	1,6%	2,4%	1,6%
2	Brasil	13.146	12.910	13.150	13.375	-1,8%	1,9%	1,7%
3	União Europeia	10.890	11.560	11.840	12.000	6,2%	2,4%	1,4%
4	China	13.400	12.300	11.600	11.700	-8,2%	-5,7%	0,9%
5	Índia	3.900	4.200	4.400	4.600	7,7%	4,8%	4,5%
6	Rússia	3.600	3.730	4.000	4.000	3,6%	7,2%	0,0%
7	México	3.175	3.275	3.400	3.500	3,1%	3,8%	2,9%
8	Turquia	1.909	1.900	2.137	2.250	-0,5%	12,5%	5,3%
9	Argentina	2.080	2.055	2.086	2.110	-1,2%	1,5%	1,2%
10	Tailândia	1.700	1.780	1.900	1.965	4,7%	6,7%	3,4%
11	Malásia	1.633	1.671	1.690	1.710	2,3%	1,1%	1,2%
12	Outros	15.766	15.546	15.819	16.256	-1,4%	1,8%	2,8%
TOTAL		89.170	89.189	90.718	92.470	0,0%	1,7%	1,9%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

Já os fluxos das exportações/importações mundiais apresentam um cenário de relativa estabilidade, com destaque para as exportações norte-americanas estimadas pelo Usda em 2,5% de aumento em relação a 2017 (Tabela 3).

O Brasil continua a liderar as exportações mundiais, tendo como principais concorrentes os EUA e a União Europeia.

Tabela 3.
Exportações mundiais de carne de frango (em mil t)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	Brasil	3.841	3.889	3.847	3.875	1,2%	-1,1%	0,7%
2	EUA	2.867	3.014	3.075	3.152	5,1%	2,0%	2,5%
3	União Europeia	1.179	1.276	1.310	1.300	8,2%	2,7%	-0,8%
4	Tailândia	622	690	757	810	10,9%	9,7%	7,0%
5	China	401	386	436	440	-3,7%	13,0%	0,9%
6	Turquia	321	296	410	425	-7,8%	38,5%	3,7%
7	Ucrânia	158	236	262	310	49,4%	11,0%	18,3%
8	Argentina	187	158	181	200	-15,5%	14,6%	10,5%
9	Belarus	135	145	150	155	7,4%	3,4%	3,3%
10	Canadá	133	134	134	135	0,8%	0,0%	0,7%
11	Rússia	71	104	124	120	46,5%	19,2%	-3,2%
12	Outros	370	378	353	355	2,2%	-6,6%	0,6%
TOTAL		10.285	10.706	11.039	11.277	4,1%	3,1%	2,2%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

A Tabela 4 apresenta os maiores importadores de carne de frango do mundo, segundo os dados do Usda.

Tabela 4.
Importação mundial de carne de frango (em mil t)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	Japão	936	973	1.056	1.150	4,0%	8,5%	8,9%
2	México	790	791	804	820	0,1%	1,6%	2,0%
3	União Europeia	730	763	700	710	4,5%	-8,3%	1,4%
4	Iraque	625	661	656	685	5,8%	-0,8%	4,4%
5	África do Sul	457	528	524	529	15,5%	-0,8%	1,0%
6	Arábia Saudita	863	886	780	450	2,7%	-12,0%	-42,3%
7	Cuba	224	233	278	350	4,0%	19,3%	25,9%
8	Hong Kong	312	344	291	350	10,3%	-15,4%	20,3%
9	Emirados Árabes Unidos	277	296	310	320	6,9%	4,7%	3,2%
10	Angola	221	205	264	300	-7,2%	28,8%	13,6%
11	EUA	59	59	57	59	0,0%	-3,4%	3,5%
12	Outros	3.144	3.247	3.248	3.287	3,3%	0,0%	1,2%
TOTAL		8.638	8.986	8.968	9.010	4,0%	-0,2%	0,5%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2017

A expressiva redução das importações de carne de frango pela Arábia Saudita decorre do aumento da produção local, muito embora essa produção não seja suficiente para suprir a demanda do seu mercado interno.

2.1.2. Carne suína

De acordo ainda com dados divulgados pelo Usda, a produção de carne suína sinaliza melhoras nos volumes de produção mundial, com incremento de 2,3% em relação aos volumes de 2017 (Tabela 5).

Tabela 5.
Suprimento mundial de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

	2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
					2016/15	2017/16	2018/17
Produção	110.422	110.137	110.928	113.463	-0,3%	0,7%	2,3%
Consumo	109.953	109.817	110.500	113.027	-0,1%	0,6%	2,3%
Exportação	7.235	8.350	8.279	8.341	15,4%	-0,9%	0,7%
Importação	6.719	7.986	7.884	7.929	18,9%	-1,3%	0,6%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

A China, com sua expressiva produção na casa dos 54 milhões de toneladas, aponta para um acréscimo da ordem de 2,3%, resultado dos investimentos efetuados no sistema produtivo (Tabela 6).

Destaca-se o aumento da produção dos EUA estimado em 4,8% em 2018, comparativamente a 2017, como decorrência da melhora da demanda interna, das exportações, do abate de suínos maiores e ganho de peso de carcaça.

Tabela 6.
Produção mundial de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	China	54.870	52.990	53.400	54.650	-3,4%	0,8%	2,3%
2	União Europeia	23.249	23.866	23.675	24.050	2,7%	-0,8%	1,6%
3	EUA	11.121	11.320	11.610	12.166	1,8%	2,6%	4,8%
4	Brasil	3.519	3.700	3.725	3.675	5,1%	0,7%	-1,3%
5	Rússia	2.615	2.870	2.960	3.050	9,8%	3,1%	3,0%
6	Vietnã	2.548	2.701	2.741	2.800	6,0%	1,5%	2,2%
7	Canadá	1.899	1.914	1.970	2.015	0,8%	2,9%	2,3%
8	Filipinas	1.463	1.540	1.563	1.600	5,3%	1,5%	2,4%
9	Coreia do Sul	1.217	1.266	1.280	1.321	4,0%	1,1%	3,2%
10	México	1.164	1.211	1.267	1.305	4,0%	4,6%	3,0%
11	Japão	1.254	1.279	1.282	1.280	2,0%	0,2%	-0,2%
12	Outros	5.503	5.480	5.455	5.551	-0,4%	-0,5%	1,8%
TOTAL		110.422	110.137	110.928	113.463	-0,3%	0,7%	2,3%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

Os fluxos das exportações/importações de carne suína indicam um leve crescimento da ordem de 0,7%, porém com os principais mercados exportadores divididos entre Brasil, EUA, União Europeia e Canadá (Tabela 7).

Tabela 7.
Exportações mundiais de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	União Europeia	2.388	3.125	2.857	2.900	30,9%	-8,6%	1,5%
2	EUA	2.272	2.377	2.555	2.676	4,6%	7,5%	4,7%
3	Canadá	1.239	1.320	1.324	1.355	6,5%	0,3%	2,3%
4	Brasil	627	832	786	625	32,7%	-5,5%	-20,5%
5	China	231	191	208	225	-17,3%	8,9%	8,2%
6	Chile	178	173	171	185	-2,8%	-1,2%	8,2%
7	México	128	141	170	180	10,2%	20,6%	5,9%
8	Austrália	36	38	43	45	5,6%	13,2%	4,7%
9	Vietnã	30	65	50	35	116,7%	-23,1%	-30,0%
10	Belarus	5	11	13	25	120,0%	18,2%	92,3%
11	Sérvia	19	11	16	20	-42,1%	45,5%	25,0%
12	Outros	82	66	86	70	-19,5%	30,3%	-18,6%
TOTAL		7.235	8.350	8.279	8.341	15,4%	-0,9%	0,7%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

Essas estimativas apontam para uma expressiva redução das exportações do produto brasileiro, de cerca de 20,5%. O embargo imposto pela Rússia à carne suína brasileira contribui para essa drástica redução das exportações, uma vez que a Rússia, historicamente, tem sido o principal mercado importador.

A Tabela 8 apresenta os principais importadores de carne suína no mundo.

Tabela 8.
Importações mundiais de carne suína (em mil t equivalente carcaça)

		2015	2016	2017	2018/ABR*	VARIAÇÃO		
						2016/15	2017/16	2018/17
1	China	1.029	2.181	1.620	1.525	112,0%	-25,7%	-5,9%
2	Japão	1.270	1.361	1.475	1.500	7,2%	8,4%	1,7%
3	México	981	1.021	1.083	1.200	4,1%	6,1%	10,8%
4	Coreia do Sul	599	615	645	645	2,7%	4,9%	0,0%
5	Hong Kong	397	429	463	500	8,1%	7,9%	8,0%
6	EUA	506	495	506	483	-2,2%	2,2%	-4,5%
7	Filipinas	175	195	241	285	11,4%	23,6%	18,3%
8	Canadá	216	215	222	230	-0,5%	3,3%	3,6%
9	Austrália	220	210	215	225	-4,5%	2,4%	4,7%
10	Rússia	408	347	375	200	-15,0%	8,1%	-46,7%
11	Taiwan	107	77	111	130	-28,0%	44,2%	17,1%
12	Outros	811	840	928	1.006	3,6%	10,5%	8,4%
TOTAL		6.719	7.986	7.884	7.929	18,9%	-1,3%	0,6%

Legenda: (*) Projeção Usda
Fonte: Usda - Abr/2018

Cumpra observar o aumento de aproximadamente 10,8% das importações pelo México, principalmente como decorrência do aumento do consumo interno. Por outro lado, a redução das importações pela Rússia, estimadas em 46,7%, afeta expressivamente as exportações da carne brasileira, uma vez que a Rússia é um tradicional e um dos principais importadores da carne suína do Brasil.

3. Mercado interno

3.1. Carne de frango

O desempenho da produção de carne de frango no primeiro semestre de 2018 indica uma redução da ordem de 1,3% em comparação ao volume produzido em 2017 (Tabela 9).

Embora o Brasil se mantenha como o maior exportador mundial, sofre forte concorrência dos EUA. O acesso a novos mercados está bastante restrito, posto que o produto brasileiro já atende aos principais países importadores.

Dessa maneira, os dados observados até o primeiro semestre de 2018 apontam para uma redução da disponibilidade per capita por habitante/ano, de 45,2kg em 2017 para 44,4kg em 2018.

Tabela 9.
Quadro de suprimentos de carne de frango

ANO	2014	2015	2016	2017	2018*
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	6.226,3	6.500,5	6.444,6	6.206,3	6.093,0
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	12.945,9	13.546,6	13.523,5	13.612,1	13.429,4
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	3.995,2	4.225,1	4.307,1	4.231,6	4.139,2
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	8.950,7	9.321,5	9.216,4	9.380,5	9.290,2
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	202,77	204,45	206,08	207,66	209,19
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	44,1	45,6	44,7	45,2	44,4
Variação Percentual:					
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	-	4,4%	-0,9%	-3,7%	-1,8%
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	-	4,6%	-0,2%	0,7%	-1,3%
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	-	5,8%	1,9%	-1,8%	-2,2%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	-	4,1%	-1,1%	1,8%	-1,0%
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	-	0,8%	0,8%	0,8%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	-	3,3%	-1,9%	1,0%	-1,7%

Fonte: Produção: Assoc. Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - Apinco

Exportação: Secex

População: IBGE

Legenda: (*) Estimativa da Conab.

3.1.1. Preços

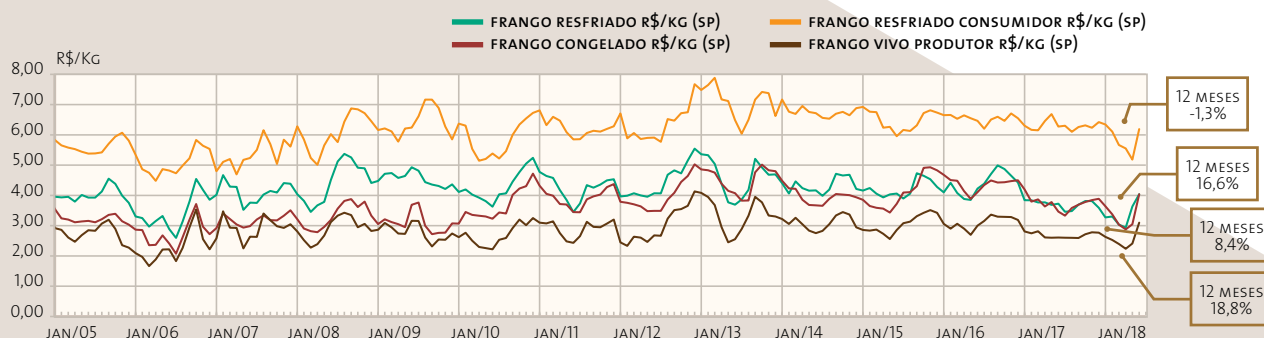
O Gráfico 1 mostra a evolução dos preços reais da carne de frango nos diversos níveis de mercado, deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de junho de 2018.

O primeiro semestre do ano mostra a sazonalidade de preços em queda, recuperando-

-se no segundo semestre. Todavia, em junho de 2018, os preços apresentam reversão da queda de preços observada até abril, sinalizando uma boa recuperação desses preços em julho de 2018.

A atual conjuntura político-econômica do Brasil, aliada aos elevados níveis de desemprego, têm reduzido a renda dos consumidores, contribuindo para essa redução de preços não somente para a carne de frango, como também para as outras carnes, afetando a demanda interna e inibindo o aumento do consumo.

Gráfico 1.
Evolução dos preços reais de carne de frango a preços de junho/2018 – deflator IPCA



Fonte: Conab

3.2. Carne suína

A produção de carne suína deverá fechar 2018 com volumes muito próximos aos de 2017, conforme os dados de produção observados no primeiro semestre desse ano.

Um aumento da oferta mundial de carne suína produzida pelos EUA e Rússia (Tabela 6) inibe o aumento da produção brasileira.

Com uma redução das exportações em 2018, o aumento da disponibilidade interna de carne suína em aproximadamente 4,1% deve elevar a disponibilidade per capita por habitante/ano para algo em torno de 15,3kg (Tabela 10).

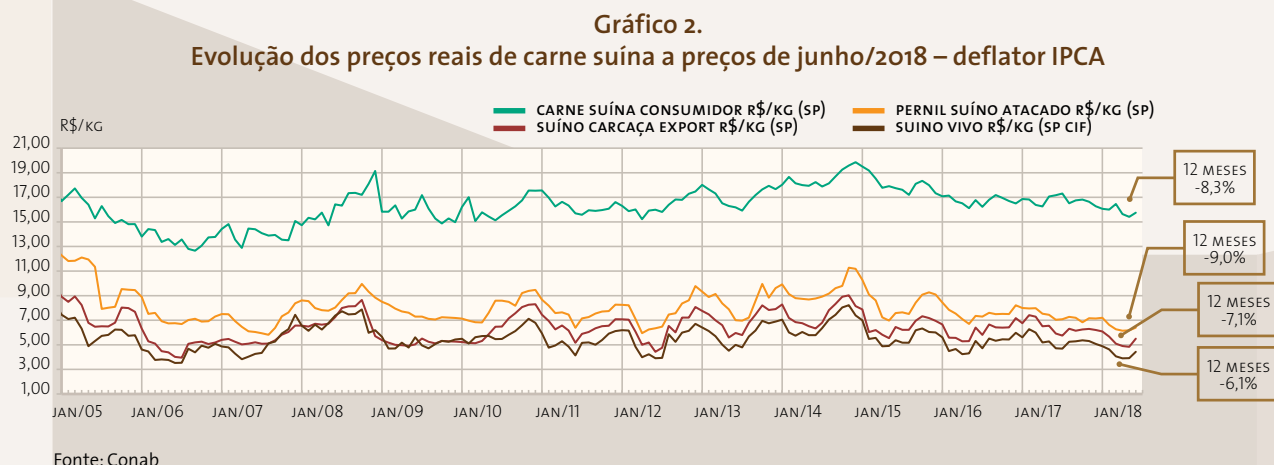
Tabela 10.
Quadro de suprimentos de carne suína

ANO	2014	2015	2016	2017*	2018*
REBANHO (1.000 CABEÇAS)	37.930,3	39.795,2	39.950,3	40.096,1	40.296,6
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	3.471,7	3.643,0	3.731,0	3.758,0	3.776,8
IMPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	15,4	10,3	13,8	15,2	16,9
EXPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	504,8	499,2	735,9	699,8	595,3
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	2.982,3	3.154,1	3.008,9	3.073,4	3.198,4
POPULAÇÃO (MILHÕES DE HABITANTES)	202,77	204,45	206,08	207,66	209,19
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (KG/HAB./ANO)	14,7	15,4	14,6	14,8	15,3
Variação Percentual:					
REBANHO (1.000 CABEÇAS)	-	4,9%	0,4%	0,4%	0,5%
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	4,9%	2,4%	0,7%	0,5%
IMPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	-33,1%	34,0%	10,1%	11,2%
EXPORTAÇÃO (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	-1,1%	47,4%	-4,9%	-14,9%
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 T EQUIV. CARCAÇA)	-	5,8%	-4,6%	2,1%	4,1%
POPULAÇÃO (MILHÕES DE HABITANTES)	-	0,8%	0,8%	0,8%	0,7%
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (KG/HAB./ANO)	-	4,9%	-5,4%	1,4%	3,3%

Fonte: Rebanho: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal;
Exportação e Importação: SECEX
População: IBGE
Produção de carne: ABIPECS/ABPA/7FLUIR
Legenda: (*) Estimativa da Conab.

3.2.1. Preços

O Gráfico 2 demonstra a evolução dos preços reais da carne suína nos diversos níveis de mercado, deflacionados pelo IPCA de junho de 2018.



O primeiro semestre do ano mostra a sazonalidade de preços em queda, recuperando-se no segundo semestre. Tal comportamento é semelhante ao observado para a carne de frango. No período acumulado de julho de 2017 a junho/2018, os preços apresentaram desempenho negativo. O aumento da oferta interna em razão do embargo russo pesaram fortemente na retração dos preços internos.

4. Mercado externo

Conforme se observa na Tabela 11, o volume exportado no primeiro semestre de carne de frango indica uma redução de cerca de 7% para o período acumulado de janeiro a dezembro de 2018. Para a carne suína, essa redução estimada é de 7,9%. Os preços internacionais, em dólar por tonelada, apresentam expressiva queda: 13,6% para a carne de frango e 23,8% para a carne suína. O desgaste provocado pela Operação Carne Fraca em 2017 e o aumento da oferta por consequência das restrições impostas por grandes importadores como Rússia, China e União Europeia pressionam para essa queda dos preços no mercado externo.

Tabela 11.
Exportações anuais de carne de frango e suína

ANO	TIPO	RECEITA US\$ MILHÕES FOB	VAR	VOLUME MIL T LÍQUIDA	VAR	US\$/T	VAR
2014	FRANGO	7.932,6	-0,4%	3.995,2	2,7%	1.985,56	-3,0%
	SUÍNA	1.584,5	17,1%	490,6	-4,4%	3.229,47	22,5%
	TOTAL	9.517,1	-40,4%	4.485,8	-24,1%	2.121,61	-21,5%
2015	FRANGO	7.070,5	-10,9%	4.225,1	5,8%	1.673,46	-15,7%
	SUÍNA	1.263,9	-20,2%	542,1	10,5%	2.331,35	-27,8%
	TOTAL	8.334,4	-12,4%	4.767,2	6,3%	1.748,27	-17,6%
2016	FRANGO	6.760,2	-4,4%	4.307,1	1,9%	1.569,57	-6,2%
	SUÍNA	1.469,5	16,3%	720,1	32,8%	2.040,73	-12,5%
	TOTAL	8.229,8	-1,3%	5.027,2	5,5%	1.637,06	-6,4%
2017	FRANGO	7.134,8	5,5%	4.231,6	-1,8%	1.686,08	7,4%
	SUÍNA	1.611,6	9,7%	683,8	-5,0%	2.356,71	15,5%
	TOTAL	8.746,4	6,3%	4.915,4	-2,2%	1.779,38	8,7%
2018*	FRANGO	6.160,9	-13,6%	3.935,2	-7,0%	1.565,60	-7,1%
	SUÍNA	1.227,5	-23,8%	629,7	-7,9%	1.949,20	-17,3%
	TOTAL	7.388,3	-15,5%	4.564,9	-7,1%	1.618,51	-9,0%

Legenda: (*) Estimativa
Fonte: MDIC / Secex.

As estimativas atuais indicam uma redução de aproximadamente 7% nos volumes a serem exportados esse ano, e de cerca de 15,5% na receita estimada em US\$ 7,3 bilhões.

De um modo geral, a Operação Carne Fraca afetou a credibilidade do produto brasileiro e, por consequência, provocou redução nos volumes exportados. No entanto, a qualidade desse produto, validada há anos pelo mercado internacional, bem como o fato de nunca ter ocorrido no território brasileiro nenhum caso de *influenza* aviária, permitiram uma rápida recuperação da confiabilidade dos mercados importadores, sem, contudo, deixar de causar danos à normalidade das exportações.

4.1. Carne de frango

Os principais mercados importadores da carne de frango brasileira estão demonstrados na Tabela 12.

Tabela 12.
Exportação de carne de frango – comparativo 2017-2018 - inteiros, partes e industrializados

DESTINO		ACUMULADO DE JAN A JUN (VOLUME EM TONELADA)		
		2017	2018	%
01	Arábia Saudita	320.588,6	239.592,2	-25,3%
02	China	195.254,3	210.722,8	7,9%
03	Japão	206.528,5	175.831,5	-14,9%
04	África do Sul	152.140,1	149.475,8	-1,8%
05	Emirados Árabes	144.936,3	141.762,9	-2,2%
06	Hong Kong	129.005,8	108.868,9	-15,6%
07	México	33.550,5	52.069,7	55,2%
08	Kuwait	60.868,0	50.782,8	-16,6%
09	Coreia do Sul	42.870,1	47.621,7	11,1%
10	Holanda	76.234,4	47.394,8	-37,8%
11	Demais Países (130)	716.735,0	579.702,4	-19,1%
TOTAL		2.078.711,5	1.803.825,6	-13,2%
TOTAL 10 MAIORES		1.361.976	1.224.123	
PARTICIPAÇÃO		65,5%	67,9%	

Fonte: MDIC/Secex

O primeiro semestre de 2018 mostra um desempenho negativo em relação ao mesmo período de 2017. Embora a China ainda seja um dos maiores importadores de carne de frango do Brasil, impôs, recentemente, medidas antidumping à carne de frango, acusando o Brasil de concorrência desleal com seus produtores, o que é contestado pelo Governo Brasileiro. Essas medidas submetem os importadores a depósitos alfandegários chineses entre 18,8% e 38,4%. A intenção dos chineses é impor uma política de preços ao produto importado, estabelecendo um piso e um teto, favorecendo o pleito dos produtores domésticos.

A Arábia Saudita também reduziu drasticamente suas importações em razão do aumento da produção local, da decisão brasileira de reduzir a produção de “grillers” (por questões de rentabilidade) e da concorrência de empresas brasileiras a importadores do Oriente Médio.

A União Europeia também impôs restrições à importação de frangos provenientes de 20 frigoríficos brasileiros, sob a alegação de problemas sanitários. Todavia, o setor produtivo contesta essa medida e justifica como uma possível decisão protecionista.

As exportações de carne de frango estão bem pulverizadas no mercado externo, considerando que os dez maiores importadores participam com aproximadamente 68% do volume total exportado pelo Brasil.

4.2. Carne suína

Os principais mercados importadores da carne suína estão demonstrados na Tabela 13.

Tabela 13.
Exportação de carne suína - comparativo 2017-2018

DESTINO		ACUMULADO DE JAN A JUN (VOLUME EM TONELADA)		
		2017	2018	%
01	Hong Kong	70.683,1	80.207,2	13,5%
02	China	25.868,6	71.540,3	176,6%
03	Argentina	17.274,9	19.091,3	10,5%
04	Uruguai	14.326,1	18.010,8	25,7%
05	Cingapura	15.873,9	16.959,1	6,8%
06	Angola	13.897,4	15.114,8	8,8%
07	Chile	10.342,7	14.497,1	40,2%
08	Geórgia	3.818,1	6.355,4	66,5%
09	Emirados Árabes	3.791,8	3.334,1	-12,1%
10	Filipinas	1.158,8	3.239,8	179,6%
11	Demais Países (54)	159.636,0	27.258,4	-82,9%
TOTAL		336.988,9	275.608,4	-18,1%

Fonte: MDIC/Secex		TOTAL 10 MAIORES	177.035	248.350,0
		PARTICIPAÇÃO	52,6%	90,1%

Os volumes exportados de carne suína no primeiro semestre de 2018 mostram um desempenho negativo bem expressivo em relação ao mesmo período de 2017, da ordem de 18%.

A Rússia, tradicional importador da carne suína brasileira, reduziu as importações do Brasil de 137 mil t no primeiro semestre de 2017 para 136 toneladas em igual período de 2018, alegando questões sanitárias. Entretanto, há interesse da Rússia em exportar trigo para o Brasil. Negociações entre os dois países estão em curso, esperando-se uma definição desse embaite ainda em 2018.

Embora tenha ocorrido aumento da oferta interna de carne suína na China, as importações do produto brasileiro aumentaram expressivamente no primeiro semestre de 2018, comparativamente ao mesmo período de 2017. As tensões comerciais entre Estados Unidos e China trouxeram vantagens para as exportações da carne brasileira. Porém, como o comércio internacional é uma via de mão dupla, não há garantias de que o Brasil possa substituir as exportações dos Estados Unidos, uma vez que não há uma política bem articulada a esse respeito, podendo surgir barreiras comerciais inesperadas com o aumento dos volumes.

A alta concentração das exportações para os dez maiores países importadores (em torno de 90% do volume total exportado) faz da carne suína um produto altamente sensível às oscilações dos mercados importadores. Dessa forma, a substancial redução de volumes importados pela Rússia provocam grandes impactos no setor.

5. Perspectivas para 2019

As melhoras no desempenho do setor estão condicionadas à recuperação da economia e da renda do consumidor. Os desdobramentos da atual crise político-fiscal do Brasil também são determinantes para a retomada do crescimento do setor produtivo.

Por se apresentarem em níveis muito baixos no primeiro semestre de 2018, a tendên-

cia é de que os preços internos apresentem recuperação em 2019, conforme já se observa nos gráficos de preços reais, anteriormente abordados.

A demanda por carnes na China deverá continuar crescendo. Consequentemente, as importações de carnes também deverão aumentar, levando a China a se consolidar como o maior importador do mundo.

A greve dos caminhoneiros, em maio de 2018, se tornou mais um complicador para a economia brasileira. Estudos comprovam que o farto financiamento público para aquisição de caminhões no passado recente aumentou significativamente a oferta desse serviço, derrubando o preço dos fretes. O estabelecimento de um tabelamento dos preços de frete por si só não se sustentará ao longo do tempo. Dessa maneira, as leis de oferta e procura se apresentam como a melhor solução com o passar do tempo, permitindo assim um ajuste que atenda a transportadores e contratantes.

A Operação Carne Fraca, ocorrida em março de 2018, ainda traz impactos restritivos às exportações brasileiras de carnes. Pressões por menores preços e exigências de natureza sanitária pelos mercados importadores dificultam as negociações no mercado externo. Contudo, o tradicional mercado importador já conhece o sistema produtivo do Brasil e assimilou rapidamente que as investigações detectaram problemas pontuais em um reduzido número de frigoríficos e que já foram sanados. De um universo de cerca de 4 mil frigoríficos, somente 21 apresentaram irregularidades.

Outro ponto a destacar diz respeito à disponibilidade de milho para o setor no segundo semestre de 2018 e início de 2019. Embora os dados de estoques de passagem sejam inferiores àqueles de 2017, a disponibilidade de produto para o setor de carnes é confortável, exigindo somente um planejamento mais acurado na formação de seus estoques pelos consumidores.

Um cenário do mercado externo bem restritivo aponta dificuldades para o setor produtivo, principalmente no que se refere a exigências de natureza sanitária e a contrapartidas comerciais que mercados como China, Rússia e União Europeia tentam impor ao Brasil.

5.1. Carne de frango

Mesmo mantendo a liderança como maior exportador mundial de carne de frango, o Brasil já exporta essa carne para cerca de 150 países, tornando-se cada vez mais difícil o acesso a novos mercados.

A imposição de taxas alfandegárias pela China à carne de frango brasileira, em princípio, não deverá se estender por muito tempo, haja vista a necessidade de abastecimento daquele país, uma vez que o frango faz parte da alimentação básica diária dos chineses. As consequências imediatas da disputa comercial entre EUA e China a obriga a se abastecer em outros mercados.

Porém, com surtos de *influenza* aviária na China e contaminação de humanos pelo vírus H7N9, a demanda interna pelo produto caiu, levando a China a importar menos.

A União Europeia também impôs restrições à importação de frangos de alguns frigoríficos brasileiros sob alegação de razões sanitárias. Não há concretamente justificativas para tal procedimento, levando a crer se tratar de medidas protecionistas.

A Arábia Saudita, maior importador de carne de frango do Brasil, numa tentativa de proteger sua produção doméstica, faz exigências de mudanças no abate halal (regras do islamismo, onde os animais não podem estar mortos no momento da degola). O Brasil alega que utiliza o atordoamento elétrico antes da degola e que esse procedimento não mata o animal, apenas o insensibiliza antes do abate.

5.2. Carne suína

Mudanças comportamentais e culturais dos consumidores também são fatores decisivos para o aumento do consumo de carne suína, uma vez que estes dão preferência aos produtos de origem bovina ou de frango.

A concentração de mercados e a dificuldade de acesso a novos mercados continuam como principais fatores de preocupação para o setor. O ciclo produtivo, bem mais longo que o do frango (cerca de 170 dias), dificulta o planejamento do volume de alojamento para ajuste da oferta à demanda diante de um cenário futuro incerto.

O expressivo aumento das importações pela China no primeiro semestre de 2018, de cerca de 176% em relação a 2017, não compensou a redução também significativa das importações pela Rússia.

Surtos de peste suína africana foram identificados em território chinês, levando as autoridades sanitárias a tomarem medidas drásticas de abates e fechamento temporário de mercados e matadouros nas províncias afetadas. Há um enorme esforço das autoridades chinesas em busca da erradicação da doença.



FEIJÃO

JOÃO FIGUEIREDO RUAS



Foto: Sebastião Pereira.

1. Introdução

O feijão tem um papel importante na dieta alimentar da população e também na geração de receitas dos pequenos produtores que se utilizam da força de trabalho familiar. A produção desse grão é bastante difundida em todo o território nacional e distribuída em três safras ao longo do ano, sendo o Brasil o terceiro maior produtor mundial.

Até a década de 70, se produziam apenas duas safras bem distintas: a 1ª safra, ou safra das águas, e a 2ª safra, ou safra da seca, caracterizadas como cultura anual. Entretanto, com a profissionalização do plantio de forma empresarial, utilizando tecnologia de ponta, irrigação com pivôs centrais, sementes melhoradas e utilização maciça de insumos, a 3ª safra, também denominada como safra de inverno, com alta produtividade, alcançando em determinadas regiões acima de 3.500 kg/ha, contra a média nacional pouco acima de 1.000 kg/ha, passou a ter um papel importante no equilíbrio da oferta no segundo semestre do ano.

A cultura do feijão é muito susceptível às adversidades climáticas e, por isso, se caracteriza como um mercado dinâmico, apresentando intensa volatilidade de preços.

O comércio mundial do feijão é bastante limitado em função do consumo ser relativamente inelástico, já que se trata de um produto de consumo eminentemente interno, pois poucos países produzem visando o comércio externo. Todavia, para suprir as necessidades de demanda interna, o Brasil importa em torno de 150 mil t ao ano, sendo a maioria de feijão comum preto proveniente da Argentina.

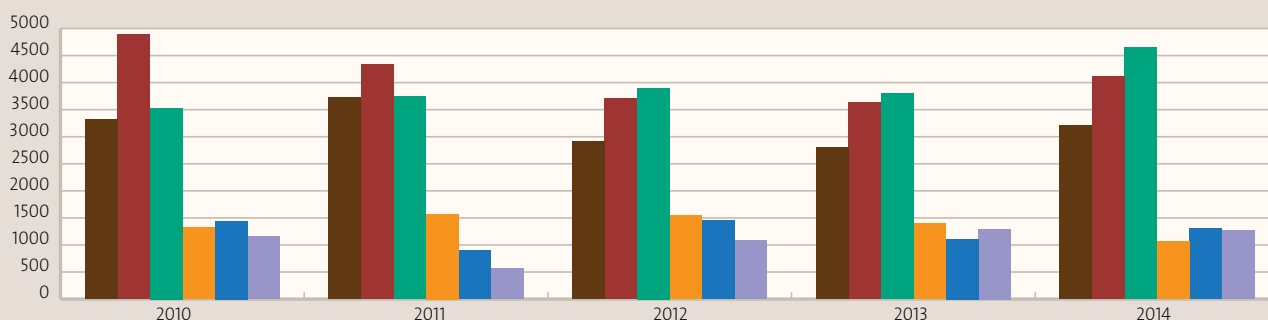
2. Panorama internacional

2.1. Produção mundial

A pouca importância comercial do produto no âmbito mundial, aliada à falta de um real conhecimento do seu mercado e ao pequeno consumo entre os países do primeiro mundo, limita a expansão do comércio internacional. Outro fator determinante do pequeno fluxo internacional é o fato dos grandes produtores serem também os grandes consumidores do produto, o que torna pequeno o excedente exportável.

Os hábitos alimentares são bastante diversificados entre os países e mesmo entre regiões de um mesmo país em termos de preferência por tipos, variedades e classes. Cerca de 61% da produção mundial deste produto são provenientes de apenas seis países. Myanmar é o maior produtor mundial dessa leguminosa, seguido da Índia. Surgem ainda como maiores produtores o Brasil, China, EUA e México.

Gráfico 1.
Produção mundial em mil t – 2010 a 2014



Fonte: FAO/Junho de 2018

2.2. Produção no Mercosul

Nos últimos quatro anos, a produção média de feijão, em países que compõem o Mercosul, ficou em 3,6 milhões de toneladas. O Brasil é o principal produtor, com cerca de 3,1 milhões de toneladas anuais; seguido da Argentina, com 350 mil toneladas; do Paraguai, com 56,0 mil t; e do Uruguai, com 3,5 mil t.

O Brasil se destaca como o maior produtor e consumidor, com participação superior a 90% na produção e no consumo. A Argentina, segundo maior produtor, registra consumo per capita em torno de 470 g/ano, com saldo exportável médio de 180 mil t anuais. O feijão é produzido, principalmente, na região noroeste do país, nas províncias de Salta, de Santiago del Estero, de Jujuy e de Tucumã.

As principais classes produzidas na Argentina são o comum preto e o comum branco, comercializadas em mercados distintos. Cerca de 90% do feijão branco são destinados à exportação. A União Europeia é a principal importadora dessa classe, sendo a Espanha sua principal consumidora, seguida de Portugal, da Itália e da França. O feijão comum preto é exportado em sua totalidade, já que não existe consumo na Argentina para essa cultivar. O Brasil se destaca como principal importador dessa variedade, com destaque também para a Venezuela.

2. Panorama nacional

Na temporada em curso 2017/2018, a produção de feijão comum cores representou 59,9% do volume produzido; a de feijão preto, 14,7%; e a de caupi, 25,4%. O feijão comum cores está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. O feijão comum preto concentra-se no sul do país e cerca de 59,3% de sua produção é oriunda da 1ª safra. A variedade caupi, cultivada nas regiões Norte e Nordeste e no Mato Grosso, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção da Bahia.

3.1. Comportamento da temporada 2017/18

Tabela 1.
Produção por classe 2017/18 estimada no 10º Levantamento de Safra

CLASSE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	3ª SAFRA	TOTAL
C. CORES	798,1	523,5	660,3	1.981,9
C. PRETO	298,2	175,2	11,6	485,0
CAUPI	184,5	594,6	62,2	841,3
TOTAL	1.280,8	1.293,3	734,1	3.308,2

Fonte: Conab

Nota: 1ª Safra: colheita de novembro a março - concentração Região Sul, MG, SP, GO, PI e BA.

2ª Safra: colheita de abril a junho - concentração na Região NE, PR, MT, RO, PA e GO.

3ª Safra: colheita de julho a outubro - concentração nos Estados de MG, SP, GO, BA, PE e AL.

1ª safra ou safra das águas: colheita de novembro a abril – concentração nas regiões Sul, Sudeste, Goiás, Piauí e Bahia.

De acordo com a pesquisa da Conab realizada junto às principais regiões de produção, nos estados que cultivam a 1ª safra, a área plantada recuou 5,9% em relação à safra anterior em razão dos baixos preços de comercialização.

A menor safra foi resultado não somente da redução da superfície cultivada, mas também das más condições climáticas, que afetaram as lavouras. No sul do país, o excesso de chuva, verificado desde a última semana de dezembro e em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita, além de ter prejudicado o rendimento das lavouras, afetou a qualidade do produto que, em muitos casos, apresentaram grãos enquadrados como produto comercial. Os produtores ficaram apreensivos com os baixos preços e a quantidade de produto manchado, deformado e com elevado grau de umidade.

Nos estados do Paraná e Santa Catarina, as quebras na produtividade foram de, respectivamente, 15,2% e 12,8%. Já na Bahia, a insuficiência hídrica limitou o plantio, que caiu de 226,9 para 156,7 mil ha, e prejudicou o desenvolvimento das plantas. Com isso, a produtividade reduziu em 19,9%, e a produção ficou estabelecida em 74,6 mil t, menor em 60,1 mil t à registrada na safra anterior.

Geralmente, nos meses de janeiro e fevereiro, nota-se uma expressiva queda no consumo em função das férias escolares. As vendas costumam ser fracas, mas o mercado se surpreendeu com a falta de negócios, que ficou ainda mais enfraquecido face à baixa qualidade

do grão.

Em todos os segmentos do setor, observou-se um fraco giro da mercadoria, demonstrando o pouco interesse na aquisição do produto ofertado, principalmente do grão de qualidade inferior (manchados, brotados, deformados, com elevada umidade e bandinhas).

Nas zonas de produção, a oferta do tipo extra esteve escassa, e a maior parte do volume ofertado foi de grão comercial que, em parte, gerou prejuízos para alguns produtores que investiram no plantio, procurando realizar todos os tratos culturais exigidos pela cultura, visando manter a qualidade do grão.

Esperava-se que, após o carnaval, o volume de produção a ser comercializado seria insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma melhor remuneração do produto. No entanto, nem mesmo com a expectativa de maior demanda em março, que não se concretizou como o esperado, com o retorno das férias escolares, o mercado se manteve com baixo patamar de preços.

Assim, a fraca demanda, aliada ao estoque remanescente, na maior parte de mercadoria de fraca qualidade, deixou, no primeiro trimestre de 2018, certa fragilidade no mercado.

2ª safra ou safra da seca: colheita de abril a julho – concentração nas regiões Nordeste, Sul, Sudeste, e nos estados do Mato Grosso, Rondônia e Goiás.

No Paraná, principal estado produtor, a pesquisa realizada pela Conab apurou um plantio menor em 25,1% quando comparado com a safra anterior, em razão dos baixos preços de comercialização. A produção reduziu-se em 19,4%, ou 41,9 mil t a menos que a colheita registrada em 2017. A colheita teve início em abril e se estendeu nos meses de maio e junho.

Em abril, o mercado atacadista de São Paulo operou com baixo volume de entradas, e a pouca disponibilidade do produto extra contribuiu para uma valorização do grupo carioca em relação ao mês anterior. Esta elevação atingiu principalmente os lotes de mercadorias mais claras, com cor nota 8,5 para cima, que estavam escassas. A boa demanda favoreceu o escoamento de boa parte das ofertas disponíveis, e as sobras foram, quase que na totalidade, de mercadorias de baixa qualidade de grãos.

Apesar da preferência da demanda pelo produto extra ou similar, muitos compradores, sem alternativas devido à cotação elevada do referido produto, acabaram optando por tipos inferiores em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor. Nas zonas de produção, os preços também reagiram. A pouca disponibilidade do produto de boa qualidade, após a colheita da 1ª safra, provocou aumento nas cotações. No Paraná, os agricultores receberam, em média, R\$ 105,97 por saca, contra R\$ 102,41 em março.

Em maio, o mercado esteve calmo, apresentando um comportamento inverso ao verificado em abril, com sucessivas quedas dos preços desde o início do mês, atribuídas à maior oferta do produto por conta da continuidade das colheitas na região centro-sul do país e da retração nas compras pelos empacotadores. Observou-se um expressivo aumento na oferta e na qualidade do produto – mais secos e de coloração mais clara. Ademais, observou-se um expressivo estreitamento nos valores entre os tipos. Curiosamente, o principal motivo do me-

nor preço não foi a concentração da colheita, e sim a demanda dos compradores pelo produto comercial, fato que pressionou para baixo os preços do produto extra e forçou a queda dos demais tipos.

A origem do produto ofertado no mercado paulista foi de, praticamente, todas as unidades federativas da região centro-sul do país, com exceção do Mato Grosso, onde grande parte da sua produção é destinada à exportação. O volume de vendas foi considerado bom, mas o referido incremento na oferta influiu negativamente na cotação de todo o grupo, que acabou recuando gradativamente ao longo do mês de junho. Apesar da boa procura pelo produto de melhor qualidade, a mercadoria extra foi a que apresentou maior queda de preço, explicada, em parte, pela grande diferença de valores quando comparados aos demais tipos.

No início de maio, a saca do produto nota 9,5 estava cotada em R\$ 150 e recuou para R\$ 112,50 no início de julho, o que representa um declínio de 25%, ou menos R\$ 37,50. Já o produto comercial nota 7,5, no mesmo período, passou de R\$ 90 para R\$ 75, queda de 16,7%, ou menos R\$ 15. Da mesma forma, nas zonas de produção, a situação de preços se estendeu negativamente aos produtores e, nas principais praças de comercialização, o grão apresentou ligeira desvalorização.

No Paraná, a escassez de chuva verificada nos meses de abril e maio atingiu boa parte da área semeada com a leguminosa, comprometendo o seu potencial produtivo e a qualidade dos grãos. Apesar da estimativa de menor produtividade em relação à previsão inicialmente divulgada pela Conab, os preços desvalorizaram em virtude da fraca demanda. Contudo, tal situação afastou a ideia de oferta abundante nos próximos meses, deixando o quadro de oferta e demanda ainda mais ajustado.

O nordeste do país não é autossuficiente na sua produção, mas a boa safra verificada naquela região contribuiu com uma produção de 150,3 mil t a mais que a colheita de 2017. Assim, provavelmente ocorrerá uma menor demanda pelo feijão produzido em outras regiões do país, afastando a possibilidade de expressivos aumentos das cotações.

3ª safra ou safra de inverno: colheita de junho a outubro – concentração em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas.

Quanto a 3ª safra, ou safra de inverno, ainda em fase de plantio, a Conab estima uma área de 611,4 mil ha, 4,8% abaixo da anterior, em função dos baixos preços praticados no mercado. Espera-se uma produção de 765,4 mil t, inferior em 8,6% à colheita passada. As reduções na área foram mais acentuadas no Mato Grosso, com 30%, onde a cultura é conduzida debaixo de pivôs; e na Bahia, com 5,4%. Esta retração foi ocasionada pelas melhores condições de mercado para o milho e, principalmente, pela restrição na oferta de crédito dos bancos oficiais. A colheita já teve início, mas o pico está previsto para meados de agosto.

Dos estados do sul do Brasil, o Paraná é o único que cultiva a 3ª safra. O plantio é conduzido no regime de sequeiro, com alto risco, e se concentra nas regiões norte e nordeste do estado. A região de Ivaiporã é, no momento, a principal produtora da 3ª safra paranaense, responsável por 27% do volume de produção. A colheita no Paraná teve início em junho, com cerca de 10% da área, e deverá se estender até o mês de setembro.

Do montante a ser colhido na safra de inverno para o Centro-Oeste e Sul, cerca de 500 mil t são provenientes do sistema de irrigação, o que confere baixo grau de incerteza quanto a esse volume. Por outro lado, o restante da produção, oriundo das regiões Norte e Nordeste, é cultivado no regime de sequeiro e depende muito das condições climáticas.

Doravante, para uma melhor avaliação quanto à formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia, que apresenta, até o momento, chuvas normais e bem distribuídas, e para o volume a ser colhido nas áreas irrigadas. Essas lavouras estão em estágios bastante diversificados, desde o desenvolvimento vegetativo até o início de colheita.

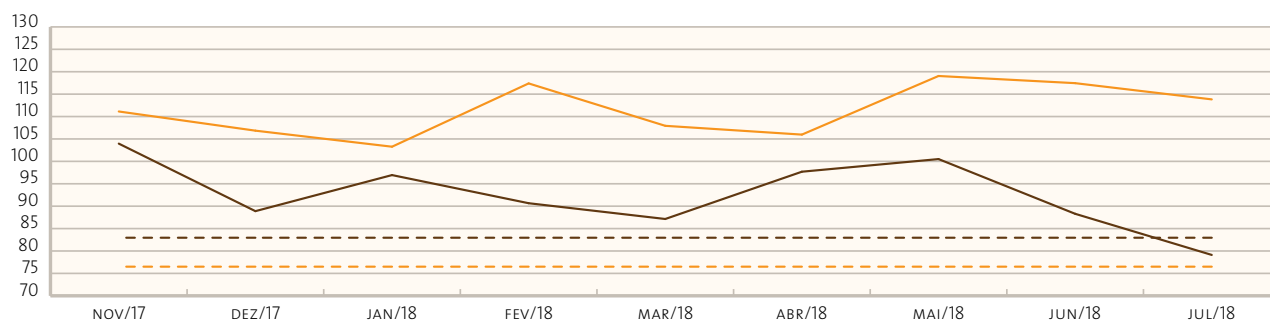
Em virtude da fraca demanda, a oferta continua sendo suficiente para atender ao abastecimento dos mercados consumidores e não se esperam, até o fim de agosto, alterações significativas nos preços. Dessa forma, e diante do atual quadro de mercado, as perspectivas de melhoria dos preços ficam atreladas aos seguintes fatos:

- 1) Provável maior demanda pelo grão em virtude do baixo estoque da produção da 2ª safra, a partir de julho, aliado à expressiva queda que vem ocorrendo nas cotações do produto;
- 2) Provável recuperação do consumo a partir do mês de agosto, com o término das férias escolares;
- 3) Desenvolvimento da 3ª safra no nordeste da Bahia, altamente dependente do clima. Essa safra participa com mais de 22% da produção de inverno e complementa o abastecimento interno do país até o mês de outubro.

Neste segundo semestre do ano, a quase totalidade do produto ofertado no mercado é, basicamente, de feijão comum carioca, uma vez que o plantio de feijão caupi e, principalmente, do feijão comum preto é inexpressivo. Essa última cultivar se limita a um pequeno percentual conduzido sob pivôs e em algumas áreas plantadas na região de Garanhuns/PE.

A partir de junho, diante da expectativa de uma boa 3ª safra, com produtos de melhor qualidade, a demanda se manteve fraca, e os preços desvalorizaram. No Paraná, os preços recebidos pelos produtores do feijão carioca recuaram, em média, de R\$ 94,69 na primeira semana para R\$ 78,34/60 kg na última semana. Para o feijão comum preto, o recuo foi de R\$ 116,34 para R\$ 113,56 a saca. Em Minas Gerais, nesse mesmo período, as cotações passaram de R\$ 115,01 para R\$ 94,56. Em julho, os preços continuaram em queda e cotados, em média, para o produto irrigado de melhor qualidade, em torno de R\$ 99,00.

Gráfico 2.
Preços recebidos pelos produtores no Paraná – R\$/60 kg



Fonte: Conab

3.2. Suprimento

Tabela 2.
Quadro de suprimento Brasil – comum cores, preto e caupi (em mil t)

ANO -SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.308,0	120,0	3.730,6	3.300,0	120,0	310,6

Legenda: (*) Dados estimados em junho de 2018

Fonte: Conab; Secex

O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da 2ª e 3ª safras e com uma pequena parcela de produto importado. A colheita da 3ª safra começou em julho, e o volume a ser produzido complementarará o abastecimento interno até o mês de novembro, quando terá início a colheita da 1ª safra da temporada 2017/18.

4. Perspectivas para a temporada 2018/19

Em função da intensificação da colheita da safra irrigada e da produção da região nordeste da Bahia, espera-se uma concentração de ofertas para os meses de agosto e de setembro. Com isso, as cotações vêm recuando significativamente, podendo ficar em torno do mínimo oficial, fixado em R\$ 82,96 a saca, nos próximos dois meses.

A partir de outubro, a oferta deverá reduzir-se bastante, e os preços contam com maiores chances de retornar para um movimento de alta, podendo apresentar valores em torno de R\$ 120 a saca. Este cenário deve se alongar até dezembro de 2018, quando começará a entrar no mercado uma boa quantidade da produção paranaense oriunda da safra das águas (1ª safra 2018/2019).

Na temporada 2017/18, a produção de feijão comum cores, em todas as três safras, fi-

cou abaixo da registrada na temporada anterior. Mesmo com uma menor produção, os preços recebidos pelos produtores estão muito aquém dos praticados no ano passado e, em algumas localidades, abaixo dos custos de produção.

O mercado tem se comportado de forma atípica no tocante a cotações e alguns pontos que podem justificar esse comportamento são:

- 1) A boa safra nordestina, com uma produção superior em 150 mil t à safra anterior;
- 2) Produção familiar que não entra no sistema de comercialização, embora representativa;
- 3) A produção de feijão caupi estimada em 841,3 mil t, sendo que quase 1/3 desta é produzida no Mato Grosso para fins de exportação. Devido à boa safra em outros países, o mercado externo limitou as importações, e o volume excedente acabou sendo direcionado para o consumo interno. Nessa Unidade Federativa, o preço do produto novo está cotado em torno de R\$ 43 a saca.

Assim, a 1ª safra da temporada 2018/19 deve contar com uma área plantada bem inferior à registrada na safra anterior. Além dos preços desestimulantes recebidos pelos produtores, que em algumas localidades se encontram abaixo do mínimo oficial, o mercado está bastante favorável para as culturas da soja e do milho.

No Paraná, desde o ano de 2013, muitos produtores estão optando por reduzir o plantio do feijão comum preto/cores devido ao excesso de chuva que geralmente ocorre no período da colheita e à boa rentabilidade da soja. Nas regiões de Ponta Grossa e Castro, onde se concentram os maiores produtores de feijão carioca, a redução é mais preocupante.

Minas Gerais, segundo maior estado produtor, aponta para uma expressiva retração no plantio em comparação à safra anterior. Além dos preços em queda, os longos períodos de estiagem, que normalmente ocorrem a partir da segunda quinzena de dezembro até o final de janeiro, têm prejudicado acentuadamente a produtividade e a qualidade do produto. Ainda, a infestação da mosca branca em determinadas regiões acaba inibindo o crescimento na área plantada. Já no estado de Goiás, em termos percentuais, a queda no plantio pode superar a de Minas Gerais. No sudoeste do estado, muitos produtores já optaram pela cultura do milho.

Em São Paulo, o cultivo ocorre bem mais cedo do que nos demais estados do país. A área será praticamente a mesma cultivada na safra anterior e caso ocorra alguma oscilação negativa, será mínima. Alguns produtores costumam antecipar a semeadura para o final de junho e início de julho, com o propósito de colher mais cedo e conseguir uma melhor remuneração na venda do grão. Nos municípios de Taquarituba, Itaí, Capão Bonito, Avaré, dentre outros, os agricultores começam a semear o feijão em agosto, e a colheita se dá a partir de novembro, correndo sério risco de chuvas na colheita.

Uma expressiva redução no plantio da safra das águas deve contribuir, sobremaneira, para uma boa elevação dos preços e, com isso, provocar um forte incremento no segundo plantio. Caso aconteça, e se não houver contratempos no decorrer do ciclo vegetativo, o volume de

produção poderá influir negativamente nos preços, que poderão ficar abaixo dos praticados na 1ª safra.

No sul do país, tanto o feijão comum preto e, principalmente, o comum cores devem aumentar a área de cultivo. Esse comportamento pode ser explicado, em parte, pela proibição do plantio da soja 2ª safra como medida preventiva da praga causadora da ferrugem asiática.

Nos demais estados da região centro-sul do país não deverão ocorrer oscilações significativas no plantio em relação à superfície ocupada anteriormente. Por outro lado, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil predominam agricultores familiares que cultivam normalmente a área histórica em sistema de consórcio, não se prendendo muito ao comportamento do mercado. Assim, caso não haja externalidades climáticas, a área deverá ser mantida.

Cabe esclarecer que, desde 2016, aumentou o interesse dos produtores na utilização de semente certificada. Apesar da boa procura, diminuiu de forma significativa a oferta de sementes e, conseqüentemente, cresceu o uso de grãos para o plantio. Cerca de 85% dos produtores, após a colheita da safra, guardam parte da sua produção, que é utilizada para o plantio da safra seguinte, como se fosse semente. Para o produtor, tal atitude sai mais em conta do que adquirir sementes certificadas e legalizadas, mas segundo pesquisadores, ao agir dessa forma, os produtores perdem em produtividade e qualidade do produto final. O custo com sementes, levando em conta os seus benefícios, é o menor entre todos os outros custos de produção.

Nos meses de dezembro a fevereiro, como de hábito, ocorre uma forte queda no consumo, ocasionada pelas festividades de final de ano e férias escolares. Assim, com o mercado pouco demandado e com a expectativa do volume a ser colhido na 2ª safra, os preços tendem a recuar a partir de janeiro de 2019, mas para valores acima do mínimo oficial, provavelmente por volta de R\$ 110 a saca.

Como já mencionado, nos últimos anos, a 2ª safra de feijão vem aumentando no Paraná, mas alguns produtores acabam não tomando os cuidados necessários antes de plantar o feijão após a colheita da soja na 1ª safra. O resultado é a presença de grãos de soja no feijão, o que acaba depreciando o seu valor e dificultando a venda.

O mercado atacadista de São Paulo, principal formador de preços, recebe mercadoria de várias regiões do país. Muitas sacas apresentam grande variação de qualidade dos grãos dentro da mesma cor (peneira, manchas, umidade, soja, etc.). Por isso, diante dos defeitos, ocorre uma enorme variação de preços.

Quanto à 3ª e última safra, torna-se prematuro qualquer prognóstico. No entanto, nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o plantio é conduzido por meio de irrigação e não deve apresentar oscilações significativas com relação à superfície a ser cultivada e à produção. Já na Região Nordeste, as lavouras são conduzidas no regime de sequeiro e dependem do clima.

Pontos importantes para o plantio do feijão:

- Com a expectativa de redução no plantio da 1ª safra devido aos baixos preços praticados no mercado, provavelmente ocorrerá uma boa elevação das cotações aos

produtores;

- O Brasil não é autossuficiente na produção de feijão comum preto e depende de importações para suprir o abastecimento interno;
- O feijão desempenha papel importante na alimentação da população rural e também é gerador de receitas dos pequenos produtores, que utilizam da força de trabalho familiar; e
- Se ocorrer falta ou excesso de produto, em determinada safra, pode-se promover o ajuste na safra seguinte, objetivando regular o abastecimento a curto prazo.

4. Considerações finais

O produtor é tomador de preços e para, se manter na cultura, deve estar atento aos dados de produção, clima, histórico das safras, qualidade do grão a ser cultivado, novas tecnologias, entre outros fatores. Logo, o momento e a área destinada ao plantio são ponderados para maximizar o sucesso econômico e minimizar os prejuízos. A valorização do dólar frente ao real tem influenciado na elevação dos custos de produção e, consequentemente, nas decisões dos produtores. Ademais, parcela significativa dos produtores em Minas Gerais e em Goiás estão apreensivos em relação ao plantio devido ao intenso ataque da mosca branca, praga que transmite o mosaico dourado e eleva o dispêndio financeiro sobremaneira.

No Paraná, o sistema de plantio direto tem sido um dos mais utilizados. É um sistema de manejo do solo, comprovadamente superior em muitas circunstâncias, que substitui o convencional, notadamente por não utilizar as operações mecânicas de preparo do solo para o plantio, sem qualquer tipo de revolvimento. Sua vantagem é expressa no menor custo representado pela redução das horas-máquina empregadas e na manutenção do solo mais protegido pela cobertura vegetal.

O mercado de feijão é dinâmico e por esse motivo apresenta uma expressiva oscilação de preços e, frequentemente, quem planta mais cedo obtém melhor cotação na comercialização do produto. O ideal seria fugir da concentração da colheita, pois o excesso de oferta influi negativamente nos preços.

Os valores praticados no mercado têm tido grandes oscilações, ora positivas, ora negativas, atribuídas basicamente a fatores climáticos como quebra das safras em 2012, 2013 e 2016, sendo que, neste último ano, ocorreram os maiores valores recebidos pelos produtores em preços reais. Em algumas situações, os produtores não tiveram como aproveitar os elevados preços, tendo em vista que boa parte da produção foi frustrada ou comercializada a preços abaixo dos custos de produção em virtude da má qualidade do grão.

Cabe reiterar a importância de se adotar as práticas agrícolas adequadas na hora do plantio como forma de evitar problemas na comercialização. Uma mercadoria de boa qualidade sempre conta com uma boa demanda e preços compensadores. Em 2017, os preços praticados no mercado estiveram bem remuneradores, no entanto, em vários lotes ofertados no

mercado disponível em São Paulo, foi constatada a presença de soja, que pode ser resultado de sucessão adotada por alguns produtores.

4.1. Dinamização do cultivo

A cultura vem mudando de padrão, e os produtores vêm se profissionalizando cada vez mais em uma busca constante por alternativas modernas no uso de tecnologias. No entanto, o plantio de feijão no país é efetuado por meio de “sementes salvas” ou grãos comerciais por cerca de 85% dos produtores. Esta atitude talvez seja o motivo para o insucesso de tantas lavouras, pois são inúmeros os trabalhos científicos que provam que o uso dessas causam a degeneração varietal, a contaminação por patógenos e danos mecânicos às máquinas agrícolas.

Um dos principais entraves na comercialização está no fato do maior volume da produção nacional, cerca de 40%, ser do grupo carioca de alta deterioração. Apesar de contar com a preferência nacional, esta variedade tem aceitação limitada em outros países. Portanto, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição e, ao contrário, quando ocorre excesso de oferta, não há como escoar o excedente para o mercado internacional e a mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade e onerando os custos de carregamento, o que gera forte deságio na venda.

Diante dos riscos em armazenar o feijão carioca, mesmo que por um curto período, pesquisadores desenvolveram cultivares, já disponíveis no mercado, que mantêm a tonalidade do tegumento do grão por mais de um ano. Dentre estas novas variedades, pode-se citar as variedades dama, milênio, alvorada, estilo, requinte e ANFC9. Tais sementes aos poucos estão ganhando mercado devido à boa produtividade e vêm sendo bastante demandadas por algumas empresas de empacotamento. Aos poucos ocorrerá uma significativa substituição do feijão carioca, criando um mercado de opção diferenciado, cujos preços serão mais atrativos.

Firmas do setor privado têm se interessado pelo melhoramento genético do feijoeiro, com preferência por plantas de porte ereto para a colheita mecânica, como ocorre no Mato Grosso. Neste estado, cerca de 3/4 da produção é da cultivar caupi, e o grande problema é a logística de comercialização, uma vez que o mercado consumidor é a Região Nordeste do Brasil e países como Índia e Egito, dentre outros. Deve-se esclarecer que essa diversificação está sendo beneficiada pelo baixo custo de produção e pelas qualidades nutricionais do produto. O caupi é uma excelente fonte de proteínas, aminoácidos essenciais, carboidratos, vitaminas e minerais e é um alimento básico para as populações, em especial as de baixa renda.

O acesso ao mercado internacional representa um salto importante nas estratégias de produção e comercialização. Produzir para o mercado externo significa atingir níveis superiores de qualidade dos produtos, tendo em vista as exigentes condições que prevalecem no comércio internacional, além da competitividade nos custos de produção.

Outros benefícios advindos da exportação decorrem da diversificação dos mercados, viabilizando maiores volumes de produção, incorporação de novas tecnologias produtivas e aperfeiçoamento da qualificação da mão de obra. O Brasil apresenta grandes vantagens competitivas, além da boa produtividade, e são três colheitas anuais contra uma dos demais países, o que nos permite antecipar informações fundamentais para o plantio (preço, clima, etc).

A exportação é uma etapa a ser conquistada com outras cultivares, pois, o Brasil tem clima, área disponível e alta tecnologia, podendo produzir qualquer variedade e se adaptar às exigências de qualquer mercado. Para tanto, precisa levar ao consumidor, por meio de palestras e campanhas publicitárias, informações sobre os benefícios do feijão à saúde. Ademais, é importante o investimento em tecnologia de rastreabilidade do produto para que, dessa forma, haja agregação de valor ao produto e maior segurança aos consumidores.

É consenso que falta um plano de acesso aos mercados no mundo. O setor precisa reverter essa tendência, já que a influência dos produtos de rápido preparo tem sido negativa para o feijão. O modismo, por exemplo, tem levado boa parte dos consumidores mais jovens a optar pelos sanduíches, massas, biscoitos e refrigerantes. O mercado de feijão é promissor, principalmente para o atendimento da merenda escolar, refeições coletivas e cestas básicas. Há também alguns *Food Services* que servem o feijão: Habib's, Giraffas, Bom Grille, além de restaurantes de classe C, D e E, que representam atualmente boa parte do consumo de alimentos fora do domicílio.

Como parte final dessa exposição, deve-se agradecer todo o apoio e dedicação do colaborador Auro Nagay – Diretor da Bolsinha Informativos, profissional reconhecido no mercado, além de parceiro nessa jornada empreendida diariamente.



LÁCTEOS

FÁBIO SILVA COSTA



Foto: acervo Conab.

1. Introdução

A seguir são apresentados alguns aspectos do setor lácteo, no mercado mundial e no país, no que se refere à produção, consumo, comércio e preços, com o objetivo de apresentar informações que auxiliem o setor a vislumbrar a situação de mercado para a estação produtiva 2018/19.

2. Mercado internacional

2.1. Cenário macroeconômico

A safra 2018/19 de grãos, fibras e produção pecuária deve ocorrer em um ambiente de crescimento da economia mundial, o qual deverá ser de 3,9% em 2018 e 2019 (+ 3,7% em 2017), relativamente ao ano anterior, conforme os últimos relatórios divulgados pelo International Monetary Fund (IMF), World Economic Outlook, de abril/2018, e World Economic Outlook Update, de julho/2018. Por outro lado, a expansão da economia está se tornando menos uniforme e os riscos para as perspectivas estão aumentando, em razão do aumento de tensões comerciais e pressões de mercado sobre as moedas de algumas economias com fundamentos mais fracos.

Em 2018, estima-se que as economias desenvolvidas devem crescer 2,4% (2,4% em 2017 e 2,2% em 2019), e as economias emergentes e em desenvolvimento, 4,9% (4,7% em 2017 e 5,1% em 2019).

Os Estados Unidos devem crescer sua economia em 2,9% em 2018 (2,3% em 2017 e 2,7% em 2019), e a União Europeia (área do Euro), em 2,2% (2,4% em 2017 e 1,9% em 2019). O Japão deverá crescer 1,0% em 2018 (1,7% em 2017 e 0,9% em 2019).

Os principais países emergentes e em desenvolvimento devem apresentar as seguintes taxas de crescimento em 2018: Rússia 1,7% (1,5% em 2017 e 2019), China 6,6% (6,9% em 2017 e 6,4% em 2019), Índia 7,3% (6,7% em 2017 e 7,5% em 2019) e Brasil 1,8% (1,0% em 2017 e 2,5% em 2019). O México deverá crescer 2,3% em 2018 (2,0% em 2017 e 2,7% em 2019).

Os 5 países pertencentes à Associação das Nações do Sudeste da Ásia (Asean-5), Indonésia, Tailândia, Malásia, Filipinas e Vietnã, devem manter o crescimento de 5,3% de 2017 nos anos de 2018 e 2019. Os 13 países da Europa Emergente e em Desenvolvimento, após evoluírem 5,9% em 2017, devem evoluir 4,3% em 2018, recuando para 3,6% em 2019.

2.2. Preços internacionais: pagos ao produtor e de commodities lácteas

Os preços internacionais das commodities lácteas na América do Sul (média das cotações mínima e máxima) publicados pelo International Dairy Market News Report, do United States Department of Agriculture / Agricultural Marketing Service (Usda/AMS), durante o mês de junho, apresentaram as seguintes modificações relativamente à média do mês anterior: leite em pó integral + 1,2% situando-se em US\$ 3.200,0/t; e leite em pó desnatado - 4,5%, situando-se em US\$ 2.412,5/t (Tabela 1 e Gráfico 1).

Tabela 1.

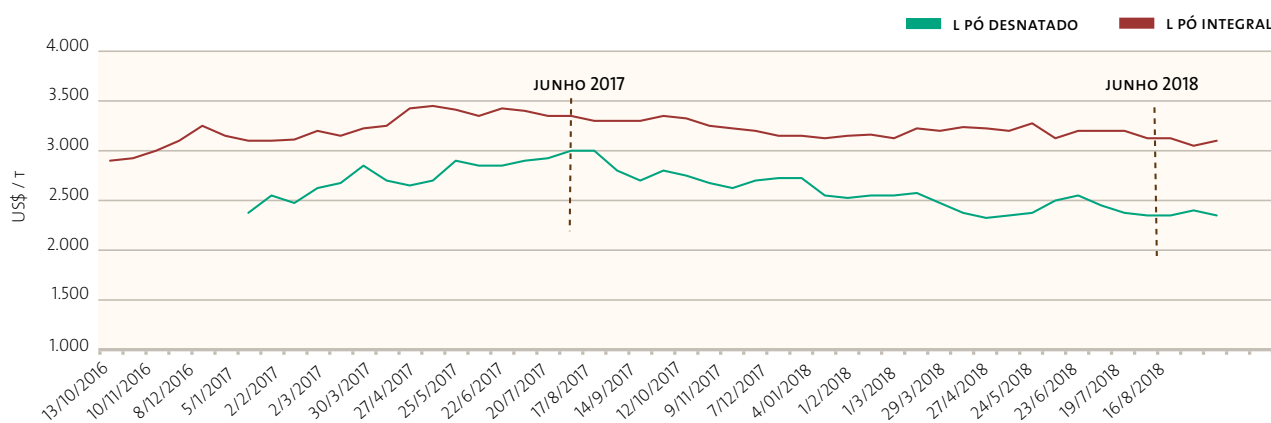
Commodities lácteas: preços internacionais mensais médios na América do Sul, Oceania e Europa Ocidental FOB porto - Em US\$/t - Junho/2018

CENTRO DE REFERÊNCIA / COMMODITY	PERÍODOS ANTERIORES		JUNHO 2018	VARIAÇÃO (%)	
	JUNHO 2017	MAIO 2018		3 / 2	3 / 1
	1	2			
AMÉRICA DO SUL ¹					
LEITE EM PÓ INTEGRAL	3.412,5	3.162,5	3.200,0	1,2%	-6,2%
LEITE EM PÓ DESNATADO	2.875,0	2.525,0	2.412,5	-4,5%	-16,1%
OCEANIA ¹					
LEITE EM PÓ INTEGRAL	3.162,5	3.268,8	3.231,3	-1,1%	2,2%
LEITE EM PÓ DESNATADO	2.087,5	2.062,5	2.112,5	2,4%	1,2%
MANTEIGA	5.737,5	5.750,0	5.700,0	-0,9%	-0,7%
QUEIJO CHEDDAR	3.900,0	4.093,8	3.981,3	-2,7%	2,1%
EUROPA OCIDENTAL ¹					
LEITE EM PÓ INTEGRAL	3.443,7	3.318,8	3.381,3	1,9%	-1,8%
LEITE EM PÓ DESNATADO	2.262,5	1.750,0	1.868,8	6,8%	-17,4%
MANTEIGA	6.250,0	7.018,8	7.162,5	2,0%	14,6%
SORO EM PÓ	1.225,0	912,5	918,8	0,7%	-25,0%

Fonte: Usda/AMS.

Nota: (1) Média aritmética das cotações (médias) divulgadas para o mês em questão pelo "International Dairy Market News - Reports and Prices".

Gráfico 1.
América do Sul: preços internacionais quinzenais do leite em pó integral e desnatado
FOB porto, out/2016 a jun/2018 - em US\$/t



Fonte: Usda

Segundo estimativas do Usda, a produção mundial de leite e derivados deve aumentar em 2018 em relação ao ano anterior. A produção mundial de leite em pó integral deve passar de 4.795 mil t em 2017 para 4.821 mil t em 2018, aumento de 1% no período, enquanto a produção de leite em pó desnatado cresce 2%, passando de 4.782 mil t em 2017 para 4.945 t em 2018. A produção de manteiga deve ter aumento anual de 3%, passando de 10.226 mil t em 2017 para 10.535 mil t em 2018, enquanto a produção de queijo deve aumentar 2% no mesmo período, passando de 20.015 mil t para 20.334 mil t.

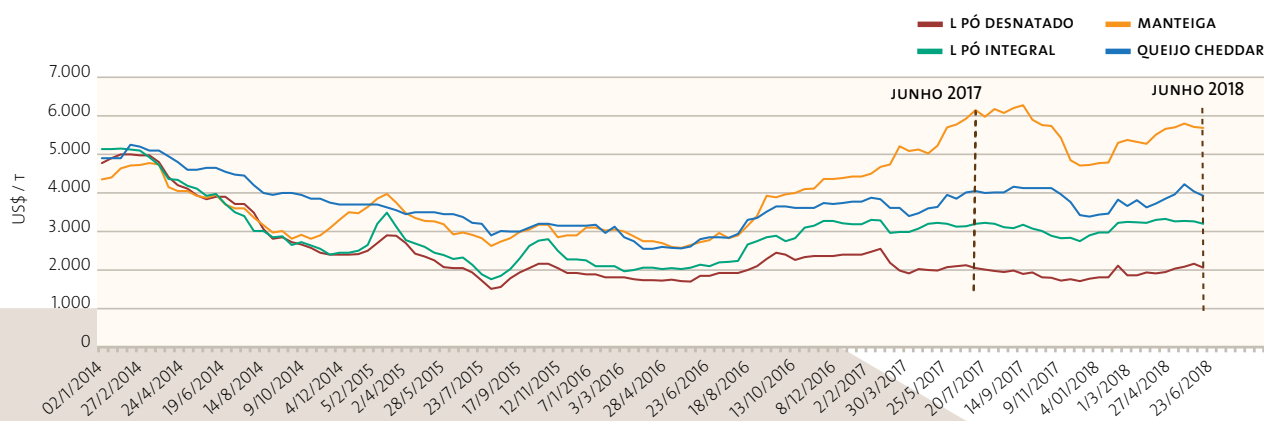
Conforme as informações do Usda/AMS, o clima chuvoso no Cone Sul tem prejudicado a produção no Uruguai e Paraguai, com muitos casos de mastite no rebanho uruguaio. No Uruguai, os produtores aguardam receber os recursos do Fundo de Garantia de Débito para compensação do endividamento do setor.

Na Argentina, o clima frio oferece maior conforto aos animais, com maior produção. Espera-se aumento da oferta durante o inverno. Os preços pagos ao produtor na Argentina estão relativamente altos e incentivam a produção. Observa-se nesse país uma consolidação do setor primário, com grandes produtores adquirindo os estabelecimentos dos pequenos e médios produtores.

As exportações uruguaianas para o Brasil, Argélia e Rússia estão firmes. O Instituto Nacional do Leite (Inale) do Uruguai está iniciando a elaboração de um estudo sobre o acordo de livre comércio de lácteos entre Uruguai e China, enquanto o governo uruguaio prospecta novas oportunidades de mercados de exportação.

Na Oceania, os preços das commodities (média das cotações mínima e máxima), publicados pelo Usda/AMS durante o mês de junho, apresentaram o seguinte comportamento na comparação com o mês anterior: leite em pó integral, - 1,1%; leite em pó desnatado, + 2,4%; manteiga, - 0,9%; e queijo cheddar, - 2,7% – Tabela 1 e Gráfico 2.

Gráfico 2.
Oceania: preços internacionais quinzenais do leite em pó desnatado, integral, manteiga e queijo cheddar
FOB porto, jan/2014 a jun/2018 - Em US\$/t



Fonte: Usda.

Na Austrália, aguarda-se que a nova estação produtiva, a iniciar-se em julho, seja impulsionada pelo aumento das exportações, principalmente para a China (leite em pó integral e desnatado) e Japão (manteiga e queijo). Alguns observadores temem que a China deprecie sua moeda como resultado da guerra comercial com os Estados Unidos e reduzam as suas importações de lácteos.

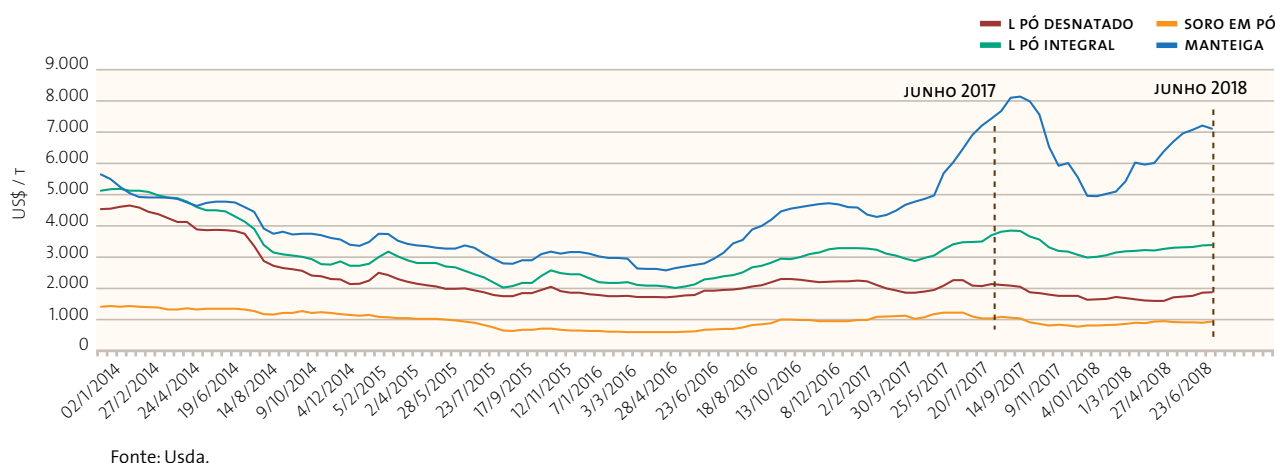
No entanto, o tempo quente e seco nas regiões de produção de feno e grãos impactam negativamente a oferta e ocasionam o aumento dos seus preços. O governo australiano deve implementar a publicação de um indicador de preços de mercado para os produtores com a sua vinculação aos preços das commodities, expectativa de preços futuros, preços ao produtor regionais e outros aspectos pertinentes ao setor.

Na Nova Zelândia, 1º de junho é o “*moving day*”, quando rebanhos e produtores se movimentam para pastagens novas e outras casas para o início de nova estação produtiva. Este ano o dia foi prejudicado pela existência de *mycoplasma bovis*, doença que tem prejudicado o rebanho e impede alguns produtores de fazer a migração.

Na Europa Ocidental, os preços das commodities (média das cotações mínima e máxima), publicados pelo Usda/AMS durante o mês de junho, apresentaram o seguinte comportamento na comparação com o mês anterior: leite em pó integral, + 1,9%; leite em pó desnatado, + 6,8%; manteiga, + 2,0%; e soro em pó, + 0,7% – Tabela 1 e Gráfico 3.

Gráfico 3.

Europa Ocidental: preços quinzenais internacionais do leite em pó desnatado, integral, soro em pó e manteiga FOB porto, jan/2014 a jun/2018 - Em US\$/t



Fonte: Usda.

Nessa região, estima-se que a produção do corrente ano será 1,5% acima da observada no ano anterior. Os estoques de queijo estão reduzidos e a demanda interna e por exportações está em alta. No momento, debate-se a iniciativa da França de exigência de certificação nos produtos lácteos que indiquem se o leite foi obtido de animal alimentado por ração com grãos geneticamente modificados.

Em 1º de junho, a Comissão Europeia divulgou uma proposta de revisão da Política Agrícola Comum que deverá ser debatida nos próximos dois anos. Na proposta, os pagamentos para os produtores serão aumentados de € 60 mil para €100 por fazenda, valores que podem encontrar dificuldades para se concretizarem, pois prevê-se um orçamento menor nos próximos anos devido ao Brexit. Existe entre os produtores a preocupação de que ocorra a transferência de recursos públicos de beneficiários tradicionais na França e Dinamarca para as fazendas na Polônia e países bálticos.

2.3. Exportações de commodities lácteas

Tabela 2.

Lácteos: exportações mundiais em 2016, 2017 e 2018 (est) - em mil t

COMMODITY	2016	2017	2018	2017/2016 (%)	2018/2017 (%)
LEITE EM PÓ INTEGRAL	2.027	1.957	2.026	-3,5%	3,5%
LEITE EM PÓ DESNATADO	1.996	2.198	2.288	10,1%	4,1%
MANTEIGA	945	819	831	-13,3%	1,5%
QUEIJO	1.922	1.976	2.064	2,8%	4,5%
TOTAL	6.890	6.950	7.209	0,9%	3,7%

Fonte: USDA/FAS

- Os principais exportadores de leite em pó integral em 2018 são: Nova Zelândia, 1,4 milhão de t, União Europeia, 390 mil/t; Argentina 95 mil/t; Austrália, 70 mil/t; e Bielorrússia, 35 mil/t.
- Os principais exportadores de leite em pó desnatado em 2018 são: União Europeia, 850 mil/t; Estados Unidos, 720 mil/t; Nova Zelândia, 410 mil/t; Austrália 165 mil/t; Bielorrússia, 105 mil/t; e Canadá 85 mil/t.

- Os principais exportadores de manteiga em 2018 são: Nova Zelândia, 525 mil/t; União Europeia, 175 mil/t; Bielorrússia, 75 mil/t; Estados Unidos, 43 mil/t; e Ucrânia, 35 mil/t.
- Os principais exportadores de queijo em 2018 são: União Europeia, 840 mil/t, Nova Zelândia, (340 mil t), Estados Unidos, 334 mil/t; Bielorrússia, 200 mil/t; e Austrália, 175 mil/t.
- Relativamente às importações globais, os principais importadores de leite em pó integral em 2018 são: China, 500 mil/t; Argélia, 265 mil/t; Brasil, 50 mil/t; Indonésia, 50 mil/t; e Rússia, 40 mil/t.
- Os principais importadores de leite em pó desnatado em 2018 são: México, 400 mil/t; China, 275 mil/t; Argélia, 185 mil/t; Filipinas, 145 mil/t; e Indonésia, 145 mil/t.
- Os principais importadores de manteiga em 2018 são: Rússia, 85 mil/t; Estados Unidos, 54 mil/t; México, 45 mil/t; Austrália, 37 mil/t; Taiwan, 24 mil/t; e Canadá, 20 mil/t.
- Os principais importadores de queijo em 2018 são: Japão, 285 mil/t; Rússia, 235 mil/t; México, 125 mil/t; Coreia do Sul, 125 mil/t; e Austrália, 115 mil/t.

2.3. Tendências para o mercado internacional

Conforme informações publicadas no website Milkpoint, o leilão da Global Dairy Trade (GDT) do último dia 3 de julho apresentou queda do índice de preços de 5,0%, com o preço médio fechando em US\$ 3.232/t., mas com um volume comercializado de 26,5 mil t, o maior no corrente ano. Em 2018, observa-se uma redução das compras dos principais importadores. Ao mesmo tempo constata-se aumento da produção na Nova Zelândia, Estados Unidos e União Europeia. Os contratos futuros de leite em pó integral da GDT apresentam redução entre agosto (US\$ 3.217/t) e novembro (US\$ 2.839/t).

Com a projeção de redução da demanda internacional pelas commodities lácteas, aliada a um aumento da produção nos principais exportadores, a expectativa é de que os preços internacionais tendam a recuar nesse segundo semestre de 2018.

3. Mercado nacional

3.1. Preços pagos ao produtor

O preço nominal médio bruto pago ao produtor em junho, média nacional ponderada pela produção dos sete estados pesquisados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (Cespea/Esalq/USP), para o leite entregue em maio, situou-se em R\$ 1,4088/l (US\$ 0,3734). Houve aumento de 2,8% na comparação com o mês anterior, percentual inferior aos registrados nos meses anteriores. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a valorização foi de 2,0% (Tabela 3 e Gráfico 4).

Em todos os estados, verificou-se aumento de preços nominais brutos pagos ao produtor, que oscilaram de um aumento mínimo de 0,6% no Rio Grande do Sul a um aumento máximo de 4,7% em São Paulo. O preço nominal médio nacional, líquido de frete e CESSR, situou-se em R\$ 1,2980/l.

Ainda conforme as informações publicadas pelo Cepea, a indústria alegou que o percentual menor de aumento dos preços pagos ao produtor em junho deveu-se à demanda fraca por parte do consumidor. No entanto, considera-se que a oferta limitada deve passar a ser mais importante do que a demanda fraca no processo de formação de preços pagos ao produtor, estimando-se que os preços nesse nível de comercialização devam continuar em alta.

Para os sete estados da pesquisa, houve, em maio, reduções de 14,4% no índice de captação de leite (Icap) relativamente ao mês anterior, e de 8,1% na comparação com o mesmo mês do ano anterior devido não só à baixa estação produtiva, mas também ao impacto na captação nas fazendas ocasionado pela greve dos caminhoneiros.

Em valores corrigidos pelo IGP-M de junho/2018, o preço pago ao produtor em junho foi superior em 0,9% na comparação com o mês anterior, e inferior em 4,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior (Gráfico 5). O IGP-M aumentou 6,9% entre junho/2017 e junho/2018.

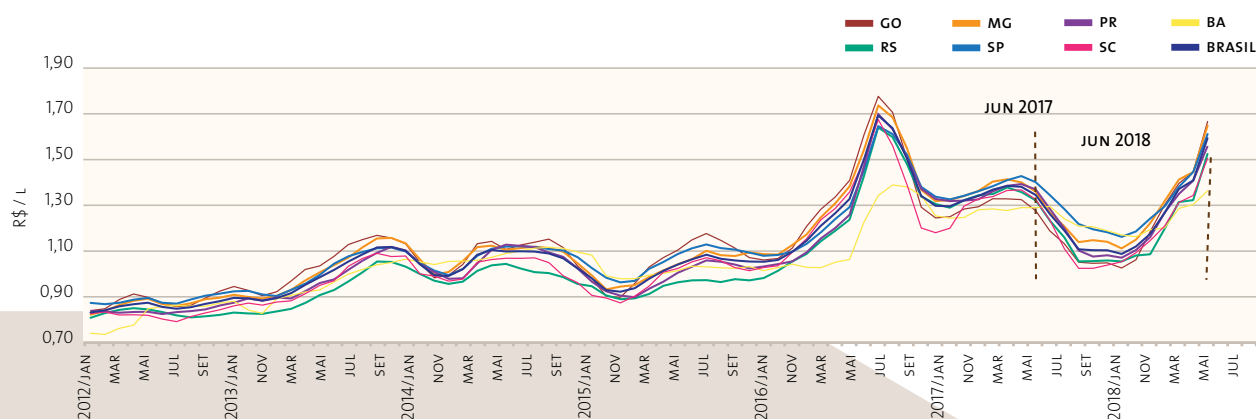
Tabela 3.

Leite in natura: preços médios pagos ao produtor (bruto, incluídos frete e CESSR) nos estados e média nacional (sete estados) - Em R\$/l - Junho de 2018

ESTADOS / MÉDIA NACIONAL	PERÍODOS ANTERIORES		JUNHO 2018	VARIAÇÃO (%)		PREÇOS DE PARIDADE (EST.) BASE: LEITE EM PÓ INTE- GRAL, INT. SP		PARTIC. NA PRODUÇÃO SOB INSPEÇÃO EM 2017 (%)	PREÇOS MÍNIMOS 2018 / 19
	JUNHO 2017	MAIO 2018				BASE: IMP. FOB AM. DO SUL (JUN)	BASE: EXP. FOB N. EU- ROPA (JUN)		
	1	2		3	3 / 2	3 / 1			
MG	1,4002	1,4127	1,4457	2,3%	3,2%	1,0299	0,8885	24,8%	SUL E SE: R\$ 0,94/L
RS	1,3578	1,3143	1,3226	0,6%	-2,6%			14,2%	
PR	1,3928	1,3503	1,4080	4,3%	1,1%			11,3%	GO, MS E DF: R\$ 0,92/L
SP	1,4277	1,3810	1,4462	4,7%	1,3%			11,9%	
SC	1,3677	1,3129	1,3436	2,3%	-1,8%			11,4%	NORTE E MT: R\$ 0,84/L
GO	1,3247	1,3962	1,4472	3,7%	9,2%			10,2%	
BA	1,2897	1,2866	1,3038	1,3%	1,1%			1,5%	NE: R\$ 0,96/L
MÉDIA NACIONAL	1,3806	1,3709	1,4088	2,8%	2,0%			85,3%	

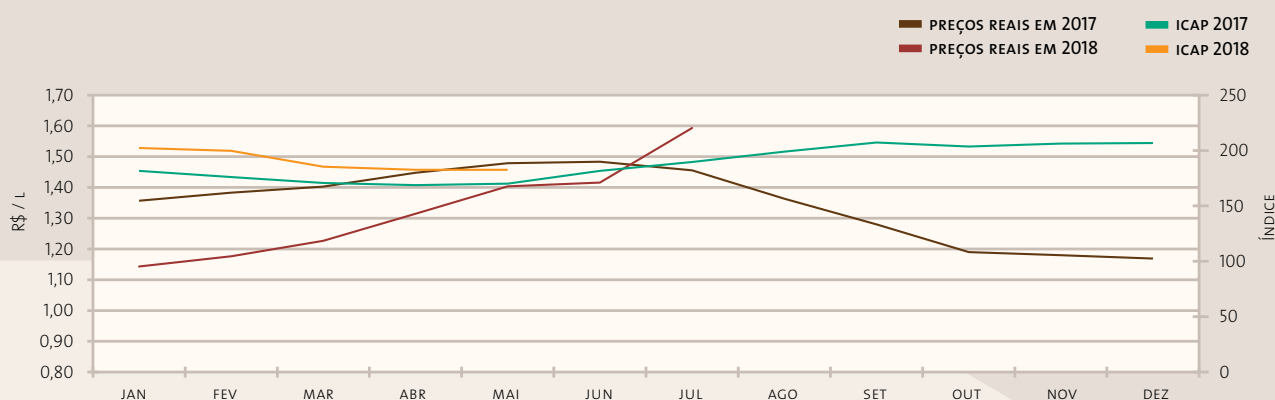
Fonte: Cepea, IBGE e Conab.
MHF/jul 18

Gráfico 4.
Brasil: preços médios brutos nominais pagos ao produtor nos sete principais estados produtores
Jan/2012 a jun/2018 - Em R\$/l



Fonte: Cepea.
MHF/jul 18

Gráfico 5.
Brasil: preços reais pagos ao produtor leite (corrigidos pelo IGP-M base jun/2018) em 2017 e 2018, e quantidades sob inspeção em 2017 e 2018 (pesquisa Cepea) - Em R\$/l e nº índice (jun/2004 = 100)



Fonte: Cepea.
MHF/jul 18

3.2. Produção sob inspeção federal, estadual e municipal

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, no último dia 14 de junho, a produção nacional de leite sob inspeção federal, estadual e municipal para o primeiro trimestre de 2018, que aumentou 2,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior, situando-se em 6,0 bilhões de litros (Tabela 4).

Tabela 4.
Produção de leite sob inspeção (federal, estadual e municipal) adquirido, 2013 a 2018 (até março), por estados, regiões e total Brasil - Em mil l

BRASIL/ REGIÕES/ ESTADOS	2013	2014	2015	2016	2017	JANEIRO A MARÇO			PARTIC. PROD. 2016 %	VARIAÇÃO	
						2017	2018	VAR.%		2017/ 2016 %	2013 A 2016 % AA
BRASIL	23.552.830	24.747.038	24.062.308	23.169.654	24.333.511	5.861.576	6.002.369	2,4%	100,0%	5,0%	-0,5%
RO	782.427	760.087	698.907	699.611	699.134	185.811	174.965	-5,8%	2,9%	-0,1%	-3,7%
AC	12.516	11.826	12.412	11.603	11.787	2.754	2.688	-2,4%	0,0%	1,6%	-2,5%
AM	5.499	5.651	2.902	2.932	7.326	1.505	1.993	32,4%	0,0%	149,9%	-18,9%
RR	1.613	1.507	1.138	400	974	147	389	164,6%	0,0%	143,5%	-37,2%
PA	320.436	311.397	236.343	252.296	276.700	76.355	64.608	-15,4%	1,1%	9,7%	-7,7%
TO	135.958	127.946	109.053	124.648	131.060	34.715	32.450	-6,5%	0,5%	5,1%	-2,9%
NORTE	1.258.449	1.218.414	1.060.755	1.091.490	1.126.981	301.287	277.093	-8,0%	4,6%	3,3%	-4,6%
MA	77.960	84.450	64.618	51.208	59.652	14.966	16.130	7,8%	0,2%	16,5%	-13,1%
PI	15.820	19.151	17.523	15.570	16.405	4.050	3.876	-4,3%	0,1%	5,4%	-0,5%
CE	222.450	270.907	257.311	223.149	238.170	54.348	62.377	14,8%	1,0%	6,7%	0,1%
RN	47.398	48.569	46.190	52.227	70.230	15.519	16.221	4,5%	0,3%	34,5%	3,3%
PB	41.303	54.025	51.624	45.184	54.265	10.930	13.964	27,8%	0,2%	20,1%	3,0%
PE	211.931	227.634	241.454	242.650	240.670	61.688	55.329	-10,3%	1,0%	-0,8%	4,6%
AL	74.524	79.858	70.036	52.916	52.508	10.780	14.865	37,9%	0,2%	-0,8%	-10,8%
SE	127.844	169.137	165.150	169.967	157.614	36.940	37.353	1,1%	0,6%	-7,3%	10,0%
BA	326.532	363.629	332.449	320.477	360.716	88.131	112.019	27,1%	1,5%	12,6%	-0,6%
NORDESTE	1.145.762	1.317.360	1.246.355	1.173.348	1.250.230	297.352	332.134	11,7%	5,1%	6,6%	0,8%
MG	6.171.001	6.589.511	6.442.432	6.106.296	5.990.229	1.505.628	1.524.155	1,2%	24,6%	-1,9%	-0,4%
ES	302.844	320.970	290.500	254.022	256.361	71.526	76.896	7,5%	1,1%	0,9%	-5,7%
RJ	496.350	511.718	539.779	558.477	598.531	156.720	155.310	-0,9%	2,5%	7,2%	4,0%
SP	2.531.510	2.524.793	2.607.478	2.558.581	2.871.631	678.915	675.810	-0,5%	11,8%	12,2%	0,4%
SUDESTE	9.501.705	9.946.992	9.880.189	9.477.376	9.716.752	2.412.789	2.432.171	0,8%	39,9%	2,5%	-0,1%
PR	2.818.337	2.972.084	2.838.258	2.744.028	2.934.679	687.216	742.026	8,0%	12,1%	6,9%	-0,9%
SC	2.117.665	2.339.723	2.348.391	2.438.160	2.757.983	572.525	622.650	8,8%	11,3%	13,1%	4,8%
RS	3.459.966	3.430.747	3.488.321	3.249.626	3.426.034	800.795	822.592	2,7%	14,1%	5,4%	-2,1%
SUL	8.395.968	8.742.554	8.674.970	8.431.814	9.118.696	2.060.536	2.187.268	6,2%	37,5%	8,1%	0,1%
MS	197.812	206.459	189.706	150.666	118.940	36.358	30.893	-15,0%	0,5%	-21,1%	-8,7%
MT	595.004	618.000	548.288	521.945	528.012	138.387	138.103	-0,2%	2,2%	1,2%	-4,3%
GO	2.445.863	2.685.137	2.449.590	2.313.472	2.465.422	612.840	602.268	-1,7%	10,1%	6,6%	-1,8%
DF	12.270	12.124	11.349	8.522	8.479	2.028	2.439	20,3%	0,0%	-0,5%	-11,4%
CENTRO- OESTE	3.250.949	3.521.720	3.198.933	2.994.605	3.120.853	789.613	773.703	-2,0%	12,8%	4,2%	-2,7%

Fonte: IBGE / Pesquisa Trimestral do Leite.
MHF/jul 18

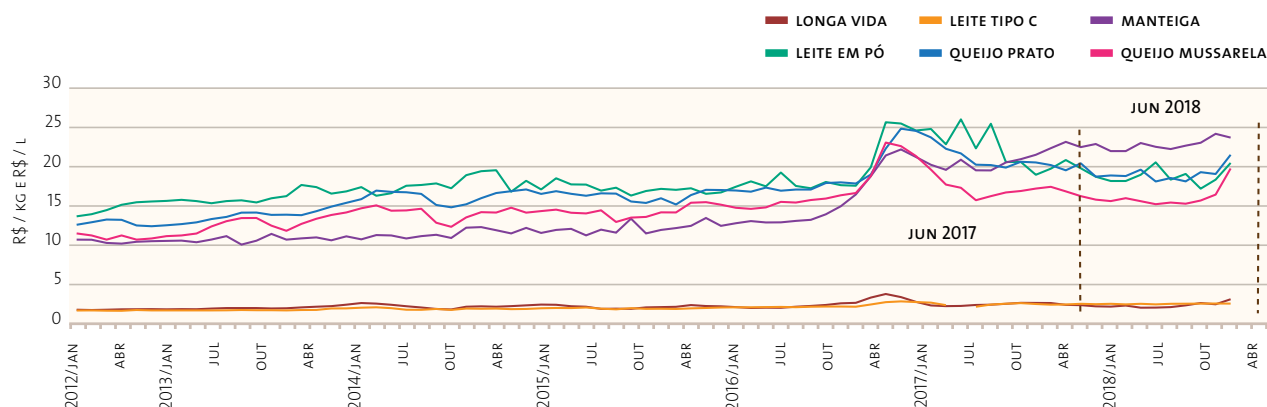
- As regiões Norte (- 8,0%) e Centro-Oeste (- 2,0%) reduziram as suas produções no primeiro trimestre de 2018 na comparação com o mesmo período do ano anterior, e as demais regiões aumentaram: Região Nordeste (11,7%); Região Sudeste (0,8%); e Região Sul (6,2%).
- O Sudeste, principal região produtora, representou 39,9% da produção de leite sob inspeção em 2017, enquanto Minas Gerais (1,2%) e Espírito Santo (7,5%) aumentaram as suas produções, Rio de Janeiro (-0,9%) e São Paulo (-0,5%) diminuíram as suas produções nesse trimestre quando comparado com o mesmo trimestre do ano anterior.
- No Sul, segunda maior região produtora, responsável por 37,5% da produção inspecionada em 2017, houve aumento das suas produções no primeiro trimestre de 2018 na comparação com o mesmo período do ano anterior: Paraná (+8,0%), Santa Catarina (+8,8%) e Rio Grande do Sul (+2,7%).
- Na Região Centro-Oeste, que representou 12,8% da produção inspecionada em 2017, somente o Distrito Federal aumentou a sua produção nesse primeiro trimestre em 20,3%, enquanto os demais estados as reduziram: Mato Grosso do Sul (-15,0%), Mato Grosso (-0,2%) e Goiás (-1,7%).
- Na Região Nordeste, responsável por 5,1% da produção inspecionada em 2017, Piauí (-4,3%) e Pernambuco (-10,3%) reduziram as suas produções, enquanto os demais estados as aumentaram: Maranhão (+7,8%), Ceará (+14,8%), Rio Grande do Norte (+4,5%), Paraíba (+27,8%), Alagoas (+37,9%), Sergipe (+1,1%) e Bahia (+27,1%).

3.3. Preços dos derivados lácteos no atacado de São Paulo

Conforme as informações divulgadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), os preços dos derivados lácteos em junho, no atacado, na região metropolitana de São Paulo, revelaram, com exceção do leite tipo C (-0,4%) e da manteiga sem sal (-2,0%), aumento de preços na comparação com o mês anterior: leite em pó integral (+11,6%), leite longa vida (+26,2%), queijo mussarela (+20,2%), e queijo prato (+12,8%) – (Gráfico 6 e Tabela 5). Os baixos estoques devido à interrupção de transporte do leite aos laticínios durante a greve dos caminhoneiros impulsionaram a valorização dos derivados lácteos.

Gráfico 6.

São Paulo (região metropolitana): preços no atacado do leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, queijo tipo prato, queijo mussarela e manteiga - jan/2012 a jun/2018 - Em R\$/kg e R\$/l



Fonte: IEA.
MHF/jul 18

Tabela 5.

Quadro 4 São Paulo (região metropolitana): preços dos derivados lácteos no atacado - Em R\$/kg e R\$/l

DERIVADO	PERÍODOS ANTERIORES		JUNHO 2018	VARIAÇÃO	
	JUNHO/2017	MAIO/2018		2017	
ATACADO	1	2	3	3 / 2	3 / 1
LEITE EM PÓ INTEGRAL ¹	19,75	18,35	20,48	11,6%	3,7%
LEITE LONGA VIDA ²	2,64	2,48	3,13	26,2%	18,6%
LEITE TIPO C ²	2,43	2,58	2,57	-0,4%	5,8%
QUEIJO MUSSARELA ³	17,44	16,45	19,77	20,2%	13,4%
QUEIJO PRATO ³	20,21	19,07	21,52	12,8%	6,5%
MANTEIGA SEM SAL ³	22,36	24,19	23,70	-2,0%	6,0%

Fonte: IEA.
MHF/jul 18

Notas: 1- Quilo, em lata de 400 gramas, instantâneo.

2- Litro.

3- Quilo.

3.4. Balança comercial de lácteos

No primeiro semestre de 2018, a balança comercial de lácteos (NCMs 0401 0000 a 0406 9999) apresentou *deficit* de US\$ 178,0 milhões, tendo sido de US\$ 269,9 milhões no mesmo período do ano anterior, com exportações de US\$ 25,8 milhões e importações de US\$ 203,9 milhões (Tabela 6 e 7). As exportações apresentaram redução de 55,6%, e as importações recuaram 37,9%, ambas em valor, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Tabela 6.
Lácteos: balança comercial (NCMs 0401 0000 a 0406 9999)¹
Em US\$ milhões, mil t e variação 2018 / 17

PERÍODO	EXPORTAÇÕES				IMPORTAÇÕES			
	US\$ MILHÕES		MIL T ²		US\$ MILHÕES		MIL T ²	
	EXP	VAR. %	EXP	VAR. %	IMP	VAR. %	IMP	VAR. %
2018 (JAN A JUN)	25,8	-55,6%	9,7	-50,7%	203,9	-37,9%	64,2	-35,4%
2017 (JAN A JUN)	58,2		19,6		328,1		99,3	
2018 (JUN)	3,2	-77,1%	1,0	-71,0%	34,9	-42,3%	11,1	-36,1%
2017 (JUN)	14,0		3,6		60,4		17,3	

Fonte: MDIC

Nota: (1) Não inclui as NCMs 1901 1010 (leite modificado) e 1901 9020 (doce de leite).

(2) Peso líquido do produto exportado/importado.

Tabela 7.
Lácteos: balança comercial (NCMs 0401 0000 a 0406 9999)¹
Em US\$ milhões, mil t e variação 2018 / 17

SALDO				FLUXO DE COMÉRCIO (EXPS + IMPS)			
EXP	VAR. %	MIL T ²	VAR. %	EXP	VAR. %	MIL T ²	VAR. %
-178,0	-34,0%	-54,5	-31,6%	229,7	-40,5%	73,8	-37,9%
-269,9		-79,7		386,3		118,9	
-31,6	-31,9%	-10,0	-27,0%	38,1	-48,9%	12,1	-42,1%
-46,4		-13,7		74,5		20,9	

Fonte: MDIC

Nota: (1) Não inclui as NCMs 1901 1010 (leite modificado) e 1901 9020 (doce de leite).

(2) Peso líquido do produto exportado/importado.

Os 3 principais produtos importados nesse 1º semestre de 2018 foram o leite em pó integral (39,5% do valor total importado), leite em pó desnatado (10,1% do valor total importado) e queijo tipo mussarela (8,4% do valor total importado). Outros 17 derivados lácteos complementaram o valor total importado pelo país entre janeiro e junho.

As importações de leite em pó integral, entre janeiro e junho de 2018, recuaram 47,7% em quantidade e 52,6% em valor, relativamente ao mesmo período do ano anterior.

Referente às exportações brasileiras de lácteos, no 1º semestre de 2018, os 3 derivados mais exportados foram: outros leites, cremes de leite/leite condensado (32,6% do valor total exportado), outros cremes de leite (20,0% do valor total exportado) e queijos fundidos (13,6% do valor total exportado).

Outros 24 derivados lácteos complementaram o valor total das exportações brasileiras de lácteos nesses 6 primeiros meses de 2018.

Do valor total de produtos lácteos importados pelo país entre janeiro e junho de 2018, 82,3% teve como origem os países do Mercosul (Uruguai, Argentina e Paraguai). Outros 16 países complementaram as origens das importações brasileiras de lácteos em 2018, até junho.

Os principais 3 destinos das exportações brasileiras de lácteos, entre janeiro e junho de 2018, foram: Angola (12,0% do valor total exportado entre janeiro e junho), Rússia (7,7% do valor

total exportado entre janeiro e junho) e Trinidad e Tobago (7,6% do valor total exportado entre janeiro e junho). Outros 37 países complementaram os destinos das exportações brasileiras de lácteos em 2018, até junho.

3.5. Tendências do mercado brasileiro

Conforme informações publicadas pelo Cepea, observou-se em maio redução acentuada da oferta, medida pelo índice de captação (Icap) de 14,4% na comparação com o mês anterior, pelo 5º mês consecutivo, devido à baixa estação produtiva e à greve dos caminhoneiros. Ademais, a produção foi inferior em 8,1% à observada no mesmo mês do ano anterior. Com isso, os preços pagos ao produtor subiram pelo 5º mês consecutivo, mas em percentual inferior ao verificado nos meses anteriores, refletindo a dificuldade da indústria em repassar a alta de preços no nível do produtor ao consumidor.

Relativamente aos derivados, os baixos estoques das indústrias impulsionaram os fortes aumentos dos preços desses produtos no atacado em São Paulo. Ainda conforme as informações publicadas pelo Cepea, agentes reportam a fraca demanda por lácteos devido ao ainda lento ritmo de recuperação da economia como causa do menor percentual de aumento dos preços pagos ao produtor.

Os preços pagos ao produtor aumentaram pelo 5º mês consecutivo em junho, mas em percentual inferior aos observado nos meses anteriores. Situou-se em patamar 2,8% superior na comparação com o mês anterior e 2% superior ao do mesmo mês do ano anterior. Os preços médios do 1º semestre recuaram 8,2% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Para os próximos meses, a expectativa é de alta desses preços devido à necessidade da indústria em recompor estoques.



Foto: Clauduado Abade.

1. Introdução

O Brasil encontra-se consolidado como 3º maior produtor de milho no mundo e 2º maior exportador, com um consumo doméstico do cereal elevado, uma vez que é um dos principais produtores mundiais de proteína animal.

Ao longo dos últimos cinco anos, a dinâmica da cadeia produtiva do milho mudou significativamente no país, visto que o grão deixou de ser apenas um produto destinado à alimentação animal, mas também uma commodity exportável, além de se firmar, nestes dois últimos anos, como uma matriz energética na produção de etanol.

Neste contexto, este cereal se configura no cenário do agronegócio brasileiro como um dos mais importantes, vindo a ter atenção não só de outros agentes da cadeia produtiva, como também nas políticas públicas do Governo Federal.

Desta feita, é premente que haja um estudo que indique de forma isenta e orientativa as tendências conjunturais e de mercado para a safra seguinte, no intuito de que os produtores tomem as decisões mais acertadas não apenas quanto ao quantitativo de área a semear, como também no concernente ao aproveitamento dos melhores momentos e oportunidades de comercialização da sua produção, visando uma melhor rentabilidade.

2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou o relatório de oferta e demanda mundial de milho, apresentando uma significativa queda no estoque mundial do cereal, que saiu de 227,7 milhões de toneladas na safra 2016/17 para 151,9 milhões em 2018/19, ou seja, 75,7 milhões de toneladas a menos em apenas duas safras.

Uma das razões dessa queda é o significativo aumento do consumo mundial e uma produção que não a acompanha na mesma intensidade, mesmo que superando o volume de 1 bilhão de toneladas produzidas. Desta feita, a relação estoque/consumo, que já foi de 22,0%, chegou a 14,0%.

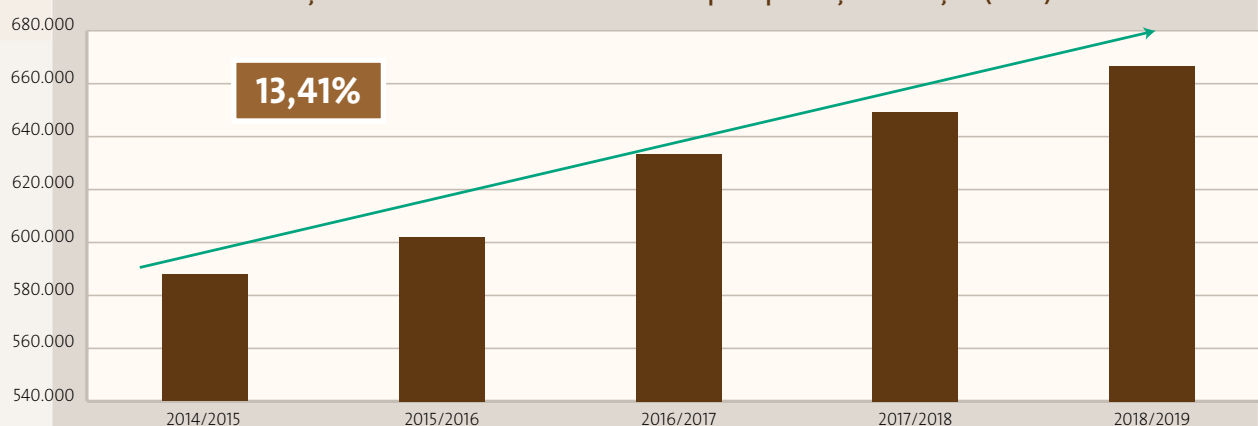
Tabela 1.
Oferta e demanda mundial de milho - julho de 2018 - mil t

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
2014/2015	171.991	1.022.661	125.043	587.880	970.573	142.347	206.775	21,3%
2015/2016	206.775	973.245	139.281	602.209	989.618	119.676	210.007	21,2%
2016/2017	210.007	1.078.450	135.691	633.321	1.036.627	159.863	227.658	22,0%
2017/2018	227.658	1.033.743	146.334	649.376	1.065.507	150.496	191.732	18,0%
2018/2019	191.732	1.054.304	151.223	666.661	1.087.515	157.788	151.956	14,0%

Fonte: Usda

Dessa maneira, uma das razões para este cenário é o aumento do consumo de milho para a alimentação animal (13,41% em 5 anos), indicando que a melhora da economia de alguns países, como China e Índia, aumenta o consumo per capita de proteína animal, tendência esta que deve permanecer pelos próximos anos.

Gráfico 1.
Evolução do consumo mundial de milho para produção de ração (mil t)



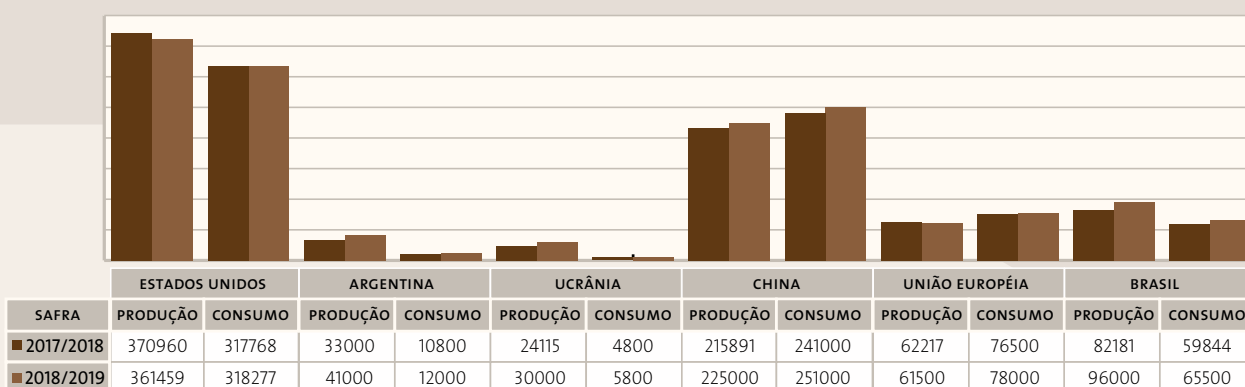
Fonte: Usda – Julho/18

De acordo com o Usda, a China retoma o crescimento da produção doméstica, no entanto o consumo deve evoluir quase a mesma quantidade, isto é, cerca de 10 milhões de toneladas a mais. Porém, em função dos estoques iniciais mais baixos, o estoque de passagem chinês deve cair de 79,5 para 58,5 milhões de toneladas, levando a crer que em um futuro próximo este país venha a ser um importante participante nas importações mundiais.

Para melhor elucidar: a estimativa de importação de milho da China deve ser de 5 milhões de toneladas. O principal importador mundial de milho é a União Europeia, que tem uma demanda atual de 16 milhões de toneladas/ano, ou seja, há uma necessidade chinesa do cereal na ordem de 10 milhões de toneladas/ano, o que não é difícil de ocorrer já que coloca a China como um dos principais importadores do grão. Desta feita, é muito importante que o Brasil esteja atento nesta boa parceria e relação comercial com a China.

Os Estados Unidos devem continuar como principal produtor mundial de milho, todavia, com uma leve redução devido à uma diminuição na área plantada, provocando uma redução na produção na ordem de 9,0 milhões de toneladas em relação à safra anterior, ficando, até o momento, com uma previsão de 361,4 milhões de toneladas, muito similar à expectativa inicial da safra anterior, que acabou superando às primeiras projeções. Contudo, as condições das lavouras estão superiores às registradas no mesmo período no ano anterior, o que pode provocar um incremento nesta produção, mesmo com registros de irregularidade regional de temperatura e pluviosidade.

Gráfico 2.
Produção e consumo dos principais países produtores de milho nas safras 2017/2018 e 2018/19 (mil t)



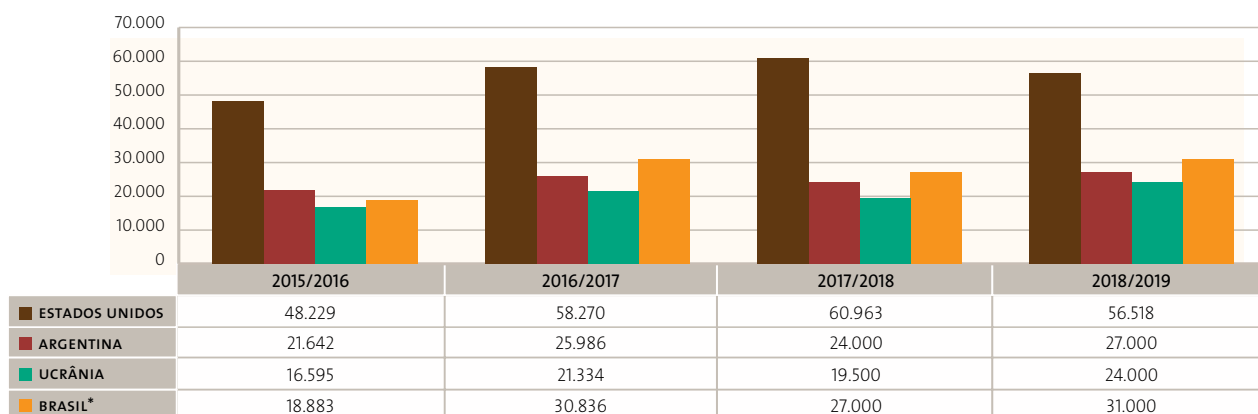
Fonte: Usda/Julho/18 e Conab (dados do Brasil para a safra 2017/18)

Já para o Brasil, o Usda estima um significativo incremento na produção, tendo em vista que a safra 2017/18 foi marcada por problemas climáticos, sobretudo para a 2ª safra, que reduziu bastante o volume de produção. Além disso, este departamento indica uma elevação no consumo brasileiro de milho para 65,5 milhões de toneladas, algo bastante improvável, visto que indicaria um aumento de quase 10% na demanda doméstica.

Para a Argentina, que também sofreu na safra 2017/18 com problemas de estiagem, ocasionando perda significativa de produção, o Usda estima uma recuperação nesta produção que deverá chegar a 41 milhões de toneladas.

Neste contexto, os Estados Unidos devem caminhar como principal exportador de milho no mundo, seguido pelo Brasil, com uma estimativa de exportação de 31 milhões de toneladas de milho (Usda).

Gráfico 3.
Principais exportadores de milho no mundo (mil t)



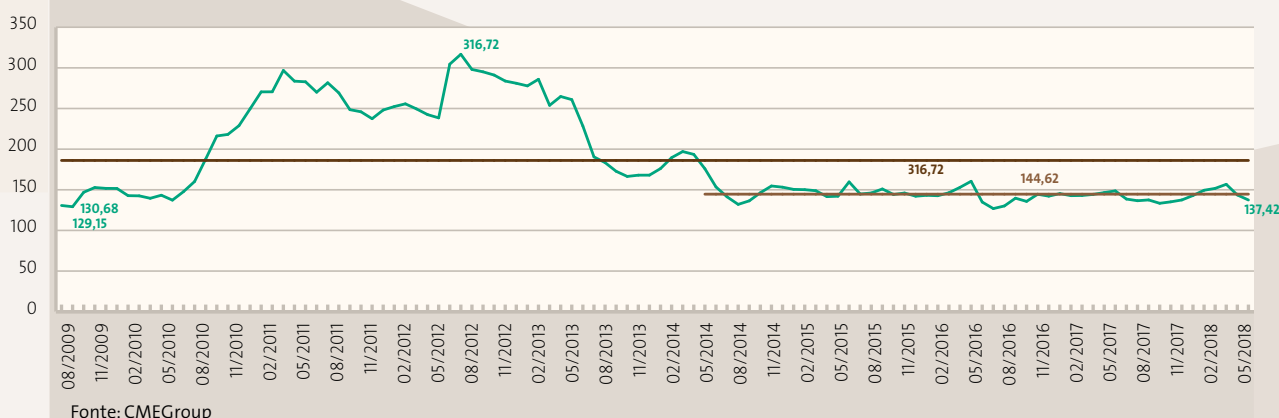
Fonte: Usda – Julho/18 e Conab (dados do Brasil de 2015/16 a 2017/18)

2.2. Preços internacionais

A principal referência de preços internacionais de milho é a Bolsa de Chicago, que vem apresentando ao longo dos últimos cinco anos muito pouca variação. Tal situação pode ser explicada pelo incremento constante do volume de milho produzido não só mundialmente, como nos Estados Unidos, uma vez que após a histórica quebra da safra estadunidense em 2013, este país manteve produções acima de 345 milhões de toneladas, gerando um estoque bastante confortável para o atendimento da demanda mundial.

Nesta conjuntura, as cotações do milho variaram entre US\$ 126,86 a 175,91/t (US\$ 3,22 a US\$ 4,46/bu), sendo que na maioria das vezes, ao longo desta série, o mercado trabalhou dentro do preço médio de US\$ 144,62/t (US\$ 367,36/bu).

Gráfico 4.
Preços internacionais (CBOT 1ª entrega) - US\$/t - ago/2009 - julho/2018



Os níveis atuais de preços, de US\$ 137,42/t (US\$ 3,49/bu), indicam um entendimento do mercado de que a safra pode até não ser tão robusta quanto à passada, porém tende a ter um bom volume de produção.

No dia 30 de julho, o Usda divulgou que as condições da safra de milho norte-americana encontram-se em 72% boas ou excelentes, mais de 10% acima do que ocorreu no mesmo

período do ano anterior. Contudo, estados como Kansas, Michigan, Missouri, Carolina do Norte e Texas estão com menos de 50% das condições das lavouras boas ou excelentes.

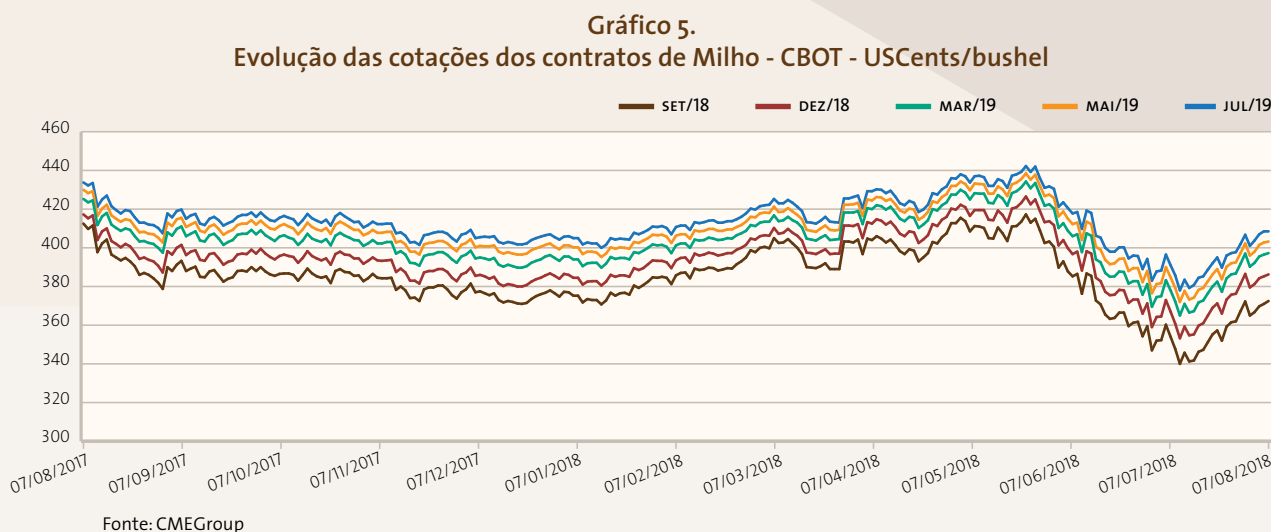
Nesta situação, consultorias privadas como a INTL FCStone estimam uma produtividade média acima de 11 t/ha, gerando uma produção de até 369,9 milhões de toneladas, isto é, cerca de 8 milhões de toneladas acima da última projeção do Usda e muito próximo ao que foi produzido na safra anterior. Dessa maneira, as cotações do milho em Chicago tendem a não romper o limite de US\$ 157,47/t (US\$ 4,00/bu).

2.3. Projeções para a próxima safra

Como já citado anteriormente, as condições climáticas no Meio Oeste e a expectativa de mais uma boa safra nos Estados Unidos têm mantido os preços do milho na Bolsa de Chicago em níveis mais baixos.

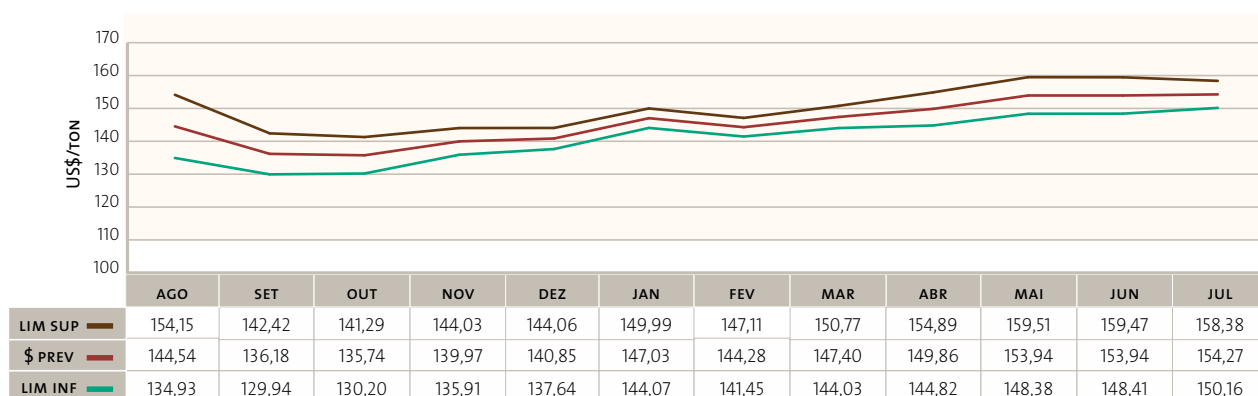
Outro fator que pesa negativamente sobre as cotações internacionais do cereal é a guerra comercial entre Estados Unidos e China, que primeiramente afeta mais significativamente a soja norte-americana e, posteriormente, o sorgo e o DDGS, que os Estados Unidos exportam tradicionalmente para os chineses, podendo, dessa maneira, afetar o estoque de passagem estadunidense e impactar negativamente nos preços.

É natural que, para março de 2019, quando deverá ser divulgada a intenção de plantio da safra 2019/2020, o mercado, diante deste cenário conjuntural de incertezas comerciais, tenda à diminuição de área, ou no mínimo sua manutenção. As cotações futuras (março a julho/19) indicam níveis por volta dos US\$ 157,47/t (US\$ 4,00/bu) conforme exposto no gráfico abaixo.



Utilizando-se de uma metodologia econométrica, observando a conjuntura de oferta e demanda mundial, a tendência de baixos preços do milho na Bolsa de Chicago, juntamente com a conjuntura geopolítica comercial entre Estados Unidos e países importantes para o agronegócio norte-americano, como China e México, as cotações estimadas devem variar entre os limites inferior e superior do gráfico a seguir, mais precisamente entre US\$ 129,94 e US\$ 159,51/t (US\$ 3,30 a US\$ 4,05/bu). Este cenário já é suficiente para indicar cotações um pouco mais atrativas que as registradas em julho de 2016 para os diversos contratos em Chicago.

Gráfico 6.
Projeção das cotações de milho 1ª entrega na CBOT



Fonte: Conab

Ao destacar os meses de janeiro e julho de 2019, dois momentos importantes para a safra brasileira, as cotações em Chicago, considerando o ponto médio da previsão, podem ter valores médios mensais de US\$ 147,03/t (US\$ 3,73/bu) e US\$ 154,27/t (US\$ 3,91/bu), respectivamente.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Tabela 2.
Oferta e demanda brasileira de milho (Fev - Jan) - mil t

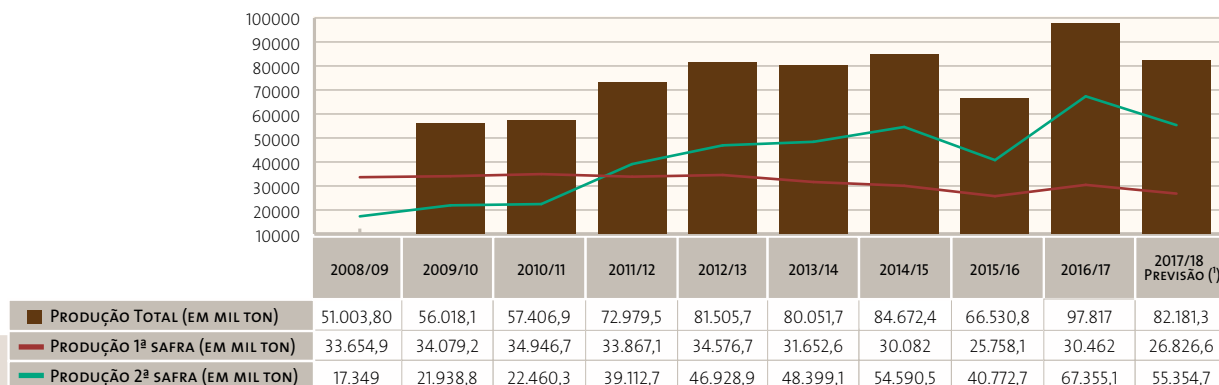
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	82.181,3	400,0	99.827,7	59.844,8	27.000,0	12.982,8

Fonte: Conab.

A safra de milho 2017/18 do Brasil apresentou um forte decréscimo em relação à anterior, basicamente por duas razões: diminuição de área plantada (sobretudo na 1ª safra, em função da opção pelo plantio da soja) e a forte estiagem que atingiu, principalmente, os estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais para o milho 2ª safra.

De certa forma, o fato de se ter um volume de estoque de 17,2 milhões de toneladas remanescentes da safra 2016/17 colaborou para o atendimento da demanda interna que, apesar de se deparar com preços um pouco acima do que se esperava, em alguns momentos não teve problemas de oferta do grão. Este estoque inicial foi o suficiente para minimizar as perdas de produção, que saíram de 97,8 para 82,1 milhões de toneladas, ou seja, 15,0 milhões de toneladas a menos, com o peso maior da diminuição da safra concentrado na 2ª safra.

Gráfico 7.
Comparativo de produção de milho 1ª e 2ª safra no Brasil (mil t)

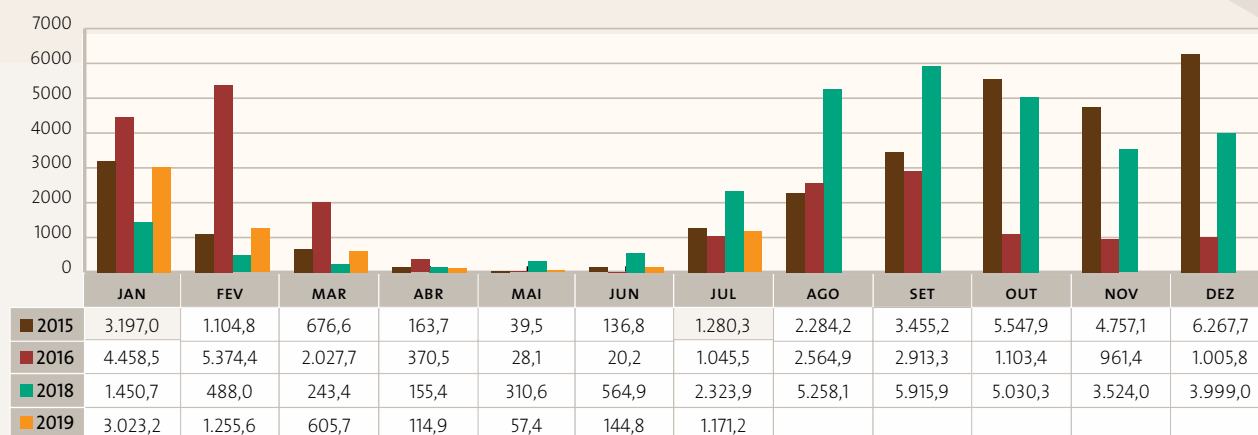


Fonte: Conab.

Alguns fatores não convencionais do mercado de milho, como a greve dos caminhoneiros e o tabelamento de fretes, vêm atrapalhando o fluxo de escoamento da safra. Por essa razão, há atraso nos embarques de exportação e incertezas em relação ao preço doméstico, uma vez que os agentes da cadeia acabam negociando para atendimento de demanda em curtas distâncias, evitando trajetos mais longos onde o custo de transporte tem um peso maior.

Nesse sentido, observa-se que o volume de produto embarcado no acumulado de fevereiro a julho encontra-se bem abaixo do registrado em anos anteriores, e os *line ups* para o próximo mês indicam valores abaixo de 4,0 milhões de toneladas. Desta feita, comparando com a safra 2016/17, onde as exportações de cereal se aproximaram de 31 milhões de toneladas, o ritmo atual está levando a crer que o volume acumulado para o final da safra 2017/18 será de 27 milhões de toneladas. Apesar do volume significativo de milho negociado antecipadamente, o tabelamento de fretes tem travado novos negócios, ou seja, as *tradings* não têm entrado no mercado, deixando as negociações apenas para atendimento a demandas do setor animal e indústrias de etanol.

Gráfico 8.
Exportações brasileiras mensais de milho - toneladas
janeiro/2015 - julho/2018



Fonte: Secex.

Não obstante, é provável que, havendo uma definição concretizada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) quanto à deliberação do assunto, agendado pelo Ministro Luiz Fux para o

final de agosto, boa parte do milho exportável possa ser embarcado nos meses de fevereiro e março de 2019, como aconteceu em 2016, afetando a oferta do cereal para o mercado doméstico, caso a produção de 1ª safra sofra mais uma redução na área plantada.

Outro fator preocupante relacionado diretamente à questão de transporte de cargas é a distribuição dos insumos para a safra seguinte, sobretudo dos fertilizantes. Fontes do mercado informam que o mês de julho foi marcado por indefinições quanto ao prazo de entrega e seus custos. Isso pode gerar situações atípicas, com alguns produtores optando por plantar sem o seu uso ou aplicando o produto fora do período ideal, o que diminuiria sua eficiência e, por fim, a produtividade.

Em relação ao consumo doméstico, as questões comerciais internacionais e a demanda interna do setor animal devem dar a dinâmica do plantel até o fim do ano. Para a avicultura, há uma diminuição da demanda interna e uma tarifa antidumping da China sobre algumas agroindústrias brasileiras.

No que tange o setor de suínos, apesar de queda nas exportações, sobretudo em função de embargos russos, há uma chance da situação se inverter, uma vez que as questões técnicas entre Brasil e Rússia parecem ter se resolvido, o que pode indicar um aumento nos embarques totais da carne suína.

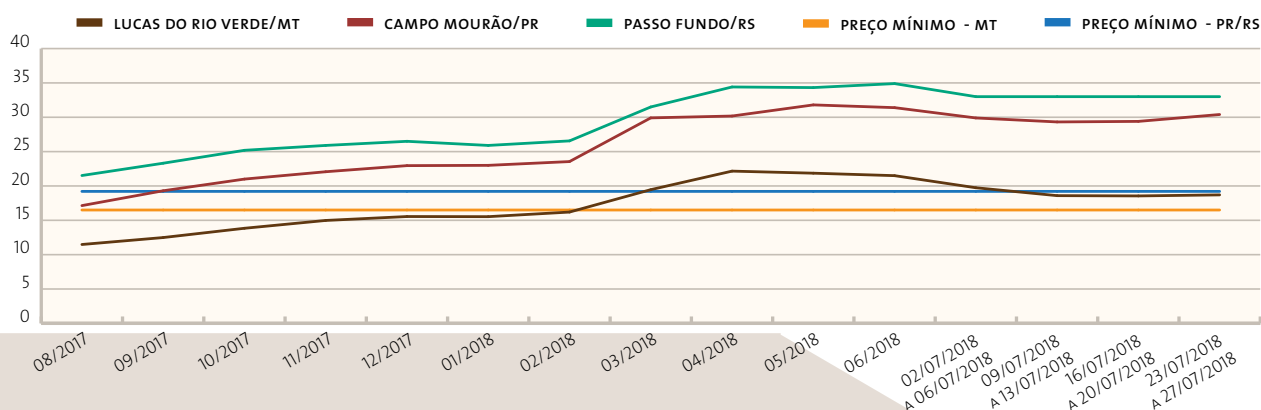
Já o confinamento bovino tende a aumentar neste ano. Assim, acredita-se que pode haver um certo incremento no consumo animal de milho, porém, não muito significativo. No entanto, há de se considerar que a demanda de milho para produção de etanol impacta bastante o consumo, estimado em 59,8 milhões de toneladas.

Neste cenário, o estoque final da safra 2017/18 deve ficar em 12,9 milhões de toneladas, ou seja, um volume de produto bastante confortável à demanda interna e que não chega a gerar forte redução nos preços.

3.2. Preços nacionais

Desde o início de 2018, os preços domésticos têm trabalhado acima do preço mínimo para todas as praças. Fatores já citados, como diminuição da produção brasileira, principalmente do milho 2ª safra, devido às questões climáticas e aos problemas relacionados ao escoamento da produção (greve dos caminhoneiros e tabelamento dos fretes), foram determinantes para este comportamento.

Gráfico 9.
Preços médios de milho mensais recebidos pelos produtores – R\$/60Kg



Fonte: Conab

Além disso, as incertezas políticas, inclusive em relação às eleições gerais em outubro deste ano, abalaram a flutuação cambial, levando o dólar norte-americano a se aproximar dos R\$ 4,00. O aumento influenciou na paridade de exportação, ajudando a elevar os preços internos, mesmo com os valores do milho na Bolsa de Chicago abaixo de US\$ 157,47/t (US\$ 4,00/bu).

No entanto, neste último mês as incertezas logísticas e as baixas cotações do milho em Chicago exerceram uma pressão baixista que só foi contida pelo início da colheita. Isso indicou rendimentos abaixo do esperando, gerando uma sensação no mercado de safra bem menor.

Na Região Sul, o estado do Paraná, único naquela localidade com *superavit* de produção, com a forte quebra da safra tem mantido os preços acima dos R\$ 30,00/60Kg. Estas cotações não se comparam às registradas em 2016, em que a safra brasileira ficou abaixo de 70 milhões de toneladas, mas como o custo de importação de milho de estados como Mato Grosso e Goiás (por parte dos criadores sulistas) está bastante elevado em função do preço do transporte, não há maiores pressões sobre estes preços regionais.

4. Perspectivas para a próxima safra

4.1. Análise do quadro de suprimento

A projeção de produção do Usda para o Brasil chega a um valor de 96 milhões de toneladas na safra 2018/19, isto é, um incremento de 16,81% se comparado à safra anterior, e um pouco abaixo da safra 2016/17 (1,88%).

Vale salientar que um volume de 96 milhões de toneladas seria o da segunda melhor safra de milho da história, lembrando que, em 2016/17, o volume produzido se deu pelas produtividades, com condições climáticas que foram excepcionais, além de um aumento da 1ª safra de milho em 130 mil ha e, na 2ª safra, de quase 2 milhões de ha.

Todavia, para atingir o volume de produção do Usda, o Brasil terá que aumentar a área plantada da 1ª safra de 5,07 milhões de ha em quase 300 mil ha, e com uma produtividade média de 5,35 t/ha, o que não seria muito difícil, se considerados os atuais níveis de preços do

milho e por ser uma safra de menos risco climático.

No entanto, a 2ª safra terá que ter um incremento na área e na produtividade média. Se for levado em conta que a área pode voltar aos 12,10 milhões de ha registrados na safra 2016/17 (534 mil ha a mais do que o que foi semeado na safra 2017/18), a produtividade média tem que ser, no mínimo, a mesma registrada na safra citada. Vale lembrar que as condições climáticas e de plantio só não foram melhores que as da safra 2014/15. Ou seja, tem que dar tudo certo no período de plantio e no clima, ou ter um incremento em área plantada ainda mais significativo.

Neste nível de produção, com uma estimativa de consumo de 62,5 milhões de toneladas; aumento no plantel animal; bem como o crescimento do uso de milho para produção de etanol, tendo em vista o surgimento de mais indústrias de etanol *full* (somente milho como matéria-prima) ou flex (milho e cana); considerando também uma exportação estimada em 32 milhões de toneladas, uma vez que há a possibilidade de se ter um bom volume da safra produzida em 2017/18, ainda sendo embarcada nos meses de fevereiro e março; bem como a possibilidade de se atender mercados como o chinês e o mexicano, tomando espaço dos norte-americanos... Levando em conta todos esses aspectos, o estoque final pode ficar em 14,9 milhões de toneladas.

Tabela 3.
Oferta e demanda brasileira de milho (Fev - Jan)* - mil t

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	82.181,3	400,0	99.827,7	59.844,8	27.000,0	12.982,8
2018/19	12.982,8	96.000,0	400,0	109.382,8	62.500,0	32.000,0	14.882,8

Legenda: (*) Cenário com base em uma análise da projeção de produção do USDA, safra 2018/19

Fonte: Conab.

No entanto, uma redução na produção, o que não seria improvável, pode afetar o volume de estoque. Todavia, mesmo que ocorra uma redução para 92 milhões de toneladas, ainda haverá uma disponibilidade de produto confortável para o início de uma futura safra 2019/20 e, sem um excesso de milho que impacte fortemente nos preços domésticos, pelo menos no que tange a oferta e demanda interna.

4.2. Análise de rentabilidade

A rentabilidade da cultura tem sido um dos critérios que baliza o produtor rural na definição do seu planejamento de produção, sobretudo no tocante a dois produtos que concorrem por área plantada, como a soja e o milho 1ª safra.

Dentre os principais estados produtores, Rio Grande do Sul e Paraná (na Região Sul) e a Bahia (representando o Matopiba) destacam-se por serem importantes produtores de soja e milho 1ª safra, podendo dar um indicativo da perspectiva ou não de incremento de área de milho, principalmente no que se refere ao abastecimento no início do ano para o mercado interno.

O produtor rural tem tomado suas decisões considerando o momento de mercado atual em que se encontra, ou melhor, com parâmetros de custo e preço recentes. Assim, os custos utilizados para o estudo de rentabilidade são os de maio/18, e os preços, são os mais recentes, considerando a média de julho/18.

Para todas as praças estudadas, tanto o milho quanto a soja estão tendo uma rentabilidade que permite o pagamento de todos os custos, inclusive o operacional. Como o milho tem uma produtividade média aproximadamente três vezes maior que a soja, o cereal tem uma margem por hectare acima da soja no momento atual, exceto no Paraná, onde o preço da oleaginosa está bem elevado.

Tabela 4.
Comparativo de rentabilidade de milho e soja no RS, PR e BA

RIO GRANDE DO SUL	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	2200		7500	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	73,75	R\$/60KG	33,00	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	2704,17	73,75	4125,00	33,00
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1139,43	31,08	2045,35	16,36
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1392,48	37,98	2658,43	21,27
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	1716,09	46,80	2955,21	23,64
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1564,74	42,67	2079,65	16,64
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1311,69	35,77	1466,57	11,73
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	988,08	26,95	1169,79	9,36
INDICADORES				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	2,37	(A / B1)	2,02
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,94	(A / B2)	1,55
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	1,58	(A / B3)	1,40
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	57,9%	(A / A)	50,4%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	48,5%	(B / A)	35,6%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	36,5%	(C / A)	28,4%

Continua

PARANÁ	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	3000		8500	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	76,68	R\$/60KG	30,00	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	3834,00	76,68	4250,00	30,00
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1181,13	23,62	2026,76	14,31
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1404,39	28,09	2673,67	18,87
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	1736,72	34,73	2997,12	21,16
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	2652,87	53,06	2223,24	15,69
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	2429,61	48,59	1576,33	11,13
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B3)	2097,28	41,95	1252,88	8,84
INDICADORES				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	3,25	(A / B1)	2,10
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	2,73	(A / B2)	1,59
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	2,21	(A / B3)	1,42
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	98,1%	(A / A)	53,9%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	89,8%	(B / A)	38,2%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	77,6%	(C / A)	30,4%
BAHIA	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	3000		8400	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	66,88	R\$/60KG	32,02	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	3344,00	66,88	4482,80	32,02
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1485,15	29,70	2085,74	14,90
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1834,06	36,68	2752,39	19,66
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	2097,77	41,96	3031,41	21,65
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1858,85	37,18	2397,06	17,12
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1509,94	30,20	1730,41	12,36
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B3)	1246,23	24,92	1451,39	10,37
INDICADORES				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	2,25	(A / B1)	2,15
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,82	(A / B2)	1,63
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	1,59	(A / B3)	1,48
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	68,7%	(A / A)	58,1%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	55,8%	(B / A)	41,9%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	46,1%	(C / A)	35,2%

Fonte: Conab.

Nota: Foram utilizadas como praças de referência de preços e custos Passo Fundo e São Luiz Gonzaga para o RS, Campo Mourão para o PR e Barreiras para BA.

Deste modo, é provável que o Paraná continue direcionando sua área a ser semeada para a soja, optando pela manutenção da área de milho 1ª safra atual, pois poderá ter um incremento na 2ª safra nesse estado.

Já para o Rio Grande do Sul e Matopiba, o produtor pode se sentir estimulado a aumentar a área plantada com o cereal.

De qualquer maneira, nos parâmetros atuais e por conta da necessidade de atendimento da demanda interna e externa pelo milho brasileiro, acredita-se que não haverá diminuição de área. Pelo contrário, a tendência é de que, no país, haja um incremento de área.

4.3. Projeção de preços futuros

Mesmo com a possibilidade de aumento de área e, por consequência, da produção, a paridade de exportação, bem como o aumento da demanda total do milho nacional deverá manter os preços do milho em níveis favoráveis aos produtores nacionais.

No que se refere à paridade, mesmo com contratos futuros indicando valores para 2019 entre US\$ 3,70 a 4,00/bu, ainda há uma expectativa de elevação na produção de milho nos Estados Unidos, dadas as condições atuais das lavouras no Meio Oeste, que podem pressionar os valores do cereal na Bolsa de Chicago. Não surpreenderia se ao longo do ano o milho variasse de US\$ 3,40 a US\$ 3,80/bu.

Além disso, o boletim Focus indica um dólar médio para 2019 de R\$ 3,70. Nesta situação, a paridade de preços para diversas praças podem seguir dois caminhos, por exemplo:

- No Paraná, tomando por referência a praça de Campo Mourão, caso o custo do frete fique dentro dos parâmetros normais de mercado, ou seja, sem o tabelamento de frete da ANTT, as cotações podem variar de R\$ 32,14 a R\$ 35,64/60 Kg;
- No caso de manutenção do tabelamento atual do frete, os preços tendem a variar de R\$ 31,14 a R\$ 34,64/60Kg. Ainda assim, são preços que permitem uma boa rentabilidade, considerando o atual parâmetro de custos de produção;

Tabela 5.
Estimativa de preços baseados na paridade do milho para o PR

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÉDIO (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 85,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	28,33	29,13	29,93	30,74	31,54	32,34	33,15	33,95
	3,50	29,31	30,14	30,96	31,79	32,62	33,44	34,27	35,10
	3,60	30,29	31,14	31,99	32,84	33,69	34,54	35,39	36,24
	3,70	31,27	32,14	33,02	33,89	34,76	35,64	36,51	37,39
	3,80	32,25	33,15	34,04	34,94	35,84	36,74	37,63	38,53
	3,90	33,23	34,15	35,07	35,99	36,91	37,84	38,76	39,68

Continua

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 100,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	27,33	28,13	28,93	29,74	30,54	31,34	32,15	32,95
	3,50	28,31	29,14	29,96	30,79	31,62	32,44	33,27	34,10
	3,60	29,29	30,14	30,99	31,84	32,69	33,54	34,39	35,24
	3,70	30,27	31,14	32,02	32,89	33,76	34,64	35,51	36,39
	3,80	31,25	32,15	33,04	33,94	34,84	35,74	36,63	37,53
	3,90	32,23	33,15	34,07	34,99	35,91	36,84	37,76	38,68

Fonte: Conab.

- No estado de Goiás, semelhante ao que foi apresentado para o Paraná, acredita-se que os preços deverão variar, uma vez que o peso do frete é maior entre R\$ 28,14 e R\$ 31,64/60Kg, caso não haja tabelamento do frete. Caso contrário, deve variar entre R\$ 25,74 a 29,24/60Kg, valores acima do preço mínimo para a próxima safra;

Tabela 6.
Estimativa de preços de paridade do milho para o GO

PRAÇA BASE: RIO VERDE - FRETE MÉDIO (RIO VERDE - SANTOS) - R\$ 150,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	24,33	25,13	25,93	26,74	27,54	28,34	29,15	29,95
	3,50	25,31	26,14	26,96	27,79	28,62	29,44	30,27	31,10
	3,60	26,29	27,14	27,99	28,84	29,69	30,54	31,39	32,24
	3,70	27,27	28,14	29,02	29,89	30,76	31,64	32,51	33,39
	3,80	28,25	29,15	30,04	30,94	31,84	32,74	33,63	34,53
	3,90	29,23	30,15	31,07	31,99	32,91	33,84	34,76	35,68
PRAÇA BASE: RIO VERDE- FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (RIO VERDE - SANTOS) - R\$ 190,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	21,93	22,73	23,53	24,34	25,14	25,94	26,75	27,55
	3,50	22,91	23,74	24,56	25,39	26,22	27,04	27,87	28,70
	3,60	23,89	24,74	25,59	26,44	27,29	28,14	28,99	29,84
	3,70	24,87	25,74	26,62	27,49	28,36	29,24	30,11	30,99
	3,80	25,85	26,75	27,64	28,54	29,44	30,34	31,23	32,13
	3,90	26,83	27,75	28,67	29,59	30,51	31,44	32,36	33,28

Fonte: Conab.

- Evidentemente, especificamente no estado do Mato Grosso, os preços em Sorriso, principal município produtor de milho do país, bem como nas demais praças produtoras da região norte do estado, a situação do frete tende a impactar ainda mais, gerando uma variação de preços de R\$ 19,14 a R\$ 22,64/60Kg, caso se tenha um frete médio de R\$ 300,00/t no transporte de Sorriso a Santos, e entre R\$ 16,74 a R\$ 20,24/60Kg, aumentando o risco de preços abaixo do mínimo se o mercado

trabalhar com valor de frete mínimo (de acordo com o tabelamento da ANTT) de R\$ 340,00/t para a mesma rota.

Tabela 7.
Estimativa de preços baseados na paridade do milho para o MT

PRAÇA BASE: SORRISO - FRETE MÉDIO (SORRISO - SANTOS) - R\$ 300,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	15,33	16,13	16,93	17,74	18,54	19,34	20,15	20,95
	3,50	16,31	17,14	17,96	18,79	19,62	20,44	21,27	22,10
	3,60	17,29	18,14	18,99	19,84	20,69	21,54	22,39	23,24
	3,70	18,27	19,14	20,02	20,89	21,76	22,64	23,51	24,39
	3,80	19,25	20,15	21,04	21,94	22,84	23,74	24,63	25,53
	3,90	20,23	21,15	22,07	22,99	23,91	24,84	25,76	26,68
PRAÇA BASE: SORRISO - FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (SORRISO - SANTOS) - R\$ 340,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	12,93	13,73	14,53	15,34	16,14	16,94	17,75	18,55
	3,50	13,91	14,74	15,56	16,39	17,22	18,04	18,87	19,70
	3,60	14,89	15,74	16,59	17,44	18,29	19,14	19,99	20,84
	3,70	15,87	16,74	17,62	18,49	19,36	20,24	21,11	21,99
	3,80	16,85	17,75	18,64	19,54	20,44	21,34	22,23	23,13
	3,90	17,83	18,75	19,67	20,59	21,51	22,44	23,36	24,28

Fonte: Conab.

5. Considerações finais

Neste contexto, o produtor tende a encontrar, na safra 2018/19, um cenário mais confortável tanto no abastecimento do milho no mercado quanto nos preços domésticos, tomando-se por base os critérios de paridade.

Deve-se levar em consideração que, a depender do resultado das eleições presidenciais e seus efeitos na economia nacional, o dólar pode variar significativamente, afetando as condições de paridade, bem como os preços internos.

Além disso, as questões do frete também serão fundamentais para o direcionamento do mercado de milho para a safra seguinte. De qualquer maneira, é primordial que o produtor brasileiro observe as oportunidades de mercado não só para atendimento do mercado externo, como, principalmente, para a demanda interna que, nas últimas safras, em alguns momentos do ano, tem se permitido pagar um pouco mais do que as *tradings*.

A demanda interna deverá ter o incremento da produção de etanol, que pode se tornar um importante parceiro do produtor de milho, além do setor de proteína animal, sobretudo o setor de suínos, confinamento bovino e avicultura de postura.

No cenário externo, oportunidades como China e México não devem ser deixadas de lado, ressaltando, todavia, que os Estados Unidos devem continuar, ao que tudo indica pelo desenvolvimento das lavouras do Meio Oeste, com uma excelente produção, e que o país não estará disposto a perder participação de mercado para Brasil e Argentina, mesmo com a atual política comercial de Donald Trump.

Vale salientar que o governo estadunidense deve dar suporte financeiro ao setor agropecuário em até US\$ 12 bilhões para que não haja perdas em participação nas exportações, justamente para diminuir os impactos das taxas dos produtos norte-americanos pela China e, possivelmente, por outros países.



Foto: Virgílio Neto.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é expor para o agricultor brasileiro uma análise de mercado que terá início em setembro de 2018, bem como uma provável estimativa de safra de soja baseada nos números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), além de um diagnóstico sobre os possíveis preços e rentabilidade para a safra 2018/19.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as exportações de 2017 foram estimadas em US\$ 217,74 bilhões, e em 2016, em US\$ 185,23 bilhões.

O complexo soja, composto pela soja em grãos e seus derivados, como óleo e farelo de soja, foi o principal produto exportado em 2017, representando 14,10% de toda a exportação brasileira, ou seja, US\$ 30,69 bilhões, ficando à frente de produtos importantes como minérios, petróleo e combustíveis. Daí a importância do acompanhamento do panorama internacional, pois, sendo o Brasil o maior exportador de soja mundial, os preços internacionais afetam diretamente a balança comercial brasileira, e mais diretamente os preços deste complexo no mercado nacional.

Além disto, a soja em grãos é esmagada internamente, extraíndo-se dois subprodutos: o óleo e o farelo de soja. Em 2017, estima-se que foram esmagadas, aproximadamente, 46,10 milhões de toneladas de soja em grãos, de onde foram produzidas, aproximadamente, 8,15 milhões de toneladas de óleo de soja, usado, sobretudo, para o consumo humano e para fabricação de biodiesel.

Ainda, em 2017, foram produzidos, em média, 32,18 milhões de toneladas de farelos de

soja, usados, sobretudo, para alimentação proteica de aves, suínos e bovinos e alimentação humana industrial.

Tabela 1.
Principais produtos exportados Brasil - US\$/FOB

	2017		2016		2016/2017
	VALOR	PART. %	VALOR	PART. %	Var. %
TOTAL	217.739.177.077	100%	185.235.400.805	100%	17,55%
Soja em grão	25.717.736.799	11,81%	25.422.407.980	11,68%	1,16%
Minérios de ferro e seus concentrados	19.199.154.102	8,82%	25.402.091.916	11,67%	-24,42%
Óleos brutos de petróleo	16.624.996.815	7,64%	13.477.319.937	6,19%	23,36%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig. incl. miudos	6.427.893.122	2,95%	15.816.098.724	7,26%	-59,36%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	5.069.890.208	2,33%	13.920.845.488	6,39%	-63,58%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.973.331.347	2,28%	12.709.651.516	5,84%	-60,87%
Café cru em grão	4.600.226.342	2,11%	11.608.273.484	5,33%	-60,37%
Milho em grãos	4.567.018.755	2,10%	11.331.730.387	5,20%	-59,70%
Minérios de cobre e seus concentrados	2.485.258.236	1,14%	7.490.108.059	3,44%	-66,82%
Fumo em folhas e desperdícios	2.000.441.012	0,92%	7.445.547.779	3,42%	-73,13%
Carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada	1.465.030.961	0,67%	5.430.064.741	2,49%	-73,02%

Fonte: Secex.

2. Mercado internacional

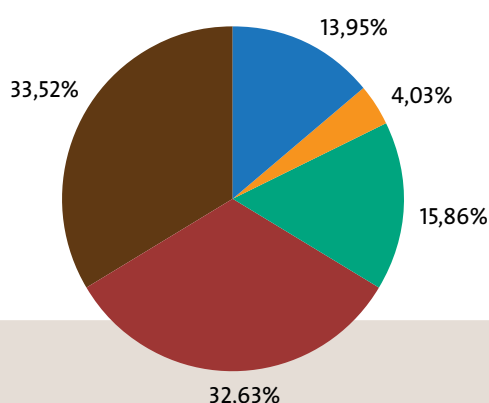
O mercado internacional de soja é composto por quatro principais *players*, três produtores e exportadores: Brasil, Estados Unidos e Argentina; e um comprador (importador), a China.

Segundo estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em sua última divulgação do quadro de oferta e demanda mundial, referente ao mês de julho/2018, foi estimado para a safra mundial de soja em grãos 2018/19, que Brasil (33,52%), EUA (32,63%) e Argentina (15,86%) são responsáveis por 82,01% de toda a produção mundial de soja em grão, e a China, por 61,54% de todas as importações mundiais.

2.1. Produção mundial de soja

Em seu relatório de julho de 2018, o Usda estima que a safra mundial de soja em grãos 2018/19 será de aproximadamente 359,49 milhões de toneladas, valor 6,76% maior que o estimado na safra 2017/18, de 336,70 milhões de toneladas. Este aumento é ocasionado por uma perspectiva de aumento de produção de safra no Brasil e, principalmente, por uma recomposição de safra na Argentina após uma forte quebra de safra em 2018.

Gráfico 1.
Produção mundial de soja em grãos - safra 2018/2019



Fonte: Usda/jul.2018.

País	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
BRASIL	119,50	120,50	0,84%
ESTADOS UNIDOS	119,52	117,30	-1,86%
ARGENTINA	37,00	57,00	54,05%
CHINA	14,20	14,50	2,11%
OUTROS	46,49	50,16	7,91%
TOTAL	336,70	359,46	6,76%

NOTA: E.U.A, BRASIL E ARGENTINA SÃO RESPONSÁVEIS POR 82,01% DA PRODUÇÃO MUNDIAL.

2.1.1. Estados Unidos

A safra 2018/19 dos Estados Unidos é estimada pelo Usda em 117,30 milhões de toneladas. Comparada com a safra 2017/18, o departamento estima um decréscimo de produção de um pouco mais de 2,22 milhões de toneladas (-1,86%), motivada pelas reduções de área americana, que na safra 2017/18 era de 36,22 milhões de hectares e passou a ser estimada em 35,96 milhões de hectares na safra 2018/19. Esta estimativa de área americana ainda não é definitiva, já que existe a possibilidade de variações tanto negativas quanto positivas.

Outro fator importante de redução de safra foram as produtividades, que para safra 2018/19 foram calculadas pela média dos últimos cinco anos. Por este motivo, está em 3.260 kg/ha, enquanto na safra anterior este valor foi estimado em 3.300 kg/ha.

2.1.2. Brasil

A estimativa do Usda é de que o Brasil seja o maior produtor de soja do mundo. No entanto, ainda é muito cedo para estimar qual vai ser a provável área e produtividade para a safra 2018/19, que começa a ser plantada em setembro. O Usda estima que as áreas plantadas no Brasil deverão ter uma expansão de quase 7%, passando de 35,10 milhões de hectares na safra 2017/2018 para 37,50 milhões de toneladas na safra 2018/19. Já a produtividade, calculada pela média dos cinco anos, será de 3.210 kg/ha para safra 2018/2019, enquanto na safra 2017/18, este valor era de 3.41 kg/ha.

Por isto, segundo o Usda, a produção de soja para a safra 2018/2019 no Brasil deve ser de 120,50 milhões de toneladas. Todavia, esta produção irá depender de como o clima vai influenciar na produtividade da safra que se iniciará em setembro de 2018.

2.1.3. Argentina

Para a Argentina, o Usda avalia que a safra 2018/19 será de 57 milhões de toneladas.

Foram muitos os problemas climáticos devido a poucas chuvas (seca) e temperaturas altas no decorrer da safra 2017/18, fazendo com que a safra em questão sofresse uma forte

redução e ficasse em apenas 56 milhões de toneladas. Por isto, o número da safra 2018/19 divulgado pelo Usda ficará dentro da média dos últimos anos.

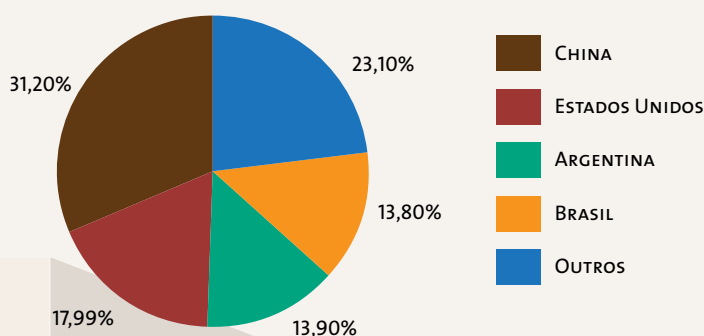
2.1.4. China

A China, apesar de ser o maior consumidor de grãos de soja do mundo, é responsável por apenas 4,03% de toda a produção mundial, com estimativa de produção para a safra 2018/19 de apenas 14,50 milhões de toneladas. Este valor é 2,84% maior que o estimado na safra 2017/18, calculada em 14,20 milhões de toneladas.

2.2. Esmagamento mundial de soja

Segundo o Usda, haverá aumento de esmagamento mundial de soja na safra 2018/19, em relação à safra 2017/18, de aproximadamente 4,39% – um valor de 309,31 milhões de toneladas em esmagamentos. O aumento absoluto é de 13,02 milhões de toneladas.

Gráfico 2.
Esmagamento mundial soja em grãos - safra 2018/2019



País	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
CHINA	92,00	96,50	4,89%
ESTADOS UNIDOS	55,25	55,66	0,74%
ARGENTINA	39,15	43,00	9,83%
BRASIL	43,00	42,70	-0,70%
OUTROS	66,89	71,45	6,82%
TOTAL	296,29	309,31	4,39%

NOTA: CHINA, EUA, ARGENTINA E BRASIL SÃO RESPONSÁVEIS POR 76,90% DOS ESMAGAMENTOS MUNDIAIS.

Fonte: Usda/jul.2018.

2.2.1. China

A China é o maior esmagador de soja do mundo, responsável por cerca de 31,20% de todos os esmagamentos mundiais. Somados aos esmagamentos dos Estados Unidos, com 17,99% dos esmagamentos mundiais; Argentina, com 13,90%; e Brasil, com 13,80%, os países respondem por 76,90% de todos os esmagamentos mundiais.

Mesmo produzindo apenas 14,50 milhões de toneladas, a China é o maior esmagador de soja do mundo graças a sua importação, que deve chegar a 95 milhões de toneladas. Os esmagamentos de soja chinesa, segundo o Usda, tiveram um pequeno crescimento de 4,89%, valor percentual dentro da média dos últimos anos.

Para a safra 2017/18, os esmagamentos totais são estimados em 309,31 milhões de toneladas.

Em comparação à safra anterior houve um incremento mundial de esmagamento no valor de 13 milhões de toneladas, sendo 4,50 milhões do incremento de esmagamento da China.

2.2.2. Estados Unidos

Os esmagamentos dos Estados Unidos para a safra 2018/19 devem aumentar em apenas 410 mil toneladas, passando de 55,25 milhões de toneladas na safra 2017/18 para 55,66 na safra atual.

2.2.3. Argentina

Segundo o Usda, a Argentina deve esmagar 43,00 milhões de toneladas de soja em grãos, ou seja, aumento de 9,83% em relação à safra anterior, quando houve uma quebra de safra significativa. Com isso, o país se destaca como o terceiro maior esmagador mundial, com 13,90% de todas as exportações estimadas para a safra 2018/19.

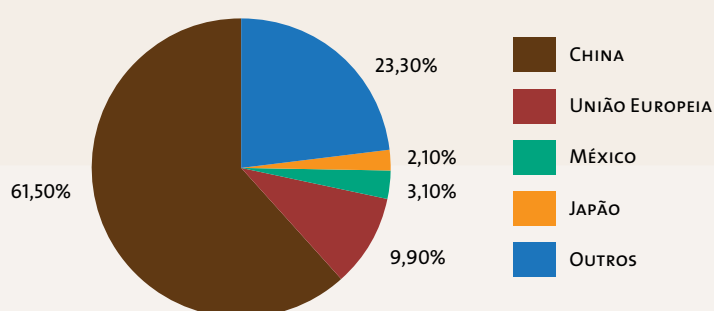
2.2.4. Brasil

Ainda segundo Usda, para a safra 2018/18 o Brasil deverá esmagar, aproximadamente, 42,70 milhões de toneladas de soja em grãos, isto é, uma redução nos esmagamento de 0,70% em relação à safra anterior.

2.3. Importação mundial de soja

As importações mundiais para a safra 2018/19 estão estimadas em 154,36 milhões de toneladas, valor apenas 0,05% maior que o previsto para a safra 2017/18, com um aumento absoluto de apenas 80 mil toneladas.

Gráfico 3.
Exportação mundial de soja em grãos – safra 2018/2019



País	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
CHINA	97,00	95,00	-2,06%
UNIÃO EUROPEIA	14,10	15,30	8,51%
MÉXICO	4,60	4,75	3,26%
JAPÃO	3,25	3,30	1,54%
OUTROS	35,33	36,01	1,92%
TOTAL	154,28	154,36	0,05%

NOTA: A CHINA E A UNIÃO EUROPEIA SÃO RESPONSÁVEIS POR 71,45% DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS.

Fonte: Usda/jul.2018.

2.3.1. China

Como a China produz apenas 14,5 milhões de toneladas de grãos e esmaga 95,00 milhões de toneladas, para safra 2018/19 deverá continuar como maior importador de soja mundial, com cerca de 61,54% de toda soja em grãos importada.

Segundo o Usda, a China deve reduzir as suas importações mundiais em 2,06%. O principal fator desta redução é a guerra comercial entre Estados Unidos e China, pois os chineses taxaram em 25% a soja dos Estados Unidos, o segundo maior exportador de soja para o país.

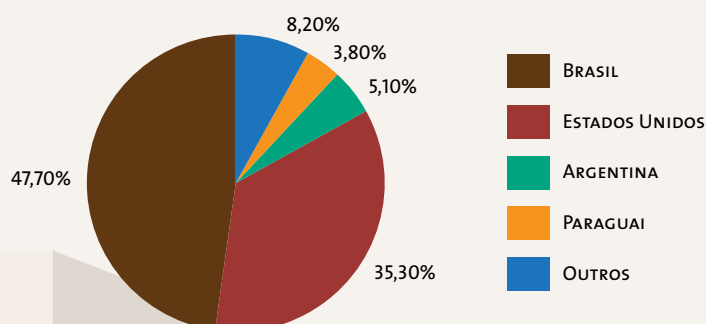
2.3.2. Demais países

Os demais países, juntos, são responsáveis por 38,45% das importações mundiais. A União Europeia encontra-se em segundo lugar (9,91%), com importação de 15,30 milhões de toneladas e aumento de importação estimado em 8,51%. O México está em terceiro lugar (3,26%), com 4,75 milhões de toneladas e um aumento de importação estimado em 3,26%.

2.4. Exportação mundial de soja

O Usda avalia que as exportações mundiais de soja para a safra 2018/19 cheguem a 157,32 milhões de toneladas, o que representa aumento de apenas 3,34% em relação às expectativas de exportações mundiais para a safra 2017/18, que foram de 152,24 milhões de toneladas.

Gráfico 4.
Exportação mundial de soja em grãos – safra 2018/2019



País	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
BRASIL	74,65	75,00	0,47%
ESTADOS UNIDOS	56,74	55,52	-2,16%
ARGENTINA	3,10	8,00	158,06%
PARAGUAI	6,25	5,90	-5,60%
OUTROS	11,50	12,90	12,21%
TOTAL	152,24	157,32	3,34%

NOTA: BRASIL E EUA SÃO RESPONSÁVEIS POR 82,96% DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS.

Fonte: Usda/jul.2018.

Como maiores produtores de soja, responsáveis por 66,15% da produção mundial, o Brasil (47,67%) e os Estados Unidos (35,29%) são responsáveis por 82,96% de todas as exportações mundiais.

2.4.1. Brasil

O Brasil, na safra 2018/19, continua a ser o maior exportador de soja do mundo, com 75 milhões de toneladas de soja em grãos exportados, aumento de 0,47% em relação às exportações da safra 2017/18, estimada em 74,65 milhões de toneladas, segundo o Usda.

2.4.2. Estados Unidos

Os Estados Unidos vêm em seguida, com 55,52 milhões de toneladas e uma redução de exportação em relação à safra passada de 2,16%, de 56,74 milhões de toneladas. Este valor de exportação deve ser menor se a China taxar as exportações americanas em 25%, já que este país é responsável por mais de 62% das exportações americanas.

2.5. Estoque final mundial

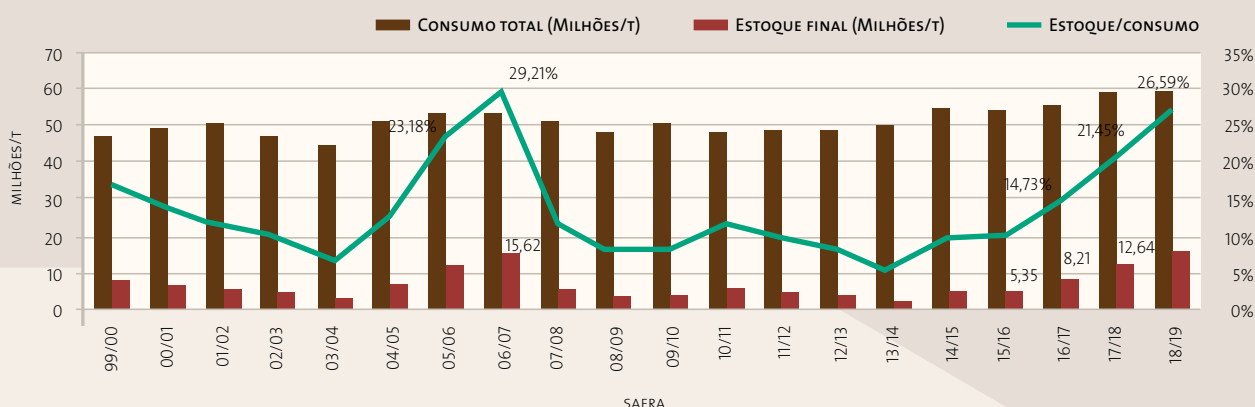
Em relação aos estoques de passagem mundiais de soja, para a safra 2018/19 de 2,34%, o Usda estima aumento se comparado ao praticado no ano anterior, ficando em aproximadamente 98,27 milhões de toneladas.

2.5.1. Estados Unidos

Para a safra 2017/18, os estoques de passagem dos Estados Unidos devem ser os maiores já praticados historicamente. Este país deve produzir aproximadamente 117,30 milhões de toneladas e esmagar 55,66 milhões de toneladas. Até o momento, a estimativa de exportação americana está em 55,52 milhões de toneladas, mas com a taxação chinesa à soja americana este valor deve ser menor e, conseqüentemente, aumentar os estoques de passagem americanos, que não têm conseguido exportar para outro país a soja excedente.

Com isto, para a safra 2018/19, os Estados Unidos devem ter a maior relação estoque/consumo da história, o que deve afetar diretamente nos preços internacionais.

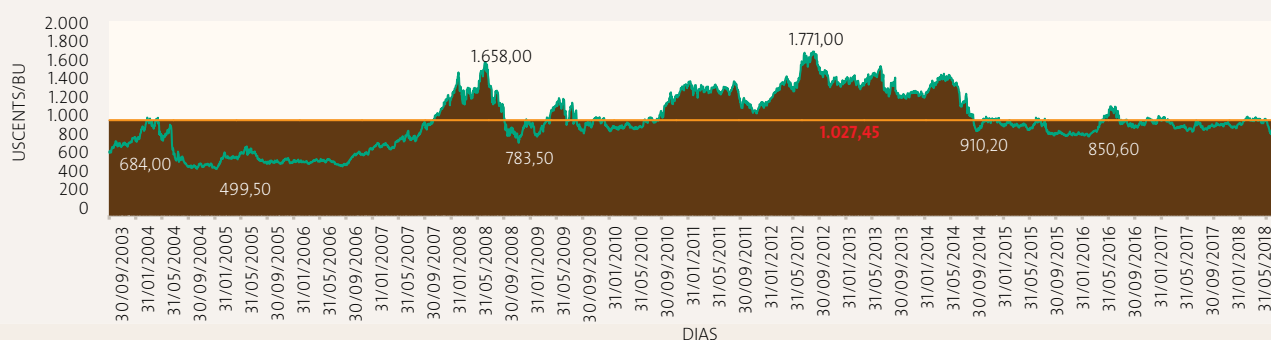
Gráfico 5.
Relação estoque e consumo EUA



Fonte: Usda.

2.6. Preços internacionais

Gráfico 6.
Preços internacionais (CBOT) - nov.2003 - jun.2018



Fonte: CBot.

2.6.1. Os fatores de alta em 2018 (até julho de 2018)

- Quebra de safra na Argentina:

Os problemas climáticos ocorridos na Argentina foram o principal fator altista no primeiro semestre de 2018. Durante praticamente mais de cinco meses, a bolsa de valores de Chicago sustentou os preços internacionais nesse fundamento. A Argentina, que na safra 2016/17 produziu um pouco mais de 57,80 milhões de toneladas, na safra 2017/18 produziu um pouco mais de 39 milhões de toneladas, ou seja, uma quebra de mais de 17 milhões de toneladas. Isso afetou não somente a produção de soja mundial, mas especialmente a produção de farelo e óleo de soja, influenciando positivamente nos preços.

- Redução de área e produção dos Estados Unidos da safra 2018/19:

Desde o início do ano, os americanos já haviam sinalizado uma redução de área de soja para a safra 2018/19. Apesar de os preços estarem melhores que os preços de milho nos Estados Unidos (em 2017), as áreas de soja norte-americanas, para safra 2018/2019, foram estimadas pelo Usda com uma redução de 0,74%. Com isso, a produção de soja dos Estados Unidos passou de 119,52 milhões de toneladas para 117,30 milhões de toneladas, redução causada pelos baixos preços nos mercados internacionais (CBOT) ainda em 2017.

- Aumento dos esmagamentos americanos da safra 2017/18:

Outro fator que por vários momentos deu sustentação aos preços internacionais em 2018 foram os esmagamentos de soja americanos na safra 2017/18.

Para entender melhor, basta comparar o valor de esmagamento americano de soja do primeiro quadro de oferta e demanda do Usda em maio de 2017 com o da safra 2017/18. Em maio de 2017, o valor estimado para esmagamento americano era de 53,07 milhões de toneladas. Já o atual (julho de 2018), para mesma safra, é de 55,25 milhões de toneladas. Ou seja, houve aumento das estimativas de esmagamento americanos em maio de 2017 até o momento (julho de 2018) de aproximadamente 2,25 milhão de toneladas. Se comparada à safra 2016/2017, este aumento foi de 3,50 milhões de toneladas, o que afeta diretamente nos estoques de passagem em 2018.

2.6.2. Os fatores de baixa em 2018 (até julho de 2018)

- Alta produção de soja na safra 2017/2018 dos Estados Unidos:

Segundo o Usda, as produções americanas passaram de 106,86 milhões de toneladas na safra 2015/2016 para 116,92 milhões de toneladas na safra 2016/17 e 119,52 milhões de toneladas na safra 2017/18.

- Alta safra brasileira de grãos na safra 2017/18:

Segundo o Usda, no mês de maio de 2017 a produção brasileira de soja, para a safra 2017/2018, seria de 111,60 milhões de toneladas. Já no último relatório divulgado (julho de

2018), este valor passou para 120,50 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de quase 9,0 milhões de toneladas.

- Baixas exportações americanas para a safra 2017/18:

Durante 2017, as exportações americanas para a safra 2017/18 foram estimadas em 61,24 milhões de toneladas. No entanto, com os preços internacionais oscilando abaixo de US\$ 10/bu, os americanos reduziram suas exportações. No mês de julho de 2018, estas foram estimadas em apenas 55,52 milhões de toneladas, ou seja, entre as safras 2016/17 e 2017/18 houve uma redução de exportação de 1,22 milhão de toneladas.

Cabe salientar que, além dos preços internacionais em baixa, o dólar forte fez com que outros países, como o Brasil, ficassem mais competitivos no mercado de soja. Além disso, devido a problemas climáticos ocorridos na época de plantio da safra 2017/18, a soja americana estava com um percentual de óleo nos grãos menor do que o mercado recomenda.

- Estoque de passagem americano na safra 2017/18 e safra 2018/19:

Os estoques de passagem dos Estados Unidos para a safra 2017/2018 foram estimados em 12,64 milhões de toneladas, ou seja, um dos maiores estoques de passagem da história dos EUA, atrás apenas ao da safra 2006/07, que foi de 15,62 milhões de toneladas.

Já os estoques de passagem da safra 2018/19 foram estimados em mais de 15,77 milhões de toneladas, o maior estoque da história americana e o segundo maior percentual de estoque/consumo deste país.

- Taxação da soja americana pelos chineses:

Para finalizar os fatores de baixa em 2018, o acontecimento mais importante, para baixas de preços em 2018, foi que a China, em retaliação à taxaço de minério de ferro imposta pelos Estados Unidos, divulgou que iria taxar a soja americana em 25%. Com isso, as exportações americanas, que já estavam prejudicadas devido aos fatores já citados, foram prejudicadas ainda mais, tanto na safra 2017/18, quanto na próxima safra 2018/19.

Dessa forma, tirando alguns fatores isolados e momentâneos, o mercado internacional ficou oscilando entre US\$ 9,40/bu e US\$ 10,60/bu, sustentado, principalmente, pelos problemas climáticos na Argentina até início de junho de 2016. A partir de cinco de junho, os preços começaram a ter uma baixa significativa, chegando a ser cotados ao valor de US\$ 8,14/bu ainda em julho de 2018, devido à possível taxaço (em 25%) da soja americana pelos chineses.

2.6. Perspectivas de preços para 2019

Apesar da redução de área plantada nos Estados Unidos prevista pelo Usda para a safra 2018/2019, a produtividade média estimada para esta safra, que é baseada em uma média estatística das últimas produtividades, deve ser maior. Isso, claro, se não houver nenhum pro-

blema climático no desenvolver da cultura. Assim, o clima norte-americano deve ser um fator de grande relevância até o início da colheita dos Estados Unidos, em setembro de 2018.

Caso haja algum problema climático, existe uma tendência de que os preços subam um pouco, mas caso não ocorra, os preços devem continuar nos patamares abaixo de US\$ 9,00/bu, pois a produção americana pode chegar a mais de 117 milhões de toneladas na safra 2018/19.

Outro fator que influencia nos preços internacionais é a produção brasileira de soja para a safra 2018/19, que provavelmente deve ser maior que a estimada pelo Usda. A área estimada pelo Usda para safra brasileira 2018/19 é de 37,50 milhões de hectares, um aumento de mais de 7% em relação à safra 2017/18. Porém, assim como a produtividade dos Estados Unidos, a produtividade brasileira tem grandes chances de ser maior que a estimada atualmente em 3.210 kg/ha, isso é, se também não ocorrer problema climático no decorrer do desenvolvimento da cultura. Portanto, a safra brasileira pode ser um fator de alta ou de baixa para o final de 2018 e início de 2019, vai depender se o clima afetará ou não as produtividades da safra 2018/2019.

Outra produção que vale a pena ser comentada é a da Argentina, que deve voltar à normalidade e ficar, em 2019, no valor de 56 a 58 milhões de toneladas. Isto é, mais uma vez, se não houver problemas climáticos como o ocorrido na safra 2017/18, que reduziram em mais de 13 milhões a safra da Argentina e deu sustentação aos preços internacionais em 2018.

Um fator de grande relevância, que deve afetar drasticamente os preços internacionais ainda em 2018 e também em 2019, é a possível taxaço de 25% da importação de soja americana pelos chineses. Com a possível taxaço chinesa, as exportações americanas da safra 2018/19 devem ser menores? Quando os preços ficam próximos ou menores de US\$ 9/bu, as exportações americanas começam a reduzir. Deste modo, para que as exportações americanas, na safra 2018/19 não caiam, e caso haja taxaço de importação chinesa de 25%, é necessário que os preços internacionais estejam acima de US\$ 11/bu para que os americanos continuem a exportar.

A China é, de longe, o maior importador de soja do mundo, com uma importação estimada para a safra 2018/19 em 95 milhões de toneladas. Por outro lado, no mercado exportador existem dois maiores exportadores, com 83% de toda as exportações mundiais: o Brasil (48%) e os Estados Unidos (36%). Por isto, caso os Estados Unidos diminuam suas exportações para a China, o Brasil não vai ter condições de suprir esta demanda, mesmo se houver um aumento de produção brasileira.

Assim, os preços internacionais estão bastante indefinidos e ficam na dependência da continuação da taxaço chinesa à soja americana e nos problemas climáticos que possam ocorrer nos principais países produtores, como o Brasil, Estados Unidos e Argentina.

Para o primeiro semestre de 2019, estima-se um aumento de preços do mercado futuro na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), com valores girando em torno de US\$ 9,00/bu, isso levando em consideração os fundamentos de mercado já descritos, principalmente a guerra comercial entre China e Estados Unidos.

Por outro lado, pode ser que os preços internacionais tenham um pequeno aumento em 2019, uma vez que o governo americano tem visado o mercado europeu e feito subsídio de mais de US\$ 12 bilhões em compras diretas de grãos e incentivos a esmagamentos.

3. Mercado nacional

3.1. Safra brasileira de soja em grãos

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu relatório de safras do mês de julho de 2018 para a safra 2017/18, o Brasil produziu 118,88 milhões de toneladas de soja em grãos, valor 4,21% maior que os 114,07 milhões de soja em grãos produzidos na safra 2016/2017. Esse aumento foi provocado pelo incremento de área, estimado em 3,7%, passando de 33,90 milhões de hectares para 35,15 milhões de hectares. No entanto, o fator de maior impacto no aumento de produção foi a produtividade de 3.382 kg/ha, pois o ótimo clima nos principais estados produtores em todos os estágios da lavoura contribuiu para que a produção chegasse a esse valor.

Os principais estados produtores da safra 2017/18 são: Mato Grosso, com 27,2% da produção (32,30 milhões de toneladas); Paraná, com 16,1% da produção (19,17 milhões de toneladas); Rio Grande do Sul, com 14,4% (17,15 milhões de toneladas); e Goiás, com 9,9% (11,78 milhões de toneladas).

O Matopiba teve a produção estimada em 14,56 milhões de toneladas, com um aumento de 2,1 milhões de toneladas em relação à safra passada, representando 12,3% de toda a produção nacional.

Tabela 2.
Soja - comparativo de área, produtividade e produção - Safras 2016/2017 e 2017/2018

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 16/17 (A)	SAFRA 17/18 (B)	VAR. % (B/A)	SAFRA 16/17 (C)	SAFRA 17/18 (D)	VAR. % (D/C)	SAFRA 16/17 (E)	SAFRA 17/18 (F)	VAR. % (F/E)
NORTE	1.809,0	1.934,8	7,0	3.060,5	3.070,3	0,3	5.536,4	5.940,6	7,3
RR	30,0	40,0	33,3	3.000,0	3.077,0	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	337,4	14,0	3.143,0	3.275,0	4,2	930,3	1.105,0	18,8
AC	-	0,6	-	-	2.055,0	-	-	1,2	-
AM	-	1,5	-	-	2.250,0	-	-	3,4	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878,0	2.884,0	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270,0	2.856,0	(12,7)	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	964,0	990,0	2,7	2.932,0	3.124,0	6,5	2.826,4	3.092,8	9,4
NORDESTE	3.095,8	3.264,4	5,4	3.115,4	3.513,9	12,8	9.644,7	11.470,8	18,9
MA	821,7	951,5	15,8	3.010,0	3.125,0	3,8	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	693,8	710,5	2,4	2.952,0	3.570,0	20,9	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242,0	3.720,0	14,7	5.123,3	5.960,9	16,3
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.647,9	3,0	3.300,7	3.445,0	4,4	50.149,9	53.907,4	7,5
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273,0	3.394,0	3,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	2.522,3	2.671,1	5,9	3.400,0	3.580,0	5,3	8.575,8	9.562,5	11,5
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300,0	3.480,0	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,00	71,50	2,14	3.450,00	3.540,00	2,61	241,50	253,10	4,80
SUDESTE	2.351,4	2.469,2	5,0	3.466,7	3.620,8	4,4	8.151,5	8.940,3	9,7
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480,0	3.676,0	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	960,7	7,3	3.445,0	3.534,0	2,6	3.084,3	3.395,1	10,1
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542,2	3.263,7	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731,0	3.508,0	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580,0	3.400,0	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360,0	3.013,0	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.199,2	6,0	3.095,2	3.348,9	8,2	15.181,1	17.411,4	14,7
CENTRO-SUL	29.004,6	29.952,2	3,3	3.409,6	3.387,9	(0,6)	98.894,2	101.474,4	2,6
BRASIL	33.909,4	35.151,4	3,7	3.364,1	3.382,1	0,5	114.075,3	118.885,8	4,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

3.2. Consumo total brasileiro de soja em grãos

O consumo total estimado de soja em grãos para a safra 2017/18, publicado no mês de junho de 2018 pela Conab, é de 47,40 milhões de toneladas – um aumento de 2,82% se comparado à safra 2016/17, considerando o consumo de farelo de soja, óleo de soja para consumo humano e biodiesel e, principalmente, a quebra de safra na Argentina, que diminui muito seus esmagamentos e abriu mercado para que o Brasil aumentasse os próprios.

Por outro lado, até o final de 2018, este número pode sofrer alterações para baixo, pois as exportações estão bastante aquecidas e devem interferir no número de esmagamentos ainda em 2018.

3.3. Exportação brasileira de soja em grãos

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o Brasil exportou em torno de 46,27

milhões de toneladas de grãos de janeiro a junho de 2018, valor recorde para o período. Para o segundo semestre de 2018, as exportações brasileiras devem continuar aquecidas, tanto que, para julho de 2018, é calculada uma exportação de mais de 11 milhões de toneladas, valor 58% maior que o exportado em julho de 2017.

Dessa forma, as exportações para 2018 estão estimadas em 72 milhões de toneladas, valor 5,64% maior que o total exportado em 2017, podendo ser maior devido à taxaço da soja americana pelos chineses, possibilitando que o Brasil continue com as altas exportações.

Tabela 3.
Soja grão - exportações mensais

MÊS/ANO	2017				2018				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO
JAN	911.827	364.833	1,34	400,11	1.563.589	594.256	2,77	380,06	284.497	113.128	0,54	397,64
FEV	3.509.447	1.404.183	5,15	400,12	2.864.253	1.093.260	5,07	381,69	2.032.841	873.623	3,87	429,75
MAR	8.979.127	3.534.058	13,17	393,59	8.813.760	3.434.667	15,61	389,69	6.542.275	2.745.769	12,46	419,70
ABR	10.432.129	3.948.237	15,31	378,47	10.259.100	4.112.602	18,17	400,87	8.494.901	3.589.391	16,18	422,53
MAI	10.959.858	4.063.423	16,08	370,76	12.353.479	4.998.529	21,88	404,63	9.154.609	3.858.611	17,43	421,49
JUN	9.197.021	3.353.722	13,49	364,65	10.420.000	4.199.194	18,45	402,99	8.031.783	3.419.298	15,30	425,72
1º SEM.	43.989.410	16.668.455	64,54	378,92	46.274.180	18.432.509	67,90	398,33	34.540.907	14.599.821	65,78	480,08
JUL	6.954.980	2.534.393	10,20	364,40	10.195.879	4.072.123	18,06	399,39	6.576.875	2.878.779	12,53	482,90
AGO	5.952.411	2.236.097	8,73	375,66					4.885.080	2.172.203	9,30	498,79
SET	4.272.463	1.610.496	6,27	376,95					3.112.025	1.369.181	5,93	495,43
OUT	2.486.938	939.521	3,65	377,78					1.664.743	705.316	3,17	487,11
NOV	2.142.729	815.376	3,14	380,53					945.237	385.667	1,80	472,88
DEZ	2.355.637	913.398	3,46	387,75					784.040	313.046	1,49	462,97
2º SEM.	24.165.159	9.049.281	35,46	374,48	10.195.879	4.072.123	14,96		17.968.001	7.824.192	34,22	488,70
TOTAL	68.154.569	25.717.737	100	377,34	56.470.060	22.504.632	100	398,52	2.508.909	22.424.012	100	483,27

Fonte: Secex.

3.4. Estoque de passagem brasileiro de soja em grãos

Para a safra 2017/18, os estoques de passagem brasileiros de soja em grãos foram estimados em 1,48 milhões de toneladas. Este número é considerado normal dentre os estoques de passagem dos últimos 12 anos, porém há grandes possibilidades de ser um valor muito menor que o estimado atualmente, já que as exportações brasileiras estão bastante aquecidas devido à taxaço chinesa da soja americana já citada.

Tabela 4.
Quadro de oferta e demanda brasileira - em mil t

SOJA EM GRÃOS:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	744,0	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8
PRODUÇÃO	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8
IMPORTAÇÃO	578,7	324,1	400,0	300,0	400,0
SUPRIMENTO	87.443,5	98.103,6	96.764,0	115.857,4	120.888,6
ESMAGAMENTO	36.800,0	39.600,0	40.200,0	41.800,0	43.000,0
SEMENTE E OUTROS	3.400,0	3.250,0	3.500,0	4.300,0	4.400,0
CONSUMO TOTAL	40.200,0	42.850,0	43.700,0	46.100,0	47.400,0
EXPORTAÇÃO	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	72.000,0
ESTOQUE FINAL	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6
FARELO DE SOJA:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7
PRODUÇÃO	28.336,0	30.492,0	30.954,0	32.186,0	33.110,0
IMPORTAÇÃO	1,0	1,1	0,8	1,0	1,0
SUPRIMENTO	28.782,9	30.760,5	31.788,6	34.031,8	35.965,7
CONSUMO INTERNO	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.500,0
EXPORTAÇÃO	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.500,0
ESTOQUE FINAL	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7	1.965,7
ÓLEO DE SOJA (BRUTO E REFINADO):					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	639,8	579,9	298,1	569,0	617,5
PRODUÇÃO	7.176,0	7.722,0	7.839,0	8.151,0	8.385,0
IMPORTAÇÃO	0,1	25,3	66,1	40,0	40,0
SUPRIMENTO	7.815,8	8.327,2	8.203,2	8.760,0	9.042,5
CONSUMO INTERNO	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0
EXPORTAÇÃO	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0
ESTOQUE FINAL	579,9	298,1	569,0	617,5	492,5

Legenda: (*) - Estimativa.

(1) Refere-se ao ano civil janeiro a dezembro.

Fonte: Conab, Secex e Abiove.

3.5. Preços nacionais

Os preços no mercado nacional de soja em grãos são afetados por vários fatores, tais como fretes, impostos, despesas administrativas e quebras técnicas que interferem diretamente nos preços internos. No entanto, segundo estudos, os fatores que mais afetam os preços nacionais são as variações do dólar e, principalmente, os preços internacionais.

Os preços internacionais começaram o ano variando entre US\$ 9,50/bu e US\$ 10,00/bu, com o dólar próximo de R\$ 3,20 e prêmios de porto no valor de UScents 67,00/bu. Com isso, os preços nacionais estavam, em média, no valor de R\$ 62,00/60kg.

Com a quebra da safra na Argentina, os preços tiveram uma forte alta e começaram a variar entre US\$ 10,00/bu e US\$ 10,60/bu, com o dólar chegando a ser cotado a R\$ 3,75, e os prêmios de porto a UScents 155,00/bu. Com isso, os preços nacionais também tiveram uma forte alta e foram cotados a valores que ultrapassaram a média nacional de R\$ 73,00/60kg, com as

cotações no Mato Grosso em R\$ 71,00/60kg, Paraná chegando a R\$ 76,00/60kg, Rio Grande do Sul a R\$ 76,00/60kg e Goiás a R\$ 70,00/60kg.

Depois das notícias da taxaço da soja americana pela China, os preços internacionais despencaram, chegando a ser cotado ao valor de US\$ 8,14/bu. Porém, o dólar ainda em alta, no valor médio de R\$ 3,80, chegando a ser cotado a quase R\$ 4,00, e os prêmios de porto chegando ao valor de UScents 240,00/bu, fizeram com que os preços nacionais continuassem nos patamares de alta.

Além disto, após a greve dos caminhoneiros no final de maio, os preços de fretes nacionais começaram a ser tabelados. Por isso, os valores de frete ficaram em média 30% maiores que no mesmo período do ano anterior, afetando diretamente a comercialização e os preços nacionais.

Como exemplo, em junho e julho de 2018 os preços internacionais já estavam em baixa, mas os preços nacionais continuaram altos. A explicação, além do dólar em alta e preços de prêmios de portos, foi que os agricultores travaram a sua comercialização, pois a o tabelamento citado fez com que os preços de frete ficassem muito acima da média normal.

Por esses motivos, os preços nacionais no final de julho de 2018, mesmo com a forte baixa nos preços internacionais, continuaram em média de R\$ 73,00/60kg, com as cotações de Mato Grosso a R\$ 71,00/60kg, Paraná chegando a R\$ 77,50/kg, Rio Grande do Sul a R\$ 75,50/60kg e Goiás a R\$ 69,00/60kg bem descolados dos preços de paridades.

Tabela 5
Preços pagos ao A=agricultor em 2017/18 - R\$/60kg

2017							
UF	JAN/17	FEV/17	MAR/17	ABR/17	MAI/17	JUN/17	MÉDIA
BA	68,17	63,75	61,3	54,06	57,64	58,54	60,58
GO	66,33	63,18	58,58	51,71	55,16	56,03	58,50
MA	70,5	66,75	64,2	61,89	63,66	63,67	65,11
MG	64,2	62,86	59,81	54,31	58,1	59,12	59,73
MS	65,77	61,68	56,67	52,6	57,2	55,71	58,27
MT	62,68	59,2	55,87	51,21	54,46	53,85	56,21
PI	-	59,29	58,77	56,92	58,93	60,1	58,80
PR	67,24	65,86	61,57	57,56	59,27	59,32	61,80
RS	68,12	65,61	63,16	56,89	58,28	59,35	61,90
SC	67,46	66,22	62,59	57,83	59,66	59,73	62,25
TO	68,33	64,88	61,75	54,94	57,71	57,78	60,90
2018							
UF	JAN/18	FEV/18	MAR/18	ABR/18	MAI/18	JUN/18	MÉDIA
BA	60,8	62,45	64,08	68,08	69,22	70,52	65,86
GO	59,45	61,55	65,18	68,24	70,22	64,59	64,87
MA	68,12	71,79	69,04	73,7	74,99	73,38	71,84
MG	64,6	65,07	66,03	68,74	73,08	67,18	67,45
MS	62,41	61,45	65,36	70,74	72,9	69,83	67,12
MT	56,56	59,13	62,9	68,48	70,16	71,05	64,71
PI	60,15	61,92	65,76	70,05	71,13	66,43	65,91
PR	62,77	65,21	69,74	75,26	76,14	73,6	70,45
RS	62,13	63,91	69,24	75,09	75,99	71,56	69,65
SC	63,27	66,21	70,31	75,82	76,66	73,89	71,03
TO	62,02	63,31	66,03	70,07	70,71	69,39	66,92

Fonte: Conab.

3.6. Preços e rentabilidade para safra 2018/2019

O custo variável de produção, em maio de 2018, foi 5,84% maior que o praticado em maio 2017, com os valores estimados em R\$ 37,65/60kg em maio 2017 e R\$ 39,85/60kg em maio 2018.

Como a maioria dos produtos estão cotados no dólar, o principal motivo da alta dos custos de produção em 2017/2018 foi o dólar, que em maio de 2017 era cotado, em média, a R\$ 3,20, e em maio de 2018 a R\$ 3,63.

Os preços pagos ao agricultor em 2018 foram cotados em média no valor de R\$ 67,00/60kg. A metodologia usada para prever os preços pagos ao agricultor em 2019 será a variação percentual da paridade de exportações entre 2018 e expectativa de paridade para 2019 nos municípios de Sorriso/MT e Cascavel/PR.

Tabela 6.
Expectativa de preços pagos ao agricultor 2019

SORRISO - MT								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	44,15	48,40	52,65	56,90	61,15	65,40	69,65
	850	47,40	51,87	56,33	60,80	65,27	69,73	74,20
	900	50,65	55,34	60,02	64,70	69,39	74,07	78,75
	950	53,90	58,80	63,70	68,60	73,50	78,41	83,31
	1.000	57,15	62,27	67,39	72,51	77,62	82,74	87,86
	1.050	60,41	65,74	71,07	76,41	81,74	87,08	92,41
	1.100	63,66	69,21	74,76	80,31	85,86	91,41	96,96
	1.150	66,91	72,68	78,44	84,21	89,98	95,75	101,51
	1.200	70,16	76,14	82,13	88,11	94,10	100,08	106,07
CASCAVEL - PR								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	56,03	60,28	64,53	68,78	73,03	77,28	81,53
	850	59,28	63,75	68,21	72,68	77,15	81,61	86,08
	900	62,53	67,22	71,90	76,58	81,27	85,95	90,63
	950	65,78	70,68	75,58	80,48	85,38	90,29	95,19
	1.000	69,03	74,15	79,15	84,39	89,50	94,62	99,74
	1.050	72,29	77,62	82,95	88,29	93,62	98,96	104,29
	1.100	75,54	81,09	86,64	92,19	97,74	103,29	108,84
	1.150	78,79	84,56	90,32	96,09	101,86	107,63	113,39
	1.200	82,04	88,02	94,01	99,99	105,98	111,96	117,95

Fontes: Conab, CBOT.

Nota: Frete (Sorriso-MT/Paranaguá-PR) = R\$ 310,00/t. - Frete (Cascavel-PR/Paranaguá-PR) = R\$ 130,00/t. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 200,00/bu.

Tabela 7.
Paridade dos preços pagos ao agricultor 2018 (Sorriso - MT) - R\$/60kg

SORRISO - MT								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	39,97	43,74	47,51	51,29	55,06	58,83	62,61
	850	43,22	47,21	51,20	55,19	59,18	63,17	67,16
	900	46,47	50,68	54,88	59,09	63,30	67,50	71,71
	950	49,72	54,14	58,57	62,99	67,41	71,84	76,26
	1.000	52,97	57,61	62,25	66,89	71,53	76,17	80,81
	1.050	56,22	61,08	65,94	70,79	75,65	80,51	85,36
	1.100	59,47	64,55	69,62	74,70	79,77	84,84	89,92
	1.150	62,73	68,02	73,31	78,60	83,89	89,18	94,47
	1.200	65,98	71,48	76,99	82,50	88,01	93,51	99,02
CASCADEL - PR								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	51,25	55,03	58,80	62,57	66,34	70,12	73,89
	850	54,50	58,49	62,48	66,47	70,46	74,45	78,44
	900	57,75	61,96	66,17	70,37	74,58	78,79	83,00
	950	61,01	65,43	69,85	74,28	78,70	83,12	87,55
	1.000	64,26	68,90	73,31	77,73	82,15	86,57	91,00
	1.050	67,51	72,37	77,22	82,08	86,94	91,79	96,65
	1.100	70,76	75,83	80,91	85,98	91,06	96,13	101,20
	1.150	74,01	79,30	84,59	89,88	95,17	100,46	105,75
	1.200	77,26	82,77	88,28	93,78	99,29	104,80	110,31

Fontes: Conab, CBOT.

Nota: Frete (Sorriso-MT/Paranaguá-PR) = R\$ 280,00/t. - Frete (Cascavel-PR/Paranaguá-PR) = R\$ 90,00/t. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 90,00/bun.

Para o primeiro semestre de 2019, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) está estimado um aumento dos preços do mercado futuro, com valores girando em torno de US\$ 9,00/bu, isso levando em consideração os fundamentos de mercado já descritos e, principalmente, face à guerra comercial entre China e Estados Unidos.

Portanto, usando a paridade de exportação com os valores de mercado internacional de US\$ 9,00/bu, citado, e com o dólar variando entre R\$ 3,40 e R\$ 3,80 esperado pelo mercado para 2019, a variação da paridade de exportação entre 2018 e 2019 deve ficar maior em 9%. Assim sendo, pela variação percentual entre as paridades citadas. Sendo assim, os preços médios pagos ao agricultor em 2019 devem ficar por volta de R\$ 72,00/60kg, valor 9% maior que os preços médios pagos ao agricultor em 2018, que foi de aproximadamente R\$ 67,00/60kg.

Por isso, mesmo com um aumento de custo de produção, a rentabilidade bruta do custo variável para 2019 ficou 12,95% maior, se comparada a 2018.

Tabela 6.
Rentabilidade de soja 2018/2019

Produtividade média (kg/ha)	3100	3100	%
	2016/2017	2017/2018	
	R\$/60KG	R\$/60KG	
A - RECEITA BRUTA (1)	67,00	72,00	8,96
B - DESPESAS: (2)			
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	30,80	32,74	6,30
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	37,65	39,85	5,84
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	43,41	45,82	5,55
A) - MARGEM BRUTA - DC (A - B1)	36,20	40,26	11,22
B) - MARGEM BRUTA - CV (A - B2)	29,35	33,15	12,95
C) - MARGEM LÍQUIDA - CO (A - B3)	23,59	27,18	15,22
C - PREÇO MÍNIMO VIGENTE (R\$)		36,84	

Fonte: Conab.

Nota: (1) média dos preços pago ao produtor em 2018 e expectativa de preços para 2019.

(2) custo de produção realizado nos meses de maio de 2017 e 2018.

3.6. Análise prospectiva para a safra nacional 2018/19

A rentabilidade média do custo variável de soja em grãos foi estimada 12,95% maior entre as safras 2017/18 e 2018/19. E a soja deve continuar a ser o produto de maior rentabilidade e maior liquidez do mercado. Assim, para a safra 2018/19, espera-se que os agricultores brasileiros aumentem a área de soja nos principais estados produtores, bem maior que nos últimos anos.

Mas o fator de maior relevância para o possível aumento de área de soja para safra 2018/19 é a guerra comercial entre China e Estados Unidos, pois os americanos devem diminuir muito suas exportações para os chineses, abrindo o mercado para que a soja brasileira seja exportada em maior quantidade para a China.

O mercado continua muito incerto para 2019, pois existe a possibilidade de conversas entre o governo chinês e americano, no intuito de acabar com a taxa de importação de 25% da soja americana, afetando tanto as exportações americanas como a brasileira, que neste caso seria menor. Mas caso a taxa continue, o que é bem provável, as exportações americanas para safra 2018/19 devem ser menores que na safra 2017/18, e a safra e exportações brasileiras muito maiores.

Os preços internacionais devem continuar baixos se os EUA não conseguirem dar destinação a sua safra, mas também existe a possibilidade do governo americano intervir, bancar compras e incentivar os esmagamentos de soja em grão, com parte dos 12 bilhões de dólares já destinados para isso. Caso esses fatores se concretizem, os preços internacionais, e por consequência os nacionais, devem subir.

Outro fator importante a ser salientado, para 2019, é o tabelamento dos fretes, que deve afetar diretamente nos preços internos. Além disso, caso os fretes estejam muito altos, como em julho de 2018, quando os preços tabelados estavam 30% maiores que no mesmo período de 2017, os agricultores podem diminuir sua comercialização, afetando mais ainda o consumo interno.

Para complementar as incertezas para 2019, temos ainda uma eleição muito indefini-

da, que deve interferir principalmente nos preços do dólar, afetando positivamente nos preços nacionais, mas, por outro lado, este aumento de dólar estimado para 2019 deve aumentar os custos de produção.

Caso os preços internacionais continuem acima de US\$ 9,00/bu, os preços pagos ao agricultor em 2019 devem ficar maiores que os preços praticados em 2018, motivado principalmente pelo dólar cotado acima de R\$ 3,60 e com os prêmios de porto altos.

Portanto, a produção estimada para a safra 2018/19 pelo Usda está em um valor bastante aceitável para a safra em questão. E caso não ocorra nenhum problema climático na época de plantio, desenvolvimento de safra e colheita, o Brasil deverá ser o maior produtor de soja do mundo e se manterá como maior exportador de soja mundial.

Com isso, a área brasileira para a safra 2018/19 de soja provavelmente terá um aumento de 6,83%, podendo chegar ao valor de 37,50 milhões de hectares, com uma produtividade de 3.210kg/ha, formando assim uma produção de 120,50 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 0,84% em relação à safra 2017/18, com uma exportação estimada em 75 milhões de toneladas e esmagamento próximo de 43 milhões de toneladas, com um estoque de passagem de apenas 388 mil toneladas, mas dentro da normalidade. Entretanto, provavelmente a produtividade estimada para safra no Brasil será maior, como o ocorrido nos últimos anos, e, assim, aumentará a produção para safra 2018/2019, com um aumento, também, nas exportações, que devem estar muito aquecidas em 2019.

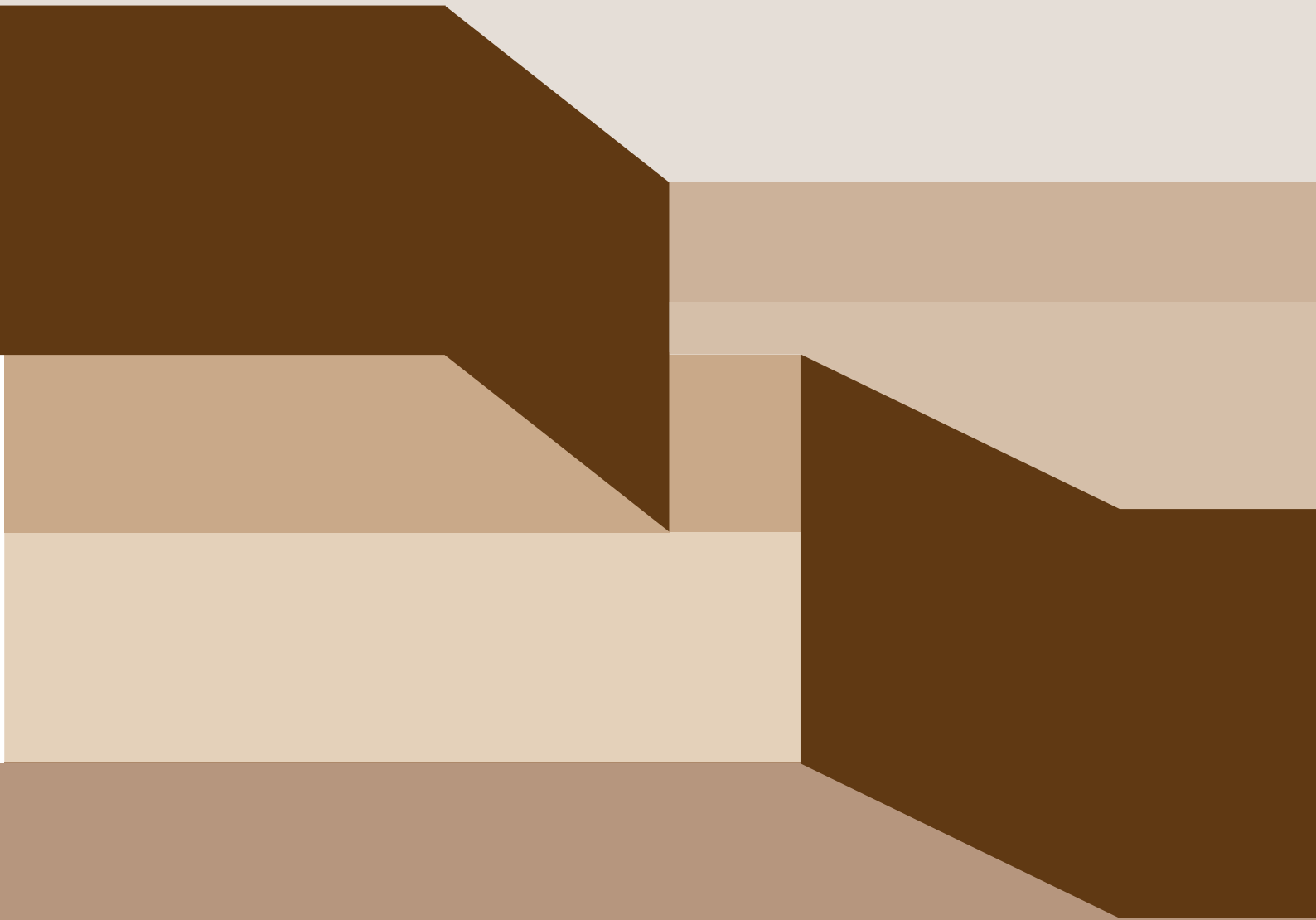
Tabela 8.
Soja em grãos - oferta e demanda Brasil¹ - em mil t

DESCRIÇÃO/SAFRA	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
ESTOQUE INICIAL	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6
PRODUÇÃO	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8	120.500,0
IMPORTAÇÃO	324,1	400,0	300,0	400,0	400,0
SUPRIMENTO	98.103,6	96.764,0	115.857,4	120.888,6	122.388,6
ESMAGAMENTO	39.600,0	40.200,0	41.800,0	43.000,0	43.000,0
SEMENTE E OUTROS	3.250,0	3.500,0	4.300,0	4.400,0	4.000,0
CONSUMO TOTAL	42.850,0	43.700,0	46.100,0	47.400,0	47.000,0
EXPORTAÇÃO	54.324,2	51.581,9	68.154,6	72.000,0	75.000,0
ESTOQUE FINAL	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6	388,6

Legenda: (1) refere-se ao ano civil janeiro a dezembro.

(*) - Estimativa.

Fonte: Conab com base nos números do Usda.



Conab

MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**